

BRUNO RAVANELLI PESSA

JORNALISMO LITERÁRIO A SERVIÇO DA IMPRENSA  
ALTERNATIVA: Contribuições

Universidade Metodista de São Paulo  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
São Bernardo do Campo-SP, 2011

BRUNO RAVANELLI PESSA

JORNALISMO LITERÁRIO A SERVIÇO DA IMPRENSA  
ALTERNATIVA: Contribuições

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da UMESP-Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cícilia Maria Krohling Peruzzo

Universidade Metodista de São Paulo  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
São Bernardo do Campo-SP, 2011

## FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação de mestrado sob o título “Jornalismo literário a serviço da imprensa alternativa: Contribuições”, elaborada por Bruno Ravanelli Pessa, foi apresentada e aprovada no dia 19 de abril de 2011, perante banca examinadora composta pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Círcia Peruzzo (Presidente/UMESP), pelo Prof. Dr. Wilson Bueno (Titular/UMESP) e pelo Prof. Dr. Edvaldo Pereira Lima (Aposentado/USP).

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Círcia Peruzzo

Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

---

Prof Dr Laan Mendes de Barros

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Área de concentração: Processos Comunicacionais

Linha de pesquisa: Processos Comunicacionais Midiáticos

## **AGRADECIMENTOS**

A Sandra Reimão, primeira orientadora, pelo abrigo e passos iniciais.

A Cícilia Peruzzo, orientadora definitiva, pela flexibilidade e compreensão desmedidas.

Aos responsáveis pela concessão da bolsa de estudos Capes flexibilizada na Umesp.

À biblioteca do campus Rudge Ramos da Umesp, pelo acesso às edições do jornal Brasil de Fato.

Aos meus dedicados pais, pelos enormes investimentos afetivo e material

A Arianne Pessa, mais do que companheira.

A minha irmã Lisandra, familiares, amigos e demais fontes de apoio, auxílio e vibrações positivas.

A Deus, por tudo que escapa à capacidade humana.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I - JORNALISMO LITERÁRIO</b> .....	14
1. Reportagem, o grande ponto de partida.....	14
2. Livro-reportagem, potencialmente literário.....	16
3. <i>New journalism</i> e seus frutos.....	25
4. Conceitos, traços e atributos do JL.....	28
<b>CAPÍTULO II – JORNALISMO LITERÁRIO NA PRÁTICA: EXEMPLOS</b>	
<b>INSPIRADORES</b> .....	40
1. Livro-reportagem: Colômbia espelho América.....	40
2. Reportagem em revista: piauí.....	46
2.1. “Ego nas alturas”, um perfil .....	47
2.2. “Data Venia, o Supremo”, seriada.....	50
3. Reportagem em jornal: Eliane Brum.....	53
3.1. “História de um olhar”.....	54
3.2. “Adail quer voar”.....	56
3.3. “Enterro de pobre”.....	56
3.4. “Um certo Geppe Coppini”.....	58
3.5. “O cativoiro”.....	59
3.6. O JL de Eliane Brum.....	59
<b>CAPÍTULO III – IMPRENSA ALTERNATIVA</b> .....	62
1. Conceitos, origens e ramificações.....	62
2. Referências do passado e exemplos do presente.....	72
2.1. Alternativos de ontem.....	71
2.2. Alternativos de hoje.....	75
2.2.1. Brasil de Fato.....	76
2.2.2. Caros Amigos.....	76
2.2.3. Le Monde Diplomatique.....	76
2.2.4. Fórum.....	77

2.2.5. Ocas”.....	78
2.2.6. Viração.....	80
3. Jornal Pessoal, um caso à parte.....	82
<b>CAPÍTULO IV – JORNALISMO LITERÁRIO NA IMPRENSA ALTERNATIVA..</b>	<b>86</b>
1. Pontos em comum.....	86
2. Por que Brasil de Fato e Caros Amigos?.....	88
3. A análise de conteúdo.....	94
3.1. Teoria: Conceitos e fases.....	94
3.2. Prática: Amostragem e etapas.....	95
3.2.1. 1ª etapa: Pré-análise e definição da amostragem.....	95
3.2.2. 2ª etapa: Exploração do material - as categorias.....	98
3.2.2.1. Proporção das categorias em Brasil de Fato.....	99
3.2.2.2. Proporção das categorias em Caros Amigos.....	100
3.2.3. 3ª etapa: Tratamento dos resultados e interpretação - introduzindo o JL.....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>141</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>143</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>151</b>

## RESUMO

PESSA, Bruno Ravanelli. **Jornalismo literário a serviço da imprensa alternativa: contribuições**. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Faculdade de Comunicação. UMESP, São Bernardo do Campo, março 2011.

Com caráter propositivo, este estudo interliga duas áreas aparentemente sem conexões do campo jornalístico: jornalismo literário e imprensa alternativa. Visa verificar possíveis contribuições das técnicas literárias para o aprofundamento qualitativo das reportagens nos veículos alternativos, no sentido de uma maior colaboração para o diálogo social e o protagonismo humano. Utilizando-se de pesquisa bibliográfica e documental, ancora-se na hipótese de que o JL pode auxiliar a imprensa alternativa a humanizar os personagens de suas narrativas, recorrendo a exemplos inspiradores de jornalismo literário na prática, em diferentes suportes, antes de efetuar a confluência entre recursos literários e reportagens de duas publicações alternativas reconhecidas nacionalmente na atualidade – o jornal Brasil de Fato e a revista Caros Amigos -, por meio de análise de conteúdo. Conclui que a contribuição do jornalismo literário para a imprensa alternativa é possível tendo como sustentação os pilares da imersão do repórter na realidade e da humanização.

**Palavras-chave:** jornalismo, reportagem, jornalismo literário, imprensa alternativa, protagonismo humano

## ABSTRACT

Propositional in character, this study links two seemingly unrelated areas of the journalistic field: literary journalism and alternative press. It aims to check possible contributions of literary techniques to deepen the qualitative reports in alternative vehicles in order to better cooperation for social dialogue and human role. Using the bibliographic and documentary researches, the work anchor itself on the assumption that the LJ can help alternative press to humanize the characters in their narratives, resorting to inspiring examples of literary journalism in practice in different media, before making the confluence of literary devices and reports of two alternative publications nationally recognized today - the newspaper Brasil de Fato and the magazine Caros Amigos - through content analysis. Concludes that the contribution of literary journalism for the alternative press is feasible having as the support the pillars of reporter's immersion in the reality and humanization.

**Keywords:** journalism, reportage, literary journalism, alternative press, human role



## RESUMEN

De carácter proposicional, este estudio vincula dos áreas aparentemente sin conexiones del campo periodístico: el periodismo literario y la prensa alternativa. Visa verificar las posibles contribuciones de las técnicas literarias para la profundización cualitativa de los reportajes en los vehículos alternativos, con el fin de una mayor colaboración para el diálogo social y el protagonismo humano. Haciendo uso de la investigación bibliográfica y documental, se ancla en el supuesto de que el PL puede ayudar la prensa alternativa a humanizar los personajes de sus narraciones, recurriendo a los ejemplos inspiradores del periodismo literario en la práctica, en diferentes soportes, antes de efectuar la confluencia entre los recursos literarios y los informes de dos publicaciones alternativas reconocidas a nivel nacional - el periódico Brasil de Fato y la revista Caros Amigos - a través de la análisis de contenido. Concluye que la contribución del periodismo literario para la prensa alternativa es posible siendo como apoyo los pilares de inmersión del periodista en la realidad y de la humanización.

**Palabras clave:** periodismo, reportaje, periodismo literario, prensa alternativa, protagonismo humano

## INTRODUÇÃO

Uma análise superficial das expressões jornalismo literário e comunicação alternativa pode, a princípio, não encontrar qualquer aproximação entre os dois campos jornalísticos. Porém, um olhar mais detido identificará pontos em comum que permitirão um intercâmbio profícuo entre ambos os modos, ancorado principalmente nas idéias – e, por que não, nos ideais? – de protagonismo humano e diálogo social.

Muito mais do que um exercício estilístico de redação e edição com intenção de apuro estético, o jornalismo literário oferece técnicas e recursos para que a reportagem possa atingir um grau de aprofundamento satisfatório, tanto do ponto de vista de uma compreensão mais acurada dos personagens da vida real, quanto da identificação com a trama narrada e da apreciação da parte de quem frui o texto. Entendemos o “JL” como um valioso aliado da prática do jornalismo de qualidade, pautado, primordialmente, pela preocupação com os sujeitos que dão sentido e direção a qualquer investigação jornalística.

A comunicação alternativa, por sua vez, se apresenta como um canal dissonante do jornalismo convencional praticado pela chamada “grande imprensa”, atrelada aos interesses do capital e comprometida com a manutenção do status quo no qual as minorias privilegiadas subjagam as maiorias sociais desfavorecidas economicamente. Com um caráter popular que se manifesta de forma variável, conforme o perfil e os agentes envolvidos na produção de cada veículo, os meios alternativos abrem espaço para que setores marginalizados da população e pela grande imprensa mostrem a sua cara, se expressem e revelem as dificuldades e os dramas que acompanham seus cotidianos.

Entretanto, mostrar os sujeitos “invisíveis” para o público ao qual se dirigem não basta para que os periódicos alternativos humanizem de fato esses indivíduos, revelando-os com a complexidade e a riqueza de situações que os cercam para que haja, por conseqüência, um entendimento mais amplo sobre esses agentes sociais, tão humanos quanto qualquer um de nós. Trata-se de uma lacuna que, segundo a hipótese de pesquisa que levantamos, o jornalismo literário pode ajudar o alternativo a superar, além de torná-lo mais atrativo do ponto de vista da apreensão do texto jornalístico. Veremos, no decorrer desta dissertação, que o natural interesse das pessoas pelo que se passa com outras pessoas favorece a aceitação por parte de quem se depara com

narrativas devidamente humanizadas, que abrem horizontes e promovem uma compreensão contextualizada a respeito dos protagonistas da vida social. Entre os instrumentos favoráveis à humanização está o perfil, relato biográfico sintético capaz de lançar luzes sobre comportamento, valores, visão de mundo e episódios da história da figura humana em torno da qual ele se constitui.

Postas essas considerações, despontam as perguntas de pesquisa que originam este trabalho: pode o jornalismo literário se colocar a serviço da imprensa alternativa, para que esta alcance suas finalidades, de acordo com cada proposta editorial, por meio de reportagens mais aprofundadas do ponto de vista humano e, conseqüentemente, social? Em caso de resposta positiva, de que forma essa contribuição pode acontecer?

Com este estudo, visamos identificar contribuições do jornalismo literário para a imprensa alternativa, como objetivo principal. Entre os objetivos específicos, estão apresentar, conceituar e discorrer a respeito de jornalismo literário e imprensa alternativa, bem como abordar exemplos de produções significativas de ontem e de hoje nas duas áreas, para termos subsídios que nos capacitem a executar a confluência almejada desde o ponto de partida. A fim de evitar que essas contribuições levantadas pela pesquisa se tornem demasiadamente abstratas, e com o intuito de permitir que elas ultrapassem o plano teórico, julgamos importante exercitar a aplicação das técnicas e recursos do jornalismo literário em reportagens de meios alternativos com circulação atual no Brasil, como modo de exemplificação e ancoragem da proposta na prática.

Para atingirmos as metas listadas acima, tomamos como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a análise de conteúdo, todos com ênfase no caráter qualitativo, conforme estabelecido abaixo:

1. Por meio da pesquisa bibliográfica concentrada em autores, obras, trabalhos de pensadores consagrados e estudos de pesquisadores recém-iniciados no universo da produção acadêmica, efetuamos o conhecimento do estado da arte a respeito de jornalismo literário e comunicação alternativa. Trata-se do passo inicial e fundamental para nos situarmos e podermos lidar com os campos jornalísticos sobre os quais se focaliza nossa investigação.

De acordo com Antonio Carlos Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos", nos suportes impresso ou digital. O autor coloca que a principal vantagem desse tipo de pesquisa reside no fato de permitir ao investigador a cobertura

de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

2. Por meio da pesquisa documental, procedemos à análise de produções jornalísticas significativas que exercitassem técnicas literárias em diferentes meios, corroborando a tese de que o jornalismo literário é aplicável em variados formatos de reportagem, quer ela se situe nos suportes livro-reportagem, revista ou jornal. Essas produções foram o livro-reportagem "Colômbia espelho América", duas reportagens veiculadas na revista piauí e cinco reportagens assinadas por Eliane Brum e publicadas no jornal "Zero Hora".

Segundo Arilda Schmidt Godoy (1995, p. 21), denomina-se pesquisa documental o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares. Como uma fonte não-reativa, os documentos portam dados que permanecem os mesmos após longos períodos de tempo e podem ser considerados uma fonte natural de informações "à medida que, por terem origem num determinado contexto histórico, econômico e social, retratam e fornecem dados sobre esse mesmo contexto" (GODOY, 1995, p. 22).

3. Novamente por meio da pesquisa documental, fazendo uso da análise de publicações e da consulta de sites especializados - como as home-pages dos veículos -, buscamos exemplos de meios alternativos de papel reconhecido na história recente e no cenário contemporâneo da comunicação alternativa no Brasil, para conhecermos melhor as manifestações desse nicho jornalístico.

4. Por meio da análise de conteúdo de um corpus de reportagens de duas publicações que conquistaram lugar de destaque no segmento alternativo nacional, o jornal Brasil de Fato e a revista Caros Amigos, executamos a confrontação dos recursos disponibilizados pelo jornalismo literário com as reportagens selecionadas de veículos alternativos em circulação na atualidade, para verificarmos possibilidades de contribuição dos primeiros para as segundas.

Formato de pesquisa documental, a análise de conteúdo de enfoque qualitativo busca "compreender as características, estruturas e/ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tomados em consideração" (GODOY, 1995, p. 23). A técnica prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na primeira etapa, de leitura flutuante dos documentos para posterior

seleção e organização, reunimos quatro edições de Brasil de Fato e quatro de Caros Amigos, tomamos contato com as matérias jornalísticas e "recortamos" 41 reportagens. Na etapa de exploração do material, orientamo-nos pelo foco, hipótese e objetivos traçados anteriormente para efetuarmos a classificação das reportagens, categorizando-as em "com abertura para jornalismo literário" e "sem abertura para jornalismo literário". Por fim, na etapa final, procuramos condensar os resultados em busca de padrões, tendências e relações implícitas, com a indicação de determinados recursos literários conforme as características e potencialidades de cada reportagem.

Com as etapas descritas acima realizadas, o texto da dissertação contou com quatro capítulos estruturados da maneira como relataremos a seguir.

O primeiro capítulo é dedicado às formulações teóricas que cercam o entendimento que fazemos do jornalismo literário, a começar pelos formatos jornalísticos que o abrigam, como a reportagem e o livro-reportagem. Atenção particular é conferida à tendência de sucesso e repercussão por várias décadas que ficou conhecida como *new journalism*. O texto vai buscar os autores que apresentaram trabalhos sobre esse campo do jornalismo ainda pouco estudado academicamente no Brasil, embora já conte com uma instituição de ensino destinada a formar especialistas no tema desde 2005, como é o caso do autor desta dissertação.

O segundo capítulo apresenta exemplos da prática do jornalismo literário, que podem ser considerados inspiradores por suas qualidades, em reportagens publicadas em três suportes impressos diferentes: livro, revista e jornal<sup>1</sup>. Em livro-reportagem, é tomado um caso emblemático, por meio do qual um estudioso do assunto, Edvaldo Pereira Lima, testa na prática as potencialidades teóricas do seu objeto de pesquisa. As reportagens em revista procedem de uma publicação caracterizada pela abertura de espaço para narrativas de fôlego, que valorizam a investigação jornalística em textos livres de amarras editoriais, como é a piauí. Já no quesito jornal, quem demonstra seu talento é a premiada jornalista Eliane Brum, por meio de crônicas-reportagens nas quais o estilo, a voz autoral e a sensibilidade da repórter se deixam aflorar. Convém destacar que o hiato temporal entre as reportagens escolhidas (mais de vinte anos separam "Colômbia espelho América" de "Ego nas alturas", por exemplo) deixa transparecer a permanência do jornalismo literário para além de um momento histórico circunscrito, o

---

<sup>1</sup>Os textos selecionados em jornal e revista podem ser lidos, na íntegra, na seção de anexos deste trabalho.

que não pode ser desprezado.

O terceiro capítulo discorre sobre a imprensa alternativa, estabelecendo conceitos e desdobramentos desde a efervescência dos veículos que se colocavam, das mais variadas maneiras, como oposição ao regime militar brasileiro entre as décadas de 1960 e 1980. Autores que se debruçaram sobre as distintas matizes e manifestações da comunicação alternativa, nos últimos trinta anos, ajudam a entender a correlação entre os meios e os movimentos populares e as mudanças efetivadas no esteio da redemocratização do país. Publicações que se tornaram referências no passado e na atualidade são apresentadas, em um panorama que elucida um pouco da prática do jornalismo alternativo brasileiro, com destaque para o caso singular representado pelo "Jornal Pessoal". O texto aborda ainda "O Pasquim", "Opinião" e "Movimento", "Coojornal", "Grita Povo", já extintos, além de "Brasil de Fato", "Caros Amigos", "Le Monde Diplomatique", "Ocas", "Fórum" e "Viração".

Por fim, o quarto e último capítulo promove a interação entre jornalismo literário e imprensa alternativa, usando dois meios de comunicação alternativos de reconhecimento nacional como laboratórios para a aplicação das técnicas e recursos literários. Uma extensa análise de conteúdo, abrangendo 41 reportagens de edições recentes do jornal Brasil de Fato e da revista Caros Amigos, visa demonstrar, em termos bastante práticos, se existe e em que casos se verificam a aplicabilidade dos itens que compõem o cardápio do jornalismo literário.

De forma geral, acreditamos que esta pesquisa presta contribuições à produção acadêmica de jornalismo das seguintes formas: ao apresentar uma proposta original na área, ao revelar o enriquecimento que dois campos podem experimentar ao superarem suas próprias fronteiras e ao questionar uma possível interpretação simplista, impregnada de purismo ou talvez preconceitos, de que jornalismo literário e imprensa alternativa não podem se unir em benefício de um resultado qualitativo para quem produz e/ou consome o jornalismo.

## Capítulo I - JORNALISMO LITERÁRIO

*"Somos todos escritores. Só que uns escrevem, outros não" (José Saramago)*

### 1. Reportagem, o grande ponto de partida

No decorrer do texto deste capítulo, nos depararemos com a aceção de que jornalismo literário é uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico. Neste estudo, deixaremos de lado o formato ensaio jornalístico – que mescla narrativa e reflexão dissertativa de tom não-acadêmico -, pois nos interessa o jornalismo literário praticado na reportagem de profundidade, para uma posterior tentativa de aplicação no jornalismo alternativo, considerando que a reportagem é a espécie narrativa propícia ao exercício do jornalismo literário mais comum nesse tipo de mídia.

Segundo Manuel Carlos Chaparro (2008, p. 178), as espécies narrativas Notícia, Reportagem, Entrevista e Coluna fazem parte do gênero Relato que, ao lado do gênero Comentário, constituem os gêneros do discurso jornalístico. Com base em reflexão teórica e análise estrutural de textos de jornais brasileiros e portugueses, Chaparro (2008, p. 162) propõe uma nova classificação de gêneros por concluir que o paradigma dicotômico Informação X Opinião encontra-se superado no jornalismo contemporâneo. "Informação e Opinião estão inevitavelmente associadas em qualquer texto jornalístico, até porque não existe texto dissociado da ação de pensar", afirma o pesquisador.

Podemos entender a reportagem como “uma extensão da notícia e, por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11). Se a notícia é o relato de um fato de interesse jornalístico, a reportagem é a narrativa que aborda as origens, implicações e desdobramentos do fato, bem como apresenta os personagens envolvidos nele, humanizando-os em menor ou maior grau. A reportagem enriquece as linhas de tempo e espaço da notícia, superando os limites do *acontecer* para um *estar acontecendo* atemporal ou menos presente e conduz a um quadro interpretativo do fato, como apontam Martins e Araújo (2003, p. 99), resgatando formulação de Medina (1988).

Muniz Sodré (1986, p. 11), Maria Helena Ferrari (1986, p. 11) e Dimas Künsch (2005, p. 44) apresentam definições para narrativa. Para os dois primeiros, ela é “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11). De acordo com Künsch (2005, p. 44), a narrativa se põe a serviço das forças instauradoras do cosmos - no sentido da organização da vida humana -, em oposição às forças produtoras do caos. Nesse sentido, este autor se baseia em Cremilda Medina (2003, p. 48), que diz:

Dotada da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (MEDINA, 2003, p. 48).

Voltando à reportagem, pode-se dizer que ela sempre pressupõe investigação e interpretação, como aponta Lage (2001, p. 39); é a expressão do jornalismo interpretativo, que busca preencher os vazios informativos deixados pela notícia por meio de uma narrativa multiangular composta por ingredientes como contexto – a rede de forças que atuam sobre o fato -, antecedentes, projeção no futuro, suporte especializado - quem possui conhecimento sobre o fato - e perfil dos personagens relacionados ao fato (LIMA, 2004, p. 20).

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia.

Na grande-reportagem, é possível promover o aprofundamento extensivo e intensivo da reportagem. De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 40), o aprofundamento extensivo/horizontal amplia quantitativamente a taxa de conhecimento do leitor sobre o tema, por meio de dados, números, informações e detalhes relacionados. Já o aprofundamento intensivo/vertical amplia qualitativamente essa taxa,



apontando causas, consequências, efeitos, desdobramentos, repercussões e implicações do assunto reportado.

Pode-se identificar os Estados Unidos do alvorecer do século XX como o principal cenário de eclosão para a reportagem como a conhecemos hoje. O período era de crescente profissionalização da imprensa, testada de forma inédita com o desenrolar da Primeira Guerra Mundial (1914-18), no que diz respeito à sua capacidade de informar as pessoas sobre um evento de proporções mundiais.

Deste episódio ficou a lição de que um acontecimento de tal complexidade como uma guerra não pode ser entendido a partir de inúmeros fatos isolados. Era preciso “ir ao encontro da crescente demanda de noticiário em profundidade”, conforme nos diz Künsch (2005, p. 49). Como afirma Lima (2004, p. 19), descobriu-se que a imprensa estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor os possíveis sentidos e rumos dos acontecimentos. O primeiro nome de relevância na história da reportagem brasileira foi o de João Paulo Alberto Coelho Barreto, conhecido como João do Rio (1881-1921). Considerado um mestre da crônica e da reportagem na capital fluminense do início do século XX, ele praticamente “inventou” a prática de buscar informação na rua para construir, sobre o momento, a história dos fatos presentes (MEDINA, 1988, p. 62).

A reportagem ganhou espaço não só nos jornais, mas se atrelou à revista semanal de informação geral a partir da década de 1920. O modelo da revista *Time*, criada nos EUA em 1923, é tão bem-sucedido que inspirou “filiais” em várias partes do mundo, sobretudo na Europa e no Brasil, como é o caso da revista “Veja”, fundada em 1968 e consolidada atualmente como a revista de maior circulação no país. A década de 1960, aliás, seria um momento de destaque na história da reportagem, com o desabrochar do *new journalism* nos Estados Unidos e da grande-reportagem no Brasil, em periódicos como a revista “Realidade” e o “Jornal da Tarde”. Mas voltaremos a este período mais adiante.

## **2. Livro-reportagem, potencialmente literário**

Da extensão de uma grande-reportagem ou do encadeamento de reportagens que formem uma unidade como elementos de um único enredo pode-se chegar, como resultado, ao livro-reportagem. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 26), livro-

reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Por grau de amplitude superior, entende-se maior ênfase ao tratamento do tema em foco nos aspectos extensivo e intensivo.

Antes de avançarmos na compreensão de livro-reportagem, façamos um parêntese para a definição do que venha a ser livro. Lima (2004, p. 26) extrai do Dicionário de Comunicação, de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa, a concepção de livro como publicação não-periódica que consiste materialmente na reunião de folhas de papel impresso ou manuscritas, organizadas em cadernos, soltas ou presas por processo de encadernação e técnicas similares. Segundo as normas da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, fundada em 1945), considera-se livro a publicação com mais de 48 páginas. Em número menor do que esse, pode ser livreto, mas não livro.

O livro-reportagem pode resultar da simples compilação de reportagens já publicadas (coletânea) ou do trabalho feito para livro, mas concebido e realizado em termos jornalísticos. Ele se distingue dos demais tipos de livro por três condições essenciais: conteúdo, tratamento e função (LIMA, 2004, p. 27-28)

No que versa sobre o conteúdo, seu objeto de abordagem necessariamente corresponde ao real, provido de veracidade e verossimilhança, seja uma ocorrência social já definida ou uma situação mais ou menos peregrina, como um estado de coisas sem um acontecimento central. Quanto ao tratamento, sua linguagem é eminentemente jornalística, formada pelo equilíbrio entre a comunicação eficiente (registro formal) e a aceitação social (registro coloquial), mas com maior maleabilidade do que se vê em veículos periódicos, pela possibilidade mais clara da exposição de marcas autorais.

Finalmente, o livro-reportagem serve a distintas finalidades que se desdobram dos objetivos básicos de informar, orientar e explicar, enveredando pelos diversos gêneros jornalísticos existentes: jornalismo informativo arredondado (aprofundamento apenas extensivo), jornalismo interpretativo (aprofundamentos extensivo e intensivo), jornalismo opinativo (postura unilateral para defender um conjunto de princípios), jornalismo investigativo (tom de denúncia) e jornalismo diversional (voltado para o lazer).

A função particular do livro-reportagem é

informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo (LIMA, 2004, p. 39)

Suas características e especificidades se formam a partir de uma relação de complementaridade aos veículos de comunicação periódicos, cuja natureza cria demandas para que se produzam livros-reportagem.

Um exemplo da afirmação acima reside na abordagem da atualidade. Este conceito, no livro-reportagem, se enquadra em uma ótica mais elástica do que nos veículos periódicos, que de certa forma acabam limitados ao imediatismo dos fatos ocorridos no presente, em detrimento ao que é tido como “velho” e, portanto, excluído da pauta diária. Para entender a contemporaneidade, o livro-reportagem permite avançar no tempo histórico, “ressuscitando” o passado, que ganha sobrevida e é reatualizado em seus significados. Tais procedimentos aproximam o jornalismo praticado no livro-reportagem da História quando esse jornalismo se trata do jornalismo literário, o que não acontece de forma acidental, pois o exercício do jornalismo literário está sempre aberto ao diálogo e à apropriação de recursos das ciências humanas e sociais, sobretudo no suporte livro.

Vinculada à atualidade encontra-se a periodicidade, característica estabelecida como lei na imprensa convencional da qual escapa, por exemplo, o livro-reportagem. Os imperativos decorrentes da periodicidade expõem a mídia cotidiana ao risco da superficialidade no tratamento dos temas veiculados, transmitindo informações imprecisas e incompletas porque a luta contra o relógio dificulta a investigação em profundidade, possível no livro-reportagem. Atualmente, o caráter empresarial dos meios de comunicação impõe condições laborais que também tornam superficial o trabalho do jornalista, obrigado a produzir em maior quantidade e, assim, dedicar menos tempo ao aprofundamento das notícias e reportagens em termos qualitativos.

Os veículos periódicos da chamada “grande imprensa” se inserem em uma lógica de sobrevivência financeira alimentada principalmente por verbas publicitárias e orientada a ganhar terreno diante da concorrência. O espaço publicitário afunila o espaço da reportagem e a obriga, em freqüentes ocasiões, a tomar corpo de notícia, pela

necessidade de se reduzir e sintetizar o texto, respeitando o tradicional esquema da pirâmide invertida, com as informações consideradas mais importantes no topo do relato. Como é possível publicar mais de uma notícia no espaço correspondente a uma reportagem, e, por outro lado, veicular muitas notícias torna-se fundamental para não ser “furado” pela concorrência, caso ela destaque determinada informação com antecedência, a notícia se encaixa perfeitamente no perfil dos veículos periódicos, diminuindo o espaço da reportagem nesses meios.

Por sua vez, de maneira radicalmente oposta, o livro-reportagem goza de autonomia de extensão e conteúdo, porque não precisa de espaço publicitário, não está suscetível ao jogo de interesses que interfere nos meios empresariais periódicos nem possui concorrentes diretos que interfiram na escolha de suas temáticas. Desta forma, o livro-reportagem se apresenta como alternativa para jornalistas dispostos a buscar espaço para a publicação de reportagens de fôlego, bem como outros formatos jornalísticos que oferecem abrigo a praticantes do jornalismo literário. Eduardo Belo (2006, p. 42) ressalta que o livro, por sua extensão, leva evidente vantagem em relação aos periódicos no momento “de explorar as ramificações de um tema, as conexões entre fatos diferentes, os desdobramentos de cada história e as infinitas maneiras de contá-la”. Ou seja, o livro-reportagem oferece uma visão mais ampla e profunda, sem a fragmentação característica da cobertura jornalística cotidiana.

Também contribuem para que a reportagem migre da imprensa convencional para o livro o investimento inicial que ela demanda e os resultados que pode gerar. Como lembra Ricardo Kotscho, veterano jornalista com muita experiência na prática da reportagem, grandes-reportagens exigem investimento de dinheiro e de tempo e por isso estão desaparecendo dos jornais (KOTSCHO, 1989, p. 69). Ou simplesmente não agradam ou interessam aos veículos por motivos editoriais (fugindo às propostas e padrões que regem os meios) ou comerciais (dando baixo retorno de audiência). Atrofiadas na grande mídia periódica, elas encontram abrigo no livro-reportagem, impulsionadas pela motivação e inquietude dos jornalistas impedidos, no trabalho cotidiano, de dizer tudo o que gostariam e com o potencial narrativo de que dispõem – um exemplo candente é o de Caco Barcellos, autor de “Rota 66” e “Abusado”, livros-reportagem que se tornaram referências brasileiras a partir de investigações e inspirações oriundas do trabalho cotidiano de repórter.

A liberdade em relação à estrutura empresarial favorece a expressão das marcas autorais do jornalista que escreve livro-reportagem, no qual se identificam o estilo e a forma de narrar de quem o produz. Embora o livro-reportagem seja uma obra jornalística e não-ficcional, a aproximação com a literatura é inegável. “Quando uma história se mantém no foco do interesse público, é quase certo virar uma ‘reportagem-novela’. Reproduz-se, então, a mesma fórmula do folhetim, que veio a dar no romance – e surge o livro-reportagem” (SODRÉ, 1986, p. 94).

Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 146) diz que a chance que o jornalismo poderia ter para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando meios sem porém jamais perder a sua especificidade, sofisticando seu instrumental de expressão, de um lado, e elevando seu potencial de captação do real, de outro. A respeito dessa interseção, Renato Modernell (2009, p. 45) frisa que literatura e jornalismo continuam a ser campos diferentes no universo textual. “Para diferenciá-los, o vínculo com o real é a pedra de toque. No segundo caso, o do jornalismo, esse vínculo é obrigatório, mesmo que difuso”, afirma. Entretanto, como menciona Carlos Peixoto (2002, p. 124), “jornalismo e literatura são interdependentes e as diferenças que foram colocadas entre ambos estão se tornando cada vez mais irrelevantes”.

Os procedimentos jornalísticos que dão vazão ao livro-reportagem nada mais são do que o conjunto de etapas conformadoras de qualquer produção em jornalismo: pauta, captação, redação e edição. Entretanto, cada uma delas apresenta feições próprias, que unidas desembocarão em um produto singular.

A pauta se vê livre das amarras típicas da imprensa convencional, como periodicidade, atualidade e linha editorial, além de se desenvolver livremente no que diz respeito a aspectos como angulação, abordagem, tema tratado, fontes ouvidas, eixo temporal e propósito. A captação não abre mão de instrumentos consagrados no cotidiano jornalístico, como pesquisa, documentação e entrevista. Porém, considera e executa a entrevista como um diálogo mais interativo e esclarecedor do personagem que fala, aberto para a fluência natural de uma conversa entre pessoas que se manifestam quase que espontaneamente. E ainda pode lançar mão de ferramentas específicas das ciências humanas, como história de vida, história oral e observação participante<sup>1</sup>. É

---

<sup>1</sup>Sobre esses temas, recomendamos as leituras de “História Oral: Como fazer, como pensar”, de José Carlos Sebe Bom Meihy (Contexto, 2007) e “Etnografia e Observação Participante”, de Michael Angrosino (Bookman, 2009).

essencial que a apuração seja precisa, e muito importante que ela seja extensa, pois, como coloca Belo (2006, p. 42), “a concepção de um livro-reportagem requer informação capaz de superar as barreiras do imediato e do superficial, de modo a fazê-lo permanecer como objeto de interesse por muito e muito tempo”.

Na redação, o livro-reportagem absorve o estilo do autor, ficando impregnado com sua forma de narrar e encadear descrições e cenas, ao sabor dos recursos literários que o escritor julgar conveniente para tornar a narrativa fluente e viva para o leitor. Essa "impregnação autoral", aberta à criatividade e ao talento do escritor, se torna possível pela ausência de fatores limitantes que em veículos periódicos se mostram presentes, como a necessidade da atualidade, o respeito aos prazos e a obediência à linha editorial dos meios, como apontam Martins e Araújo (2003, p. 99). Ao lado da fluência, o livro-reportagem, como produto acabado, deve mostrar eficiência nas tarefas de informar e orientar com profundidade, objetivos que a edição não deve perder de vista.

Com tais qualidades, o livro-reportagem teria atingido qualidade literária análoga à do romance, na avaliação de Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 269), por compartilhar com ele atributos como o antropocentrismo (busca do conhecimento da realidade humana), a fórmula estética que torna apazível a leitura, a transmissão eficiente de uma mensagem dotada de fluidez, a combinação de sólida documentação factual e estilística, e o relato de tramas acompanhado da reflexão de temas representativos de valores duradouros. Entretanto, é preciso deixar claro que nem todo livro-reportagem bem escrito e bem fundamentado em termos de investigação jornalística necessariamente pratica ou deve praticar o jornalismo literário, conforme entendido nesta pesquisa.

De acordo com seus objetivos particulares e a natureza do tema abordado, o livro-reportagem pode assumir diferentes aspectos. Visando demonstrar o alcance de seu objeto de estudo, Lima (2004, p. 51-59) propôs uma classificação de suas variantes e identificou 13 tipos de livros-reportagem. Convém ressaltar que não se trata de uma categorização definitiva e estanque, de forma que mais de uma vertente pode ser encontrada em uma mesma obra. As vertentes são:

1. *Livro-reportagem-perfil*. Evidencia o lado humano de uma personagem pública ou anônima (representante de um grupo social); tem como variante o livro-reportagem-biografia, com mais destaque ao passado e menos ao presente da pessoa;

2. *Livro-reportagem-depoimento*. Reconstitui um acontecimento relevante na visão de um participante ou testemunha. Pode ser escrito pela própria testemunha, com auxílio de um jornalista, e geralmente sua narração é movimentada, com bastidores e ações encadeadas;

3. *Livro-reportagem-retrato*. Focaliza uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade-econômica ou uma instituição (pública, privada ou terceirizada), para traçar o retrato do objeto em questão (abordando características, mecanismos, problemas, complexidade, etc), familiarizando-o ao grande público e, assim, prestando um serviço educativo e elucidativo;

4. *Livro-reportagem-ciência*. Serve à divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico, com caráter de crítica ou reflexão;

5. *Livro-reportagem-ambiente*. Vinculado às causas ecológicas, pode ter feição romantizada ou combativo-crítica, sobre a harmonia das relações homem-natureza;

6. *Livro-reportagem-história*. Focaliza temas de um passado recente ou distante, destacando algum elemento que o conecta com o presente, propositadamente ou por fatores externos. Tem como variantes o livro-reportagem-empresarial, que trata do mundo dos negócios, de um grande grupo e suas conexões com a sociedade, e o livro-reportagem-epopeia, abarcando episódios históricos de grande relevância social (guerras, conflitos, revoluções e outros);

7. *Livro-reportagem-nova consciência*. Trata de temas das novas correntes comportamentais, culturais, econômicas e religiosas resultantes da contracultura e da aproximação às culturas orientais;

8. *Livro-reportagem-instantâneo ou da história imediata*. Debruça-se sobre um fato recém-concluído cujos contornos finais já podem ser identificados;

9. *Livro-reportagem-atualidade*. Difere do de cima porque capta um tema de maior magnitude e perenidade no tempo, cujos desdobramentos finais não são conhecidos, identificando as forças em conflito e projetando tendências possíveis de desfecho;

10. *Livro-reportagem-antologia*. Reúne várias reportagens sob diferentes critérios (mesmo autor, mesmo tema por autores distintos, mesmo gênero ou categoria em diferentes autores e temas);

11. *Livro-reportagem-denúncia*. Possui propósito investigativo de identificar injustiças, abusos, desmandos e incorreções, levantando casos marcados pelo escândalo;

12. *Livro-reportagem-ensaio*. Caracteriza-se pela presença muito evidenciada do autor e suas opiniões sobre o tema, de forma a convencer o leitor a compartilhar seu ponto de vista (persuasivo, com uso recorrente do foco narrativo na primeira pessoa);

13. *Livro-reportagem-viagem*. Toma a viagem a uma região geográfica específica como pretexto para trabalhar vários aspectos de caráter sociológico, humano, cultural e histórico do local. Difere do relato turístico e romantizado por se preocupar com pesquisa, coleta de dados e exame de conflitos, sem fechar os olhos para determinadas observações e pontos negativos (LIMA, 2004, p. 51 a 59).

Após situar o livro-reportagem no que diz respeito às suas origens, conceitos e procedimentos, esta pesquisa permite-se compreendê-lo como um veículo capaz de propiciar ao seu autor uma abordagem dos fatos e personagens de uma maneira contextualizada, além de apresentar uma fluência narrativa mais autoral do que a observada nos meios jornalísticos periódicos convencionais – consideração que se aproxima de outros estudos, como a hipótese de Maia e Rodrigues (2006, p. 32).

Convém ressaltar que a opção por definir o produtor de livro-reportagem como “autor” de forma genérica, e não especificamente “jornalista”, possui sua razão de ser, pois acreditamos que, por mais que se trate de um produto eminentemente jornalístico, o livro-reportagem pode atingir um patamar satisfatório de qualidade independentemente da formação ou função de quem o escreva. Além dos talentosos jornalistas que ousaram ultrapassar os limites da reportagem, não raros são os escritores de obras ficcionais que se aventuram a desenvolver livros-reportagem e acabam por obter considerável sucesso em termos de crítica e vendagem, como se verá no breve passeio histórico por livros-reportagem de enorme repercussão no Brasil e no mundo, nos parágrafos abaixo.

Repórter de destaque no cenário jornalístico nacional nos anos 1940, Joel Silveira teve suas reportagens sobre personalidades da sociedade brasileira à época compiladas em “A Milésima Segunda Noite na Avenida Paulista”, coletânea editada em 2003 pela Companhia das Letras. Em 1946, John Hersey marcou seu nome no jornalismo com “Hiroshima”, grande-reportagem publicada na revista norte-americana “The New Yorker”, convertida posteriormente em livro, a respeito de sobreviventes da bomba atômica que abateu a cidade japonesa. A “Hiroshima” é creditado o aparecimento das inovações que criariam as estruturas contemporâneas do jornalismo literário, após impulso considerável conferido pelo *new journalism*, do qual trataremos



adiante. Citando Ben Yagoda e Kevin Kerrane (1997, p. 111), Carlos Antonio Rogé Ferreira Júnior (2003, p. 283) afirma:

As marcas que seriam determinantes no conjunto de obras do *literary journalism* estariam na característica vital de a obra do norte-americano [John Hersey] ser “factualmente autêntica e absolutamente digna de confiança”, além de “reconstruir cenas e explorar o pensamento e emoções das personagens de maneira novelística” (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p. 283).

O contexto do *new journalism*, nos anos 1960, geraria obras de influência e repercussão até hoje, como “A Sangue Frio” de Truman Capote, “Aos olhos da multidão”, de Gay Talese, (editada recentemente no Brasil com o título de “Fama e Anonimato”) e “O Segredo de Joe Gould”, de Joseph Mitchell. Os textos de Capote, Talese e Mitchell são exemplos clássicos de histórias de anônimos trazidas a público por lentes acuradas na observação e captação da realidade.

Da América do Norte para a América do Sul, encontramos o colombiano Gabriel García Márquez e o uruguaio Eduardo Galeano no itinerário dos livros-reportagem de grande reverberação mundial. O primeiro, de talento literário reconhecido internacionalmente, inclusive com o Prêmio Nobel de Literatura (1982), compôs “Relato de um Naufrago” (1970), com base no depoimento em tom de denúncia de um sobrevivente de um naufrágio colombiano ocorrido em 1955, publicado na época no jornal *El Espectador*. Já o segundo empreendeu uma reconstituição de fôlego pela história do continente latino-americano, que redundaria no também mundialmente famoso “As Veias Abertas da América Latina” (1978), com forte teor crítico.

O Brasil, por fim, não ficaria para trás nesta trajetória, produzindo livros-reportagem que alcançariam espaço nas listas de “best-sellers” dos anos 1980 para cá. Destacam-se nesta seara autores como Zuenir Ventura (“1968: O Ano Que Não Terminou” e “Chico Mendes: Crime e Castigo”), Fernando Morais (“Olga” e “Chatô, o Rei do Brasil”), Dráuzio Varela (“Estação Carandiru”), Ruy Castro (“Chega de Saudade: A História e as Histórias da Bossa Nova”, “O Anjo Pornográfico: A Vida de Nelson Rodrigues” e “Estrela Solitária: Um Brasileiro Chamado Garrincha”), Mario Sergio Conti (“Notícias do Planalto”), Caco Barcellos (“Rota 66” e “Abusado: O Dono do Morro Dona Marta”) e Nelson Motta (“Vale Tudo: O Som e a Fúria de Tim Maia”),

que exploraram principalmente os territórios do livro-reportagem-biografia, livro-reportagem-denúncia e livro-reportagem-retrato.

### **3. *New journalism* e seus frutos**

As histórias da reportagem, da grande-reportagem e, por conseqüência, do livro-reportagem, não seriam as mesmas não fosse a existência e repercussão do movimento conhecido como novo jornalismo, desencadeado nos EUA. O *new journalism* foi a tendência que reviveu a tradição do jornalismo praticado com requintes literários, revigorando a reportagem norte-americana das décadas de 1960 e 70. Não se pode entendê-lo, no entanto, sem situá-lo no contexto cultural que marcou sua época.

Naquele período, o país vivia um momento de forte efervescência cultural, social e comportamental, influenciada principalmente pelo movimento *hippie*. Uma verdadeira revolução de costumes veio à tona no esteio do questionamento das tradições, da irreverência da juventude e da criatividade de distintas manifestações artísticas. Como sublinha José Salvador Faro (2009, online), tudo se passa nesta época “como se uma sensação de esgotamento das formas convencionais das narrativas tomasse conta da cultura e de seus produtores, impulso que acabou atingindo também a literatura e o jornalismo”.

O “novo” jornalismo buscava um mergulho de corpo e mente para sentir a realidade tanto no aspecto objetivo quanto no que ela tem de subjetivo, de imaterial. Suas reportagens eram marcadas por traços referentes à vida dos personagens, identificados em detalhes, e traziam o calor dos acontecimentos relatados. Suas características sobressaem principalmente no que tange a duas etapas da produção jornalística: captação e redação.

Como qualquer repórter, o adepto do *new journalism* vai ao local, vê, anota, mas sabe que ainda é pouco; às vezes o lide (forma aportuguesada do inglês *lead*, que significa "cabeça", "o que é principal" e "vem primeiro, em cima") da matéria está na cabeça do personagem, lembra Joaquim Ferreira dos Santos (Wolfe, 2005, p. 236). Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 131) destaca que “o *new journalism* deu um passo na direção do mais abrangente, ao introduzir monólogos interiores dos personagens de suas matérias e fluxos de consciência, até então só empregados na literatura de ficção”.

Os jornalistas da época não se contentavam em interagir por determinados minutos ou horas com seus personagens, mas chegavam a conviver com eles em seus ambientes de moradia, trabalho e lazer, realmente fazendo parte dos seus cotidianos. O ato de “vestir a pele” dos sujeitos da reportagem, para sentir o que eles sentem, poderia ser levado a condições extremas, desembocando na vertente jornalística que ficou conhecida como jornalismo gonzo. Lima (1993, p. 47) cita um exemplo:

Um jornalista quer mostrar a vida dos faxineiros que limpam as pontes de Nova York. Então ele não vai entrevistá-los fria e secamente, como faria um repórter convencional. Nem pensar! Ele simplesmente consegue um emprego de faxineiro, vai conviver com eles no trabalho, no lazer, nas angústias, nas alegrias, nos sonhos, nas decepções (LIMA, 1993, p. 47).

Como destacaria Tom Wolfe, jornalista-símbolo e “pensador” do *new journalism*, “todas as formas de apreensão da realidade são possíveis, até mesmo lançar mão do suspiro das reticências” (WOLFE, 2005, p. 237). O texto desta modalidade jornalística é dotado de fino tratamento e técnicas inspiradas no realismo social, que marcou a literatura de baluartes do século XIX, como o francês Honoré de Balzac (1799-1850) e o inglês Charles Dickens (1812-1870) – Wolfe, inclusive, ficou conhecido em Nova York como “Balzac da Avenida Park”.

Balzac produziu uma obra vasta, reunida no compêndio intitulado “A comédia humana”. Viveu até os 51 anos de idade, tendo deixado mais de 50 títulos conhecidos e um universo ficcional povoado por mais de dois mil personagens. Felipe Pena (2008, p. 32) escreve sobre sua principal característica:

A literatura de descrição e narrativa inspiradas fortemente nos fatos sociais e nos acontecimentos corriqueiros acabaram por torná-lo, além de escritor, um verdadeiro historiador da vida privada. Tinha paixão pelo que a tantos soava comum e isso se refletiu ao longo de toda a sua produção literária (PENA, 2008, p. 32).

Com olhar perspicaz e talento para os retratos e caricaturas, Dickens se utilizou de lembranças da infância e da observação da realidade inglesa para promover

denúncias sociais em suas obras. Estendeu sua revolta aos Estados Unidos, por onde viajou durante algum tempo, e de volta à Europa chegou a fundar e dirigir um jornal diário. Sua combatividade se dirigia, principalmente, às instituições da Inglaterra do seu tempo, em defesa das camadas mais pobres da sociedade (PENA, 2008, p. 24).

Voltemos ao *new journalism*. Entre as técnicas literárias mais utilizadas pelos "novos jornalistas", podemos destacar quatro, de acordo com as observações de Lima (1993, p. 48 a 53):

1. Ponto de vista: centralização da narrativa sob a perspectiva de um dos personagens, incluindo o narrador, que de forma mais intensa conduz ao fluxo de consciência, uma espécie de penetração no pensamento do personagem com base no que este exterioriza, seja de modo verbal, gestual ou escrito;

2. Símbolos do status de vida ou do cotidiano: elementos como gestos, hábitos, vestuários, pertences, objetos, decorações, ambientes, enfim, tudo que sirva para ajudar a captar a realidade dos personagens e cenários relatados, situando-os junto ao leitor;

3. Diálogos: realizados de forma livre, envolvente, de modo mais natural possível para que os personagens se sintam à vontade e “se revelem” naquilo que dizem;

4. Construção cena-a-cena: recurso que dinamiza o acontecimento, trazendo-o do seu momento passado de ocorrência para o presente, numa sequência de ações que permite ao leitor acompanhar o encadeamento dos fatos na medida em que eles se desenvolvem.

O *new journalism* não é visto como um modo legítimo de se praticar jornalismo de forma unânime no meio profissional e na comunidade acadêmica da área, tendo sido questionado por quem nele enxerga uma deturpação do fazer jornalístico pela ficção literária. Porém, é inegável sua contribuição para o aprimoramento da reportagem e do olhar jornalístico sobre a realidade, tanto que seus frutos e ecos não se renderam à América do Norte nem cessaram no momento histórico de ebulição da contracultura. No Brasil, um exemplo claramente influenciado pela tendência norte-americana foi a revista "Realidade", cujo período “de ouro” está situado entre 1966 e 1968.

Com grande sucesso editorial, o periódico mensal da Editora Abril possibilitava a seus repórteres uma imersão de tal modo no cotidiano dos personagens que se pode afirmar que os jornalistas viviam integralmente, por dias e semanas, a vida dos sujeitos retratados nas reportagens. Como nos relata Faro (1999, p. 29), a grande-reportagem, de caráter investigativo e vertical, dominava a revista, que permitia ao repórter moldar o

texto e usar de um discurso subjetivo e literário na construção da narrativa. Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 225 a 235) enumera algumas características que, segundo sua avaliação, fizeram de “Realidade” a experiência inesquecível que foi: universalidade temática ampliada (exemplos: descoberta das múltiplas facetas do Brasil e de personagens/cenários estrangeiros, revelação do modo de fazer das atividades mais rotineiras), transformação da atualidade em contemporaneidade (o foco é deslocado da noção de *ocorrência* para a de *permanência*), avanço em documentação, captação cálida do real, texto literário e riqueza ilustrativa.

#### **4. Conceitos, atributos e traços do JL**

Há quem considere as expressões *new journalism* e jornalismo literário como sinônimo, mas esta não é a visão deste estudo, que identifica, do mesmo modo que Edvaldo Pereira Lima, o primeiro como movimento situado em localidade e período histórico específicos e entende o segundo como modalidade de jornalismo independente de um contexto histórico circunscrito (LIMA, 1998, p. 51). Por mais persistente que seja a ressonância do *new journalism* ao longo do tempo, inclusive no Brasil, não se pode afirmar que ele seja equivalente ao jornalismo literário. Entretanto, não podemos deixar de mencionar estudos divergentes, como o que considera o jornalismo literário como uma versão brasileira do *new journalism* e enquadra a ambos dentro do gênero denominado de jornalismo diversional (COSTA, 2010, p. 72), composto por dois formatos, segundo classificação de José Marques de Melo: história de interesse humano e história colorida. A primeira faz uso de artifícios literários para privilegiar facetas inusitadas e traços humanizadores dos personagens, enquanto a segunda reúne relatos de natureza pictórica, identificando detalhes enriquecedores dos agentes noticiosos.

Para nosso trabalho, no entanto, apresenta-se mais aceitável a definição da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), publicada por Edvaldo Pereira Lima no site oficial da entidade:

Jornalismo literário é a modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo,

precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo (LIMA, 2009a, online).

Reconhecemos a ABJL como entidade capacitada a servir de referência no campo do jornalismo literário pelo fato de, em sua composição diretiva e produção intelectual, constar pesquisadores que podem ser considerados referências no assunto, como Edvaldo Pereira Lima e Sérgio Vilas Boas, professores com doutoramento em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). A criação da ABJL é citada pelo artigo de Lailton Alves da Costa (2010, p. 74) que enquadra o jornalismo literário como forma de jornalismo diversional.

Felipe Pena (2006, p. 13), que também estudou o jornalismo literário, lista diversos atributos deste modo de se fazer jornalismo:

O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p.13).

Pena vai além e propõe a consideração do jornalismo literário como um gênero jornalístico, que abarca diversos subgêneros, como o próprio *new journalism* aqui citado, o jornalismo gonzo, a biografia, o romance-reportagem e a crítica literária, entre outros. Tal noção deriva das diferentes classificações que a expressão jornalismo literário recebe no Brasil e da interpretação do pesquisador de que cada uma destas classificações não dá conta de todas as dimensões do termo, mas, ao mesmo tempo, nenhuma delas pode ser desprezada para um entendimento irrestrito dele.

A seguir, desenvolveremos de maneira sucinta os atributos listados por Felipe Pena para o conceito de jornalismo literário.

1. *Potencializar os recursos do jornalismo*. O jornalismo literário não se desfaz dos preceitos básicos (apuração rigorosa, observação atenta, abordagem ética, capacidade de se expressar claramente, entre outros) que regem o jornalismo, nem

substitui suas técnicas narrativas, mas apenas as aprimora “de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais” (PENA, 2006, p. 14).

2. *Ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos.* Atitude que se configura como possibilidade real num veículo jornalístico como o livro-reportagem, como já vimos, pois diz respeito ao rompimento da periodicidade e da atualidade, características básicas do jornalismo contemporâneo. O jornalista se vê livre tanto da obrigação de encerrar seu texto no limite do prazo estipulado pelo editor (o famoso *deadline*) quanto da cotidiana preocupação de se ater a pautas que representem novidade, fatos ocorridos no espaço de tempo mais imediato possível.

3. *Proporcionar visões amplas da realidade.* Este item se refere à busca da contextualização da informação da forma mais abrangente que for possível, visto que toda abordagem da realidade, por mais completa que seja, não deixa de ser apenas um recorte dela, ou seja, uma interpretação parcial. Ao relacionar a informação veiculada com outros fatos, compará-la com diferentes abordagens e situá-la em um espaço temporal de longa duração, o jornalista oferece mais subsídios para uma melhor compreensão daqueles que lêem o que ele escreve. Diz Edvaldo Pereira Lima (2004, p. 324):

No momento em que o jornalismo se limita à factualidade restrita, está apreendendo um aspecto muito diminuto da realidade. Em decorrência, torna-se difícil apontar ao leitor um sentido ou um significado mais amplo do acontecimento que aborda (LIMA, 2004, p. 324).

4. *Exercitar a cidadania.* Pena defende que o jornalista não deixe de colocar em prática seu “espírito público” (PENA, 2006, p. 14), ou seja, que direcione a abordagem do tema que se colocar como sua pauta de maneira que contribua para a formação do cidadão e para o bem comum, respeitando um compromisso com a sociedade que, infelizmente, caiu em descrédito nos dias atuais.

5. *Romper as correntes burocráticas do lead.* A objetividade atingida pelas respostas das seis questões básicas nas primeiras linhas do texto jornalístico (Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê?) acaba pasteurizando as notícias e reportagens, tornando-os ramificações de uma mesma estrutura narrativa. “Falta criatividade,

elegância e estilo” (PENA, 2006, p. 15), atesta o pesquisador que, para fugir da fórmula do lide, sugere a aplicação de técnicas literárias de construção narrativa.

6. *Evitar os definidores primários*. Por “definidores primários”, Felipe Pena se refere aos costumeiros entrevistados “de plantão”, personalidades públicas que sempre aparecem na imprensa como fontes legitimadas pelo cargo ou função específica que ocupam. Trata-se de um procedimento cômodo da parte dos repórteres que fazem jornalismo diário, pois é muito mais rápido recorrer a um contato conhecido quando se é obrigado a realizar uma entrevista em um período de tempo exíguo. Neste caso, as alternativas seriam ouvir o cidadão comum, a fonte anônima e/ou pessoas cujos pontos de vista raramente ou nunca foram abordados.

7. *Garantir perenidade e profundidade aos relatos*. Por fim, trata-se da ciência de que uma obra calcada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial, caindo no esquecimento no dia seguinte em que é levada ao conhecimento público. É preciso construir um enredo complexo, tendo em mente que a realidade é multifacetada, sobre a qual interferem infinitas relações e determinações. “Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos” (2006, p. 15), exemplifica Pena.

Sobre a permanência ao longo do tempo do texto jornalístico, o autor destaca que “a harmonia é muito mais poderosa do que a sintática” (PENA, 2006, p. 16) para dizer que um relato incorporado de elementos harmônicos - como técnicas literárias - tende a durar mais tempo na memória de quem o apreende do que uma narrativa desprovida de recursos estilísticos, como acontece com a música, pois “as associações do cérebro respondem muito melhor a melodias do que a frases” (2006, p. 16). Outro pesquisador que traça um paralelo entre jornalismo literário e música é Renato Modernell (2009, p. 47), para quem as fronteiras do primeiro são, na prática, por demais fluidas, flexíveis e permeáveis para serem engolfadas nos parâmetros que estamos acostumados a ver, por exemplo, no campo das ciências exatas. “O jornalismo literário, como o jazz, baseia-se em grande parte no improviso, muito mais do que num padrão estrutural. Vale-se de modulações similares às que ocorrem na música, embora obtidas com outros recursos” (MODERNELL, 2009, p. 48), diz ele, que apresenta três ideias para conceber sua definição de jornalismo literário. São elas:

1. “Arte é uma resposta a uma pergunta que ainda não foi feita” (autor e data desconhecidos).



2. "Um clássico é um livro que nunca acaba de dizer aquilo que tem para dizer" (Ítalo Calvino, 1923-1985, escritor italiano).

3. "Ter talento é acertar no alvo em que ninguém acertou, e ser gênio é acertar no alvo que ninguém viu" (Arthur Schopenhauer, 1788-1860, filósofo alemão).

A partir dessas definições, Modernell (2009, p. 48) afirma que "um texto de jornalismo literário é uma flecha que atinge um alvo que ninguém viu, responde a uma pergunta que ninguém fez, e nunca acaba de dizer o que tem para dizer", relacionando o jornalismo literário com uma receita que se vale de ingredientes como arte, genialidade e perenidade. Um resultado que surpreende e deixa sua marca na história.

A proposta do jornalismo literário rejeita o jornalismo como propagador de uma gramática racionalmente estruturada pela ciência para ser o meio de expressão de uma interação humana cada vez mais complexa e pluralista, conforme o pensamento de Edgar Morin retomado por Cremilda Medina (2006, p. 14). Nesse sentido, o jornalista, na condição de mediador-autor da linguagem dialógica, passa de "difusor que conforma o grande público", segundo o signo da divulgação, para o status de "artesão criativo do diálogo transformador da ciência e do saber cotidiano" (MEDINA, 2006, p. 15), em conformidade com o signo da relação. Jornalista que é tão essencial para a sociedade quanto é a narrativa para a organização da vida humana. "Mesmo admitindo o pleno acesso a redes interativas, não desaparece nem desaparecerá o facilitador, o comunicador que rege a produção de conteúdos e edita a narrativa da contemporaneidade", proclama Medina (2006, p. 22), para quem a narrativa é uma expressão da necessidade humana de organizar o caos em um cosmos e se afirmar perante a desorganização e as inviabilidades da vida (2003, p. 47-48).

Da definição de jornalismo literário de Edvaldo Pereira Lima, exposta anteriormente, é possível extrair características da modalidade que foram praticadas pelos "novos jornalistas" e se configuram como ferramentas e recursos enriquecedores da reportagem, no sentido de abastecê-la com fluência na linguagem do seu texto e profundidade no tratamento do seu tema. São o que poderíamos chamar de frutos que os desbravadores do jornalismo literário oferecem a quem desejar praticar a modalidade em busca de uma reportagem mais densa e aprofundada. Alguns destes recursos foram "importados" da literatura e outros, nascidos do jornalismo, foram intensificados.

Analisemos cada um dos "traços básicos" do jornalismo literário, segundo Lima, que nos servirão como subcategorias para a análise de reportagens no decorrer deste

estudo: imersão do repórter na realidade, humanização, voz autoral e estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos e digressão.

- *Imersão do repórter na realidade*. Como vimos na postura defendida pelo *new journalism* acerca do relacionamento entre repórter e entrevistado, trata-se do mergulho intenso do jornalista dentro do contexto da pauta da reportagem. Em termos práticos, defende-se sua aproximação com pessoas, cenários e situações relativas aos fatos que investiga, um contato pessoal marcado pela disponibilidade em captar todos os tipos de informações e sensações que os ambientes e personagens visitados oferecerem, utilizando-se ao máximo dos cinco sentidos humanos. Caso seja possível e viável, é recomendável que o jornalista faça mais de uma entrevista com um personagem essencial e visite mais de uma vez um local-chave para sua reportagem, pois quanto mais contato tiver com a realidade investigada, mais condições terá de aprofundar sua compreensão dela. Cabe a ele dar voz a todas as forças atuantes sobre o foco de sua matéria jornalística, e não apenas ao "outro lado" em relação ao(s) protagonista(s), pois tal visão bipolarizada, comum no cotidiano jornalístico, limita toda situação a apenas duas faces e representa um reducionismo que deve ser superado. Para dar conta da realidade complexa que o aguarda, não basta que o jornalista se prenda a planejamentos estabelecidos a priori; é preciso estar sensível às vozes que se manifestam durante toda a trajetória, mesmo que indiquem alterações na rota previamente traçada, e manter aguçada a intuição criativa.

O contato entre jornalista e personagem pode resultar em um problema de caráter epistemológico levantado por Néstor García Canclini (1983, p. 23), que põe em dúvida a possibilidade de construção de um saber que possua validade universal sem impor os padrões de uma cultura a todas as demais. A questão é vivida pelo jornalista que se apresenta diante de uma cultura diferente da sua, no momento de interagir com ela a fim de extrair os elementos que subsidiarão sua reportagem. Como não deixar prevalecer automaticamente o próprio repertório (em aspectos como visão de mundo, hábitos e costumes) e partir para a total abertura dos sentidos, incorporando uma postura condizente ao novo universo de interação, sendo que a primeira atitude é muito mais cômoda e, em certos casos, até mesmo inconsciente? A saída que se apresenta é ir a campo para, acima e primeiro de tudo, buscar compreender o outro ao invés de reforçar certos pressupostos ideológicos.

- *Humanização*. Aproximação do jornalista em relação aos personagens da reportagem, considerados, durante a captação de informações e a redação do texto, como seres humanos "de carne e osso", revelados em tudo que possam ter de "positivo" e "negativo" para quem quer que seja. Humanizar é tratar com afeto e o mínimo de envolvimento de quem deseja entender melhor um ser humano em toda sua complexidade, seja uma personalidade com alguma fama ou um sujeito anônimo que tenha papel relevante na trama narrada. Revela a busca do ser humano por trás do que se deseja relatar. Qualquer proposta humanizadora terá de considerar a dimensão histórica do indivíduo ou grupo sob investigação, bem como o contexto no qual ele está inserido. Pois tentar compreender o sujeito naquilo que ele porta de humanamente singular e universal – a maior meta do jornalismo literário - significa mergulhar em um personagem que não nasce definitivamente moldado e acabado, mas constrói sua identidade com os avanços e percalços que coleciona dia após dia.

Nesse sentido, Cremilda Medina propõe o deslocamento da relação sujeito-objeto para uma comunhão sujeito-sujeito no encontro entre jornalista e personagem, explicitando a aproximação entre as características da humanização e da imersão na realidade - a primeira depende em boa parte da segunda. "É preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano" (MEDINA, 2003, p. 40). Nessa interação, espera-se do jornalista, como mediador e produtor cultural, uma postura honesta e humilde o suficiente para não priorizar interesses individuais, como a obtenção de vantagens e conveniências, em detrimento da proposta humanizadora que embasa o jornalismo literário materializado em narrativas da vida real. Jamais pode ele menosprezar os sujeitos com os quais se depara, por menor que sejam seus níveis de instrução e conhecimento formal - crença nenhuma deve ser relegada a um patamar inferior à ciência entendida como conhecimento socialmente legitimado, sobretudo na esfera de um jornalismo comprometido com o protagonismo social. Se a reportagem é desenvolvida com urgência e escassez de tempo, como fatalmente acontece no dia a dia do jornalismo periódico, a humanização corre o risco de ficar sensivelmente comprometida, ser relegada a segundo plano ou até mesmo desprezada.

Por que humanizar é tão importante no jornalismo? Primeiramente, porque a ação humana está envolvida, direta ou indiretamente, em qualquer fato ou tema que venha a ser assunto de uma reportagem. Sempre haverá uma pessoa relacionada, por

mais abstrata e distante do conhecimento comum que seja a temática da matéria jornalística. Além disso, o interesse humano pelo que acontece com seus semelhantes, por natureza, é determinante. Quando discorre sobre livro-reportagem, Eduardo Belo (2006, p. 51) destaca que o mesmo “precisa sempre dar a dimensão humana da situação, até como forma de tornar a leitura do longo texto mais palatável”. E retorna à matéria-prima do jornalismo literário, a reportagem, para reiterar seu pensamento:

Reportagem é feita de detalhes, de descrições, de revelações. Mas é também feita de gente. Há profundo interesse por parte do público sobre a vida das pessoas, sobre quem está fazendo o quê, quem são os protagonistas dos grandes sucessos em todos os campos, esportivo, social, cultural, político e econômico (BELO, 2006, p. 51).

A respeito dessa atração que pessoas sentem por pessoas, é sintomático o resultado da experiência de leitura de narrativas da série São Paulo de Perfil (conjunto de reportagens desenvolvidas por alunos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo a partir de temas vinculados à capital paulista) por estudantes do Ensino Médio, descrito por Cremilda Medina (2003, p. 52). Nos jovens fruidores, os textos da coletânea, calcados no presente, despertaram uma leitura agradável, ao contrário do que comumente acontece com os livros clássicos – retratos do passado, por mais atuais que sejam as questões abordadas -, gerando a solidariedade de um olhar carinhoso para com os protagonistas das ações narradas. Esta nova concepção sobre o “outro” com quem convivemos, exterminando preconceitos, é sinal de que a humanização de fato existiu e o jornalismo literário atingiu seu objetivo maior.

Para o leitor de uma narrativa, pesa o grau de identificação com os anônimos e suas histórias de vida:

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstituir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional, passou a ser um marco de pesquisa cada vez mais consistente no São Paulo de Perfil (MEDINA, 2003, p. 53).

- *Voz autoral e estilo.* Características que se aproximam, uma vez que estão relacionadas ao modo como o jornalista se expressa no texto da reportagem. Ao contrário do distanciamento do repórter em relação aos fatos que narra, consequência da obediência irrestrita à objetividade jornalística, o jornalismo literário permite que o autor da reportagem participe da narração e manifeste sua veia literária, desde que respeite seu devido espaço e importância no contexto da trama, ao trazer a história à tona. O jornalista não é mais relevante que o(s) protagonista(s) da reportagem para o entendimento desta, mas tem todo o direito de construí-la, desenvolvê-la - respeitando os princípios jornalísticos, é claro - e fazer parte dela da forma que julgar mais apropriada. Na condição de escritor capaz de elaborar um texto singular e fluente, o autor da reportagem pode expressar sua voz e estilo de narrar independentemente de regras e manuais de redação que visem padronizar o texto jornalístico.

- *Precisão de dados e informações.* Por mais que o jornalismo literário conceda margem a um uso indiscriminado de recursos e técnicas consagradas na prática da literatura, em nenhum momento pode deixar de ser considerado jornalismo. Ou seja, deve se ater aos fatos devidamente observados, comprovados e checados, jamais abdicando da apuração rigorosa inerente a qualquer produção jornalística. Qualquer dado ou informação "inventada", que seja obra da ficção, se automaticamente desvirtua o texto em questão de ser classificado como um exemplo de jornalismo, impede-o, pelo mesmo motivo, de ser definido como uma manifestação de jornalismo literário. Uma reportagem rica em dados e informações verídicas, por outro lado, confere mais munção e subsídios para o jornalista elaborar um texto de elevada qualidade literária. Ir aos cenários onde os fatos se desenrolam, praticando a imersão na realidade, contribui para se atingir a precisão de dados e informações, pois, quando o campo de ação do jornalista não passa dos limites de uma redação, sua apuração se condiciona a dizer o que os outros dizem sobre acontecimentos a respeito dos quais ele poderia falar diretamente, com base na observação própria.

No que diz respeito ao trato do conhecimento, vale a ressalva de que nem o jornalista mais bem informado e ciente do seu tema de investigação é capaz de *explicar* fenômenos e acontecimentos envolvendo pessoas que não agem de forma previsível, ainda mais se estiver revestido de uma postura mecanicista e acomodada nas conveniências da monocausalidade. Na melhor das hipóteses, o jornalista deve – e esta é

uma atitude louvável – procurar *compreender* da maneira mais lúcida possível as questões sobre as quais se debruça, unindo os instrumentais tanto da razão quanto da emoção. Robert Merton (1970, p. 173) sinaliza a importância da contribuição da intuição e da sensibilidade do pesquisador despido de egocentrismo intelectual. “Com muita frequência, o intenso interesse pela comprovação empírica conduz prematuramente à repressão das hipóteses imaginativas: o nariz do pesquisador se põe tão perto da pedra de amolar empírica, que ele não é capaz de enxergar além dos limites da tarefa imediata”, escreveu.

- *Uso de símbolos*. Procedimento típico da literatura, quando se abre mão da forma direta de discurso em nome de recursos indiretos que expressam a intenção do autor por meio de comparações e alusões, como as metáforas. Néstor Canclini (1983, p. 21) cita Claude Lévi-Strauss quando este propõe uma interessante comunhão, muito útil para quem se ocupa com a comunicação social. “Ao invés de colocarmos em oposição a magia e a ciência, o pensamento mítico e o pensamento racional, como se o primeiro fosse apenas um rascunho grosseiro do segundo, devemos colocá-los (...) como duas formas de conhecimento...”. Disso se conclui, aproveitando os termos de Canclini, que esses “distintos níveis estratégicos” são igualmente válidos para a constituição do pensamento. Enquanto o pensamento selvagem está submerso em imagens, o moderno se subordina a conceitos. Imagens e conceitos, por sua vez, são elementos indispensáveis para uma sólida tessitura das narrativas da vida real.

- *Digressão*. Momento do texto em que se interrompe a narração encadeada de ações no tempo presente para um "retorno" ao passado, por meio do relato de um evento anterior à seqüência cronológica dos fatos apresentados, em forma de "*flashback*" (termo em inglês que significa “lembrança”, “memória”) em momentos-chave, nos quais se fazem necessários maior elucidação e detalhamento para facilitar a compreensão. A digressão representa uma reconstrução, idéia central para o jornalista que se aventura em reportagens de profundidade, sobretudo quando se detém nos personagens que tecem (ou teceram) a trama do contexto investigado – pessoas cujas trajetórias de vidas, por mais que permaneçam no anonimato, são tão relevantes quanto as das personalidades registradas nos documentos oficiais, afinal todo ser humano tem sua história singular e participa diretamente da história de lugares, entidades e outras pessoas, por exemplo. Para executar essa reconstrução, o jornalismo se serve de metodologias de recolhimento de informações típicas de pesquisas históricas e

sociológicas, como a história oral e a memória oral. Reconstruir fielmente não significa embarcar na falsa reprodução da realidade objetiva, matéria inalcançável para o jornalista, mas ressignificar a realidade primeira com um olhar munido de sensibilidade, argúcia e fôlego investigativo diante de todos os seus elementos atuantes.

Como é de praxe no jornalismo, que tem como um dos principais métodos de investigação lançar luz sobre fatos históricos para uma maior compreensão dos fatos presentes, o acontecimento histórico é presentificado conforme as necessidades e situações contemporâneas nas quais tem ressonância. O jornalista não pode perder de vista que a história, como ciência, superou o entendimento que considerava a sucessão de processos sociais e eventos como linear, enxergando com outros olhos as rupturas e descontinuidades inevitáveis ao curso da atividade humana no decorrer do tempo. Canclini (1983, p. 22) volta a se apoiar em colocação de Lévi-Strauss, quando este refuta a concepção evolucionista que concebe a história como um único movimento linear e progressivo, segundo a qual determinadas sociedades e culturas podem ser consideradas mais atrasadas ou mais avançadas do que outras.

Edvaldo Pereira Lima (2009b, online), ao comentar algumas características importantes do jornalismo literário, deixa transparecer um pouco de sua “necessidade” na prática jornalística:

Essa preferência do Jornalismo Literário por representar o mundo através das pessoas de carne, osso e alma, propondo-se a conhecê-las em sua complexidade humana, corresponde a uma profunda necessidade social. Precisamos contar nossas histórias, gostamos de ver e ouvir as histórias dos outros, pois são elas que ajudam a dar sentido às nossas vidas, que nos mostram quem somos. Permitem que nos identifiquemos, ajudam-nos a encontrar quem nos inspira na nossa caminhada, quem nos mostra, através de suas histórias, iluminações para a realização do nosso propósito de viver. Possibilitam que compartilhemos, com os outros, a nossa contribuição para a sociedade (LIMA, 2009b, online).

Porém, não basta misturar jornalismo e literatura para se chegar a um produto de qualidade e classificá-lo de bom jornalismo literário. Quem adverte é Adelmo Genro Filho (1987, p. 201):

Quanto ao jornalismo literário, as boas exceções confirmam a regra: não vale a pena substituir um bom jornalismo por má literatura. Sem dúvida, trata-se de um gênero muito difícil, pois exige uma superposição do talento literário e de apuradas técnicas de investigação e redação jornalística, uma vez que o resultado deve articular harmonicamente os efeitos estéticos e jornalísticos, sem que um *supere* o outro. Logo, não se trata de um caminho que possa ser generalizado como substitutivo da arte ou do jornalismo, pois ele se constitui precisamente na difícil confluência de dois gêneros relativamente autônomos (GENRO FILHO, 1987, p. 201).

Produtos jornalísticos de qualidade e exemplos aproximados de bom jornalismo literário serão justamente o foco do capítulo seguinte, antes de transportarmos o JL para a imprensa alternativa.



## Capítulo II - JORNALISMO LITERÁRIO NA PRÁTICA: EXEMPLOS INSPIRADORES

*Inspirar: (...) Iluminar o espírito de; inculcar, infundir.*

*Inspiração: (...) A marca do gênio ou do talento na obra do artista (...).*

*(Dicionário Michaelis, 2009)*

Este capítulo trará casos de produções jornalísticas e de profissionais da área que aplicam características do jornalismo literário em textos de reportagens, com tal qualidade de modo que se apresentam como exemplos inspiradores da prática dessa modalidade jornalística para meios de comunicação de quaisquer segmentos, inclusive o alternativo, objeto desta investigação. Foram selecionadas reportagens de três tipos de veículos: livro-reportagem, revista e jornal impresso. Dois deles são produções de autoria única (livro-reportagem e jornal), enquanto o formato revista contém matérias jornalísticas de diferentes autores. Eles estão colocados separadamente nos itens abaixo, partindo do mais abrangente em termos de extensão e que abre maior margem para experimentações, o livro-reportagem, para o menos abrangente, o jornal.

### **1. Livro-reportagem: Colômbia espelho América**

O livro “Colômbia espelho América: dos piratas a García Márquez, viagem pelo sonho da integração latino-americana” foi produzido em 1987 por Edvaldo Pereira Lima e lançado pelas editoras Perspectiva (para a coleção Debates) e Edusp dois anos depois. Tendo viajado à Colômbia por ocasião de um congresso de ensino de comunicação, o jornalista brasileiro estendeu sua estada no país sul-americano para coletar dados para o livro. Seu desembarque foi na capital Bogotá; depois, passou por Villa de Leyva, onde aconteceu o supracitado congresso, Tunja, novamente Bogotá, Barranquilla, Santa Marta, Aracataca, Santa Marta de novo e Cartagena, de onde embarcou de volta para o Brasil.

Antes de conceber a obra, o jornalista já tinha em mente o que queria alcançar, conforme deixaria claro, posteriormente, em “Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”: um livro-reportagem-viagem, a fim de

enriquecer sua pesquisa sobre livro-reportagem, que resultaria na tese de doutorado “O livro-reportagem como extensão do jornalismo impresso: realidade e potencialidade”, apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1990. Por sua vez, a citada tese foi o ponto de partida para o livro “Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”, lançado pela primeira vez em 1995, pela editora Manole, e que se tornaria referência nacional sobre o tema. Atualmente, encontra-se na quarta edição, lançada em 2008.

“Colômbia espelho América” pode ser definido como um livro-reportagem-viagem porque toma a viagem a uma região geográfica específica como pretexto para trabalhar vários aspectos de caráter sociológico, humano, cultural e histórico do local. Ele difere do relato turístico e romantizado por se preocupar com pesquisa, coleta de dados e exame de conflitos, sem fechar os olhos para determinadas observações e pontos negativos. Não se trata de um livro de viajante apaixonado, mas de repórter (LIMA, 2004, p. 51 e 302). Em estudo que investiga a articulação da narrativa de viagem com a ficção literária, Renato Modernell (2009, p. 44) diferencia formas narrativas que correspondem, respectivamente, às reportagens de turismo publicadas na imprensa e aos textos de jornalismo literário, como é o caso da obra de Lima aqui analisada:

As primeiras partes de elementos externos como a pauta, estabelecida na redação, e o chamado “gancho”, isto é, às circunstâncias que ensejam ou justificam a publicação de tal matéria em dado momento; as outras se apoiam, acima de tudo, no mundo interno do autor, em suas inquietudes e obsessões, ainda que se trate de um jornalista, e não de um literato (MODERNELL, 2009, p. 44).

Com base em sua exposição conceitual e no contato com um conjunto diversificado de obras classificáveis como narrativas de viagem, Modernell esboça um elenco de características para essa modalidade de escrita. Entre elas, destacamos (MODERNELL, 2009, p. 49-50):

- a obra inclui conteúdos autobiográficos;
- a obra retrata uma experiência vivida em profundidade (imersão), na qual o viajante se lança com a sensação de "queimar as pontes", ou seja, encerrar uma fase de sua vida;

- o protagonista passa por uma transformação interior ao longo do caminho;
- o texto tem características de uma grande reportagem, apesar de certo descompromisso geral com a função informativa;
- o texto tem elementos de romance de aventura;
- o viajante se diferencia do turista por sustentar um olhar despojado e inquisitivo sobre o que o cerca; convive de forma criativa com a insegurança e a surpresa; deixa-se levar pelo fluxo dos acontecimentos; e delicia-se com os pequenos flagrantes da vida;
- na sua jornada, o viajante tem como aliados a disponibilidade e o acaso; consegue detectar lampejos da eternidade naquilo que é transitório;
- o autor tem acesso a esferas sociais com as quais não está habituado a conviver no “mundo comum”;
- o autor tem *insights* (visões) ao observar o ritmo em que as coisas acontecem em cada lugar ou situação, e na sua narrativa consegue transmitir ao leitor as diferentes dimensões do tempo (geográfica, social e individual);
- o autor parece se mover “nas entrelinhas” dos guias turísticos, sem dar relevância a elementos conhecidos por todos, os chamados “cartões postais”;
- ao descortinar novos cenários, o texto evoca o ponto de partida do protagonista, propiciando-lhe um olhar retrospectivo e renovado sobre o “mundo comum”.

Voltemos à “Colômbia espelho América”. Em viagem pela Colômbia, Edvaldo Pereira Lima reuniu dados muniadores do livro, que transita por um cenário complexo “sem excessivo aprofundamento, mas o suficiente para estabelecer um grau de solidez e de costura entre os diferentes fragmentos da realidade do real” (LIMA, 2004, p. 304). Inspirado em alguns modelos de livros de viagem, de escritores como Paul Theroux e Bruce Chatwin<sup>1</sup>, o autor escolheu a Colômbia por se tratar, no seu ponto de vista, de um país que representava as aspirações latentes de uma integração continental (a latinoamericana) e as frustrações desse ideal. Assim, ao se falar de uma situação local, inevitavelmente se permitiria a discussão de aspectos de um contexto mais amplo, em âmbito regional.

“Colômbia espelho América” lança mão de cinco símbolos colombianos

---

<sup>1</sup>Do norte-americano Paul Theroux, Lima cita “The Old Patagonian Express” (Harmondsworth, Penguin, 1982). Do inglês Bruce Chatwin, “In Patagonia” (Londres, Pan, 1983).

relacionados à temática da integração latino-americana. O primeiro é composto pelas estratégicas características geográficas do país, o único da América do Sul com costas para os oceanos Pacífico e Atlântico. O segundo seria a cidade portuária de Cartagena, por onde passava o tesouro que a Espanha explorava no continente. Alvo histórico de pilhagens, como é possível observar em outras obras sobre a história latino-americana, como “As Veias Abertas da América Latina”, de Eduardo Galeano, Cartagena seria palco da resistência espanhola diante dos seus inimigos, abrigando grandes fortificações militares. Em terceiro lugar, está o mito de El Dorado, paraíso repleto de ouro imaginado pelos conquistadores séculos atrás. Por fim, duas figuras humanas: Simón Bolívar (1783-1830), líder venezuelano que chega a reunir três Estados sob o nome de Grã-Colômbia (em 1819), e Gabriel García Márquez (1927-), escritor colombiano que transforma sua terra natal Aracataca na mítica Macondo, “microuniverso que plasma as realidades surrealistas (...) de todo um continente” (LIMA, 2004, p. 311), no livro “Cem Anos de Solidão”.

Tendo como fio condutor o relato da própria viagem do jornalista, a narrativa se vale deste deslocamento para introduzir novos níveis espaciais e dimensões temporais no texto, como, por exemplo, quando relaciona dois episódios ocorridos no mesmo cenário que estão separados pelo momento de eclosão. Neste sentido, o livro comete a ousadia de viajar para o futuro em um trecho específico e demarcado, exercitando a ficção científica, prática nada comum para obras jornalísticas. No caso, se trata de um passeio por uma Amazônia Continental no ano de 2051, quando, na visão projetiva do autor, os rios da região são administrados de forma integrada pelos países que os abrigam (LIMA, 1989, p. 19-21).

Embora a narração se desenrole na perspectiva autoral, ela se mostra maleável à pluralidade de vozes que travam contato com Lima, quando este cede espaço para a manifestação de figuras de notável reconhecimento social e pessoas anônimas que encontra pelo caminho, seja em falas na primeira pessoa ou em depoimentos tratados na terceira pessoa onisciente, do autor. O uso de distintas funções de linguagem varia o ritmo narrativo, enriquecido também com o livre escoar dos pensamentos dos personagens, tratados de forma humanizada.

Exemplo: no diálogo – muito mais em tom de conversa do que de entrevista - com Germán Vargas Cantillo, amigo próximo de García Márquez, as declarações do entrevistado são longas, entremeadas a comentários do entrevistador que acrescentam

informações e introduzem o próximo tema abordado, dispensando as indagações do tradicional esquema bipolar pergunta-resposta. O resultado é um texto mais fluente e coeso, que respeita o raciocínio do interlocutor (LIMA, 1989, p. 103-107). O tratamento dos personagens preferencialmente pelo primeiro nome e não pelo sobrenome, no decorrer do livro, é um traço humanizador que revela a disposição do jornalista para se aproximar das pessoas com quem interage. Sempre que fala de si, sem receio de expressar sua voz autoral, e se abre para trocas afetuosas, o autor evidencia o contraste com o típico distanciamento pregado pelo jornalismo que se pretende objetivo, neutro e imparcial - características mitológicas da profissão, na avaliação do analista Juremir Machado da Silva (2000, p. 9).

O cuidado de Lima em humanizar seus personagens é tamanho que até elementos da natureza e acidentes geográficos ganham contornos de seres humanos. Quando descreve o principal rio colombiano de ligação para o mar, por exemplo, tem-se a impressão de que o mesmo possui vontade e esforço próprios nesta frase a seguir: “O Magdalena consegue a proeza de evitar a Amazônia exatamente porque as duas cadeias de montanhas que sobem para o norte e nordeste formam paredão de proteção, empurrando o rio para o Caribe” (LIMA, 1989, p. 28).

Na obra, não se identificam traços de imersão na realidade apenas na exploração de paisagens e cenários, mas também no interesse por fatos coincidentes ao transitar do jornalista pela Colômbia – como o desempenho de um ciclista do país (Luis Herrera) em um torneio da modalidade esportiva de destaque internacional (Volta Ciclística da Espanha), transmitido dia após dia via rádio no período da estada do autor (LIMA, 1989, p. 30) – e na sua postura de se deixar levar pelas contingências que o obrigaram a mudar de planos, aceitando novas situações que lhe foram apresentadas para poder convertê-las em novas possibilidades de descobertas e conclusões inesperadas.

Como já mencionado acima, “Colômbia espelho América” alterna dimensões temporais conforme o autor se locomove pelo país. A técnica da digressão conduz o leitor do tempo presente, a viagem de avião de Lima em maio de 1987, para o ano de 1560, quando os espanhóis adentram as mesmas selvas que o Boeing que o conduz avista, instigados pela busca do ouro dos indígenas. Faz o mesmo quando o jornalista aporta em Cartagena, e da descrição das heranças de sua arquitetura e construção parte para a origem de tantas fortificações militares, desde a fundação da cidade no século XVI, passando pela prosperidade do domínio espanhol, os ataques de piratas ingleses e

franceses – inclusive o capitaneado pelo "notável" Francis Drake (1540-1596) -, o comércio de escravos negros e a resistência do Forte San Felipe de Barajas ao pior dos cercos estrangeiros, no século XVIII.

O resgate de tantos fatos históricos obviamente demandou a Lima um trabalho extenso de investigação e documentação, para que os dados utilizados no seu texto fossem os mais precisos possíveis. Mesmo quando certas informações se confundem com lendas, e não se consegue separar claramente o real e o mágico, é preciso ter ciência disso e dizê-lo ao leitor, como se nota no livro (LIMA, 1989, p. 130). O grande risco de se construir um longo recorrido histórico é transformar o texto em um relato “pesado”, cansativo e enfadonho para quem o lê, preocupação que o autor identifica quando defende a linguagem jornalística baseada na fundamentação combinada com a fluidez, de modo que a leitura transcorra com leveza e naturalidade por várias páginas. Nesse sentido, a diminuição da distância temporal entre os acontecimentos passados e o momento da leitura, por meio da colocação dos verbos no tempo presente, colabora para a atualização do relato. O procedimento, padronizado no texto jornalístico convencional dos meios periódicos, não é desprezado em “Colômbia espelho América”. No exemplo abaixo, Edvaldo Pereira Lima narra um evento ocorrido no século XVI como se tivesse acabado de acontecer:

Aguirre começa a espalhar boatos de que traz muitas pedras preciosas. Até que o governador da ilha, Juan Villandrando, decide visitar esse desconhecido misterioso que desperta em todos a ilusão de El Dorado. Cai na armadilha: Aguirre o prende, rouba os cofres reais, saqueia a população. E quando parte de seus homens se rebelam, fugindo para o continente, a fúria sanguinária de Aguirre rompe os últimos bloqueios internos que lhe impediam a total loucura. Numa carnificina avassaladora, manda decapitar alguns de seus oficiais, bem como várias personalidades importantes da ilha. O governador é enforcado (LIMA, 1989, p. 24).

Desde as primeiras páginas, Lima lança mão, com bastante frequência, de uma estratégia claramente identificada com a preocupação em atrair o leitor para o percurso do texto e as reflexões plantadas nesse trafegar. Trata-se de indagações que encerram parágrafos ou sucedem descrições, convidando o leitor a ficar alerta e se posicionar

sobre o tema que é questionado. Nos casos em que o autor expõe pensamentos e julgamentos, a subsequente pergunta no texto desponta, para aquele que o lê, como se lhe dissesse “você concorda comigo ou discorda do que acabei de escrever?” ou então “o que você pensa e teria a dizer sobre isso?”. Dois exemplos desta “artimanha” encontram-se nos excertos abaixo:

O espanhol perseguia as lendas de ouro, submetia nações inteiras para obtê-lo pela cruz e pela espada. E o inglês, o francês vinham acossar o tesouro espanhol, propriedade espúria, para pilhar e destruir e matar e construir a grandeza deles... Piratas, bucaneiros e corsários com o aval da nobreza para roubar. Abutres sobre abutres? (LIMA, 1989, p. 23)

Não é preconceito. Nem querer impor modelo de fora. Mas por que nós, latinos, não conseguimos ser – enquanto povo, nação, conjunto, eficientes? Por que nossas sociedades não andam? Por que não conseguimos estabelecer uma civilização dos trópicos que seja de efetiva qualidade social, tecnológica, administrativa, empresarial, humana? (LIMA, 1989, p. 26-27)

Este último fragmento, não por coincidência, é significativo porque revela outro recurso generalizado de inclusão do leitor: a colocação do pronome na primeira pessoa do plural – “nós”, ou seja, “eu, autor, e você, leitor” -, que no caso deste trecho se reforça por estar acompanhado de um adjetivo partilhado por ambos os sujeitos envolvidos no processo – “latinos”, que se refere a quem escreve e, muito provavelmente, a quem lê. Uma indagação do tipo “Por que nossas sociedades não andam?” se insere em outra proposta do autor, ainda mais abrangente: levar o leitor a exercitar sua condição de ser social e refletir sobre a coletividade que o cerca e do qual ele faz parte, evidenciando o papel social que um livro-reportagem como “Colômbia espelho América” é capaz de assumir.

## **2. Reportagem em revista: piauí**

Lançada em setembro de 2006, a revista piauí, de informação geral, tem periodicidade mensal. Foi idealizada pelo documentarista João Moreira Salles, com o

objetivo de abordar assuntos que fugissem das temáticas que dominavam as bancas de jornais e revistas brasileiras (celebridades, dicas de consumo, receitas de saúde e beleza) por meio de textos de tamanho livre, que tornassem a leitura prazerosa. Leva o mesmo nome de um Estado brasileiro por uma coincidência, segundo Salles explicou em entrevista para Francilene de Oliveira Silva:

A sugestão do nome tem algo de curioso, não tem nada a ver como o Estado de mesmo nome, parte de uma historinha que uma vez João Moreira Salles leu. Gilberto Freyre escreveu que nos países nórdicos e frios os idiomas têm muitas consoantes, as palavras são duras e cortantes. E nos países tropicais, que têm sol, os idiomas são apinhados de vogais, letras mais gentis que saem carinhosamente pela boca. Por alguma razão, apesar de João acreditar que linguisticamente isso é uma bobagem, achou a ideia bonita. E *piauí* é uma palavra cheia de vogais (SALLES apud SILVA, 2010, p. 66).

De fato, piauí chama a atenção, em relação às demais revistas brasileiras normalmente presentes nas bancas, não somente pelo tamanho maior do que o convencional e os desenhos coloridos que estampa em suas capas, mas também porque publica grandes reportagens, sem um limite padronizado de caracteres e páginas ocupadas, com colunas estreitas e tipologia reduzida que fornecem espaço para textos extensos. Ela foge à tendência de mercado que tomou conta de alguns veículos de preferir textos simples, curtos e leves, como destaca Juremir Machado da Silva (2000, p. 21). Entre as matérias encontradas em piauí, não é raro encontrarmos exemplos de reportagens aprofundadas e humanizadas, praticando o jornalismo literário. Para a análise deste estudo, selecionamos duas delas: "Ego nas alturas", pertencente à edição número 47, de agosto de 2010, e "*Data venia*, o Supremo", que pertence à mesma edição e teve um desdobramento publicado na seguinte (número 48, de setembro de 2010).

### **2.1. "Ego nas alturas", um perfil**

"Ego nas alturas", de cinco páginas, traça perfil do deputado federal Índio da Costa, do Partido Democratas (DEM), candidato a vice-presidente da República na chapa liderada por José Serra, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), para



as eleições de outubro de 2010. Antes de nos debruçarmos sobre a reportagem, assinada por Consuelo Dieguez, façamos um parêntese para abordar rapidamente a reportagem biográfica em formato perfil, propício para o exercício do jornalismo literário porque tem como foco e tema principais o(s) sujeito(s) em torno do(s) qual(is) a investigação se desenvolve e a narração é construída.

Considerado um formato do jornalismo interpretativo por José Marques de Melo (MELO; ASSIS, 2010, p. 66), o perfil é um relato biográfico sintético. De acordo com Sérgio Vilas Boas, estudioso do assunto, o perfil jornalístico pode ser definido, de maneira simplificada, como uma narrativa que elucida aspectos da vida de um personagem real em determinado momento, e não no decorrer de sua existência, como a biografia pretende fazer. Afinal, certas características, atitudes e pensamentos podem se modificar em função da fase que o indivíduo esteja atravessando.

De um perfil espera-se que lance luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história da figura humana que lhe dá sentido - em se tratando de personalidades conhecidas do grande público, tem condições ainda de revelar a pessoa por trás da celebridade. Por meio de observações atentas, entrevistas com o protagonista e pessoas próximas a ele, além de leituras a seu respeito, o jornalista traça um retrato do perfilado sem precisar forjar teses e lançar mão de estereótipos. Os perfis "são mais atraentes quando provocam reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à vida de todos nós", diz o pesquisador (VILAS BOAS, 2003, p. 20).

Voltemos à “Ego nas alturas”. O texto começa situando o protagonista no escritório político de Indio da Costa, no Rio de Janeiro, em um domingo no início de julho de 2010, no qual se deu a primeira entrevista para Consuelo Dieguez, que mescla episódios do passado do político com ocorrências do momento do diálogo entre os dois. Em seguida, a reportagem faz uma digressão para contar como aconteceu a escolha de Costa para o cargo de vice do então candidato à presidência José Serra, abrindo espaço para depoimentos de personagens envolvidos no processo. Na sequência, passagens da infância e adolescência do deputado federal revelam traços de seu comportamento, com a colaboração de um amigo do passado, até Indio da Costa identificar o momento no qual se interessou pela carreira política, passando a relatar a evolução de sua trajetória, culminando com a chegada à Câmara dos Deputados. As ocorrências de domingo no escritório se encerram quando o protagonista se despede da filha antes de embarcar para São Paulo, onde teria um compromisso político.

Dois dias depois, na terça-feira, a jornalista voltou a se encontrar com ele no escritório e o reviu também na quarta-feira, acompanhando-o do apartamento do perfilado até a emissora de rádio onde José Serra seria entrevistado. Semanas depois, em um dia do final de julho, Dieguez relata um novo encontro entre Costa e Serra, em um restaurante, e dialoga com o deputado no local antes de encerrar o texto. A reportagem evidencia ainda um contato entre entrevistadora e entrevistado por e-mail, para esclarecimento de uma investigação da primeira que contradizia o que o segundo havia declarado na entrevista inicial. Como se observa, houve mais do que um encontro formal entre as partes para a construção do perfil: comprovando seu esforço investigativo, a repórter esteve com o personagem durante alguns dias e várias horas, acompanhando-o em atividades e compromissos, além de conversar com pessoas que mantiveram ou mantêm relações com e opiniões sobre ele, o que evita a parcialidade de ter somente Indio da Costa falando sobre Indio da Costa. Ao cobrir parte da rotina do sujeito de sua pauta, exercitando a “arte de sujar os sapatos”, como diria Humberto Werneck (TALESE, 2004, p. 523), ela pratica a imersão, um dos pilares do jornalismo literário.

Quem lê o texto a respeito do “empreendedor” Indio da Costa, ex-músico, DJ (*disc jockey*, artista que comanda as músicas executadas num evento) e piloto de ultraleve afastado, conhece um pouco do seu cotidiano de candidato a vice-presidente nas ocorrências narradas por Dieguez, que faz uso da construção cena-a-cena, técnica típica do *new journalism*, tendência norte-americana de utilização de recursos literários na reportagem que eclodiu nos anos 1960/1970 e deixou marcas no jornalismo atual<sup>2</sup>. A descrição do político é extensa, de características físicas a diálogos com pessoas ao redor, passando por aspectos do comportamento (atitudes, gestos, manias, preocupações) que ajudam a revelar a personalidade e a identidade do protagonista. Nem mesmo detalhes que poderiam ser considerados irrelevantes ou demasiado banais são deixados de lado, como a música que Costa cantarola entre uma sala e outra do seu escritório e a cobrança, interrompendo a entrevista, para um assessor providenciar a troca de uma lâmpada queimada.

A autora não abdica do papel de personagem da narrativa, quando se insere no texto direta ou indiretamente e expõe sua interação com o protagonista (em termos

---

<sup>2</sup>Leia mais sobre o *new journalism* a partir da página 25.

como “Perguntei-lhe”, “nos vimos”, uma pergunta de Costa para ela: “Você está vendo esse caroço aqui?”), sem ser invasiva a ponto de desviar a atenção do foco principal, que sempre foi o candidato a vice da coligação envolvendo PSDB e DEM na corrida pela sucessão presidencial. Por reunir um grande conjunto de informações e dados sobre seu protagonista, Consuelo Dieguez tem o mérito de alicerçar a imagem que faz dele (uma pessoa de ego elevado, como o título da reportagem indica) nessas evidências concretas, sem precisar recorrer a julgamentos abstratos e certamente mais questionáveis.

## 2.2. “Data venia, o Supremo”, seriada

Produzida por Luiz Maklouf Carvalho, a reportagem temática seriada sobre o Supremo Tribunal Federal (STF) ocupa mais de uma edição de piauí. As primeiras 11 páginas foram publicadas em agosto de 2010, intituladas de "*Data venia, o Supremo*". A seqüência, com 8 páginas, veio no número seguinte, em setembro, com o título de "*O Supremo, quosque tandem?*". Publicar reportagens em série, que podem ocupar uma quantidade ilimitada de edições do meio em questão, não é um recurso exclusivo da revista brasileira, pois jornais e revistas de dentro e fora do país já utilizam o expediente há décadas. Inclusive, trata-se de uma forma de não tornar a leitura demasiadamente cansativa e manter a expectativa do leitor para o decorrer da narrativa por mais tempo, pois, caso ele se interesse pela primeira parte (ou capítulo) do texto, tenderá a adquirir a(s) restante(s), garantindo retorno ao veículo em questão.

Antes de adentrarmos na análise, expliquemos o significado das expressões em latim que fazem parte do título da primeira e da segunda partes da reportagem. "*Data venia*" quer dizer "dada a permissão/licença", enquanto "*quosque tandem?*" significa "até quando?". Expressões em latim fazem parte do cotidiano do mundo jurídico, o que ajuda a explicar a relação dos termos escolhidos com a reportagem que tem o STF como tema, abordado em seus personagens, bastidores e funcionamento. O texto da edição de agosto de 2010 se concentra no esclarecimento do dia a dia da casa, seus acontecimentos cotidianos, quem são seus membros e quais as ocorrências regulares e episódios extraordinários levantados pelo jornalista. Ao passo que a matéria do mês seguinte se concentra na “agenda de dificuldades” do Supremo, explicitando os problemas não resolvidos que os ministros enfrentam ou deveriam enfrentar.

Considerando todas as 19 páginas escritas por Carvalho, encontramos uma grande reportagem com um número elevado de fontes ouvidas: as declarações presentes no texto indicam que o autor conversou com mais de 30 pessoas, entre ministros, ex-ministros, assessores, advogados, juristas e políticos, no mapeamento que empreendeu do tema. Dos 11 ministros que compõem o atual quadro do STF, o jornalista entrevistou, brevemente ou de forma mais alongada, ao menos oito. Os números não revelam apenas quantidade, mas contribuem para que se trace um quadro aprofundado da mais alta instância judicial do Brasil, pela pluralidade de vozes que trazem dados sobre ela, tanto de dentro quanto de fora da instituição. O empenho de imersão do repórter é verificado por sua circulação em diferentes espaços frequentados e situações passadas por seus personagens: o plenário e os gabinetes particulares do Supremo, a casa de um ministro, o avião no qual outro viaja, a aula proferida por um deles, os escritórios dos advogados, etc. A investigação demonstra fôlego também pelo longo período de apuração: a narrativa revela que Carvalho acompanhou regularmente as sessões do STF durante um trimestre. Considerando que as sessões acontecem entre terça e quinta-feira, três dias por semana, pode-se concluir que o número de sessões assistidas gira em torno de 36.

Embora o tema não seja de fácil compreensão para um leitor leigo, afinal o universo jurídico possui regramentos e procedimentos peculiares, com formalidades expostas em um linguajar erudito, o jornalista não se restringe à discussão especializada de questões particulares, abrindo espaço para o que o STF tem de trivial e comum a qualquer agrupamento humano: diferenças de comportamento, casos breves ou longas histórias de amor e ódio, amizades, intrigas e até “picuinhas”. A humanização se dá por completo quando, além das características pessoais e mesmo psicológicas dos ministros, que interferem em suas atuações profissionais, o texto aborda traços individuais dos “seres humanos por trás dos ministros”, longe das câmeras da TV Justiça, que registra as sessões da casa. Ao sabermos que Marco Aurélio Mello degusta um peixe sem qualquer etiqueta, que Gilmar Mendes é pouco atento a coisas banais, que Celso de Mello tem dificuldade para se alimentar de modo saudável e que Eros Grau é um brincalhão inveterado, conhecemos um pouco melhor as pessoas que dão vida aos respectivos ministros.

Assim como a reportagem “Ego nas alturas”, anteriormente analisada, a reportagem de Carvalho faz uso da técnica cena a cena, alternando ocorrências em

cenários e períodos específicos com parênteses para falar de assuntos alheios a espaço e tempo definidos. Por exemplo, a seqüência abaixo, que ocupa as páginas 37 e 38 da edição de agosto de 2010 da revista piauí:

- Trecho 1: Descrição da votação de um caso insólito, no qual, dos dois deputados acusados pela mesma infração, um foi absolvido e o outro condenado, o que levou um dos ministros a reajustar seu voto.

- Trecho 2: O repórter rememora decisões duvidosas e fatos questionáveis do Supremo Tribunal Federal, até citar a mais recente eleição para presidente da casa.

- Trecho 3: Breve descrição da eleição para presidente do STF, que alçou o ministro Cezar Peluso ao cargo “por uma regra costumeira e singular”.

- Trecho 4: Explicação, pelo repórter, de que a regra “costumeira e singular” é a eleição do mais velho ministro e, portanto, a linha sucessória do Supremo já está definida.

- Trecho 5: O repórter pergunta a Peluso o porquê da simulação da votação cujo resultado já se conhece e, a partir da resposta do ministro, situa o local da entrevista, o gabinete do presidente recém-eleito, descrevendo o espaço.

- Trecho 6: Peluso volta a falar sobre o critério por antiguidade que rege as eleições no STF e externa suas impressões sobre os primeiros dias no comando da casa. Ao citar os pequenos aborrecimentos que já o acometeram, relembra do episódio dos discursos no evento de sua posse como presidente.

- Trecho 7: O repórter recria a expectativa de Peluso para que um amigo seu discursasse, o que quebraria o protocolo da solenidade, relatando o que foi providenciado antes do evento e o que acabou acontecendo na posse, quando nem tudo saiu como o esperado pelo presidente.

O equilíbrio observado entre cenas presenciadas pelo repórter e episódios reconstituídos por seus personagens ou por pesquisas próprias revela uma extensa apuração, item fundamental para que se atinja o aprofundamento almejado pelo jornalismo literário. A boa apuração permite ainda que o jornalista consiga apresentar o tema de sua reportagem com dados e números para o leitor que o desconhece. No caso do Supremo Tribunal Federal, vários aspectos ficam claros, como as carências do edifício, a estrutura e o orçamento dos quais os ministros dispõem, o caminho percorrido pelos processos da chegada ao julgamento, os procedimentos rotineiros dos ministros dentro e fora das sessões, o ritual comum a todas elas, etc.

Luiz Maklouf Carvalho se coloca no texto de forma discreta, o que é adequado para não desviar a atenção e o foco dos personagens que são a razão de ser da narrativa. Desde que sua presença no texto traga revelações ao leitor e não represente gestos de vaidade, não há problema no fato de o jornalista participar da narrativa, fazendo uso de pronomes pessoais e verbos na primeira pessoa do singular se necessário. Para expor impressões, conclusões e teses, é preciso que as sustente pelas informações oferecidas ao leitor, e nesse quesito Carvalho não pecou. Ele encerra a grande reportagem com uma análise do STF vinda da boca do ministro Ayres Britto, que pelo fato de finalizar o texto e estar destacada em itálico ganha uma importância particular em relação às anteriores.

### **3. Reportagem em jornal impresso: Eliane Brum**

Jornalista, escritora e documentarista, a gaúcha Eliane Brum, nascida em 1966, começou sua carreira jornalística no final da década de 1980, no jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Após 11 anos como repórter e colunista do periódico, veio para a revista Época, de São Paulo, onde permaneceu por dez anos. Atualmente, dedica-se a projetos independentes, como literatura e produção de documentários, além de escrever semanalmente para uma coluna no site da Época.

No final de 1998, a então repórter do Zero Hora foi convidada pelo diretor de redação do jornal na ocasião, Marcelo Rech, a “extrair crônicas reais de pessoas comuns e situações corriqueiras” (BRUM, 2006, p. 13), nas palavras do próprio Rech. A partir dessa proposta, materializou-se uma coluna semanal em 46 sábados, intitulada “A vida que ninguém vê”, até o momento em que Brum optou por deixar o diário porto-alegrense. Àqueles que consideram o formato crônica uma exclusividade do exercício da literatura ficcional, vale lembrar que, assim como a literatura é abraçada pelo jornalismo no jornalismo literário, o mesmo se dá com a crônica, resultando no híbrido (mas não menos jornalístico) formato crônica-reportagem.

Os textos do espaço "A vida que ninguém vê" renderam à jornalista o Prêmio Esso de Jornalismo – Regional Sul de 1999 e parte deles foi compilada no livro também denominado “A vida que ninguém vê”, editado em 2006 e vencedor do Prêmio Jabuti na categoria livro de reportagem de 2007. É dessa obra que selecionamos traços de jornalismo literário discutidos a seguir, retirados dos cinco textos seguintes: “História

de um olhar”, “Adail quer voar”, “Enterro de pobre”, “Um certo Geppe Coppini” e “O cativoiro”. A fim de não tornar as análises redundantes, os elementos que encontrarmos em mais de um texto não serão mencionados de forma repetitiva, mas apenas uma vez, motivo pelo qual as primeiras considerações estão maiores, em número de linhas, do que as subseqüentes, como se verá abaixo.

### 3.1. “História de um olhar”

Publicado em 18 de setembro de 1999. Está centrado no encontro entre o andarilho Israel Pires, protagonista da crônica-reportagem, e a professora Eliane Vanti, co-protagonista. Sem estudo, Pires era marginalizado pelos moradores da Vila Kephas, de Novo Hamburgo (RS), até que, aos 29 anos, passa a acompanhar a ida de alguns alunos de Vanti para a escola e, dias depois, se converte em estudante da 2ª série, é incluído socialmente e sua vida se transforma.

Logo nas primeiras palavras do texto, notamos que Eliane Brum é uma repórter que se permite refletir e tirar conclusões sobre o que vê, buscando entender as situações universais que estão por trás dos acontecimentos particulares. Com autonomia para escapar do ordenamento dos fatos exigido pela técnica jornalística do lide (proposição completa que inclui as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa, finalidade e instrumento da informação), praticamente um mandamento dos meios de comunicação diários, ela teve abertura do jornal para o qual escrevia – e essa liberdade também deve ser ressaltada, porque é essencial para que o jornalismo literário se materialize – para iniciar o texto da seguinte forma (BRUM, 2006, p. 22):

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos.  
Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância.  
Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que  
envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva.

Inclui.

Esta é a história de um olhar (...).

Após essa introdução reflexiva, a jornalista descreve Pires, fala de seu status na comunidade onde vive, as idas para a escola e a gradativa incorporação do andarilho à turma de alunos orientados pela professora Vanti. Depois que apresenta os protagonistas

da reportagem com nome e sobrenome (Israel Pires e Eliane Vanti), Brum sempre se refere a eles como Israel e Eliane, criando uma familiaridade dela e do leitor da coluna para com os personagens da mesma. Ao tratá-los de modo a evitar o distanciamento, trazendo consigo o leitor para perto do andarilho e da professora em seu texto, a autora pratica a humanização.

É evidente também a preferência de Brum por sintetizar as situações repetitivas e transmitir o estado das coisas ao invés de estabelecer descrições específicas e pormenorizadas, valorizando informações centrais em detrimento a dados acessórios. Por exemplo, nos dois excertos a seguir: “Imundo, meio abilolado, malcheiroso, Israel vivia atirado num canto ou outro da vila” (p. 22) e “Um dia Israel se aproximou de um menino. De nove anos, chamado Lucas” (p. 23). Na primeira frase, é dispensável a localização exata dos espaços freqüentados por Pires (se é a rua X ou a praça Y), assim como na segunda não importa, para a compreensão do personagem, em qual horário, dia, mês e ano aconteceu a aproximação mencionada.

A capacidade de síntese e focalização em torno do tema principal auxilia o leitor no processo de compreensão dos personagens desvelados, uma vez que torna a narrativa mais clara, coerente e livre de excessos e preciosismos que possam desviar a atenção de quem lê. Essa concisão pode ser observada em frases curtas e objetivas, tornando a leitura pausada e conferindo força às palavras: "Aconteceu neste inverno. Eliane, a professora, descobriu Israel. (...) Eliane viu Israel. E Israel se viu refletido no olhar de Eliane" (p. 23). Brum dispensa também a formalidade das aspas que usualmente acompanham declarações expressas de forma direta no texto jornalístico, o que facilita a fluência da leitura.

Se a narrativa é bastante concisa, não corre o risco de se tornar seca e sem vida porque faz uso de metáforas inusitadas, acrescentando sabor ao relato. "Olhos de amêndoa, rosto de esconderijo. Bom de bola. Bom de rua. (...) Israel estava todo dentro do olhar da professora. E o olhar começou a se espalhar, se expandir, e engolfou toda a sala de aula. A imagem se multiplicou por 31 pares de olhos de crianças" (p. 23 e 24). Brum enriquece sua reportagem com elementos literários e traços poéticos de maneira simples e objetiva, sem precisar recorrer a expressões de efeito ou vocabulário rebuscado por mero apuro estético: “A redenção de Israel foi a revolução da professora. Em 7 de Setembro, Israel desfilou. Pintado de verde-amarelo, aplaudido de pé pela Vila Pedra” (p. 25).



### **3.2. “Adail quer voar”**

O perfil, de 12 de junho de 1999, está centrado na figura de um carregador de malas. Na época, Adail José da Silva tinha 62 anos de idade e há 36 trabalhava nessa função no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, capital gaúcha. Mesmo convivendo com aviões, ele nunca conseguiu andar em um deles e admite que se trata de seu maior sonho, embora a dificuldade financeira para tanto o mantenha desiludido quanto à realização desse desejo.

Novamente o protagonista da crônica-reportagem é tratado pelo primeiro nome no decorrer do texto, que mistura a narrativa da jornalista em parágrafos com a entrevista com o carregador no esquema pergunta-resposta. Embora essa formatação de entrevista interrompa a fluência da narrativa, as perguntas são colocadas de maneira sintética e direta e as respostas, valorizadas visualmente em negrito, respeitam o discurso e o modo de se expressar do personagem, mesmo em caso de erros de concordância nominal e verbal. As indagações da jornalista deixam de lado uma complexa elaboração de raciocínio, que talvez pudesse dificultar o entendimento de um entrevistado de repertório limitado, para avançar, de forma simples e clara, em aspectos que ajudam a revelar a personalidade do indagado, como “O que é chato nessa vida?”, “Me conta como é o seu sonho” e “E como será o dia em que o senhor voar?” (p. 29 a 32).

Outro aspecto humanizador é a manutenção da condição de Adail de “o negão das bagagens” (p.28), pois, por mais que exista uma denominação formal da função exercida pelo carregador, é como “negão das bagagens” que todos o conhecem e como ele se reconhece na prática, na vida real que em algumas ocasiões se afasta da norma culta da língua portuguesa. O próprio linguajar do carregador parece participar do texto da autora, em trechos como esse: “Tanto ferro, tanta gente, tanta mala. Como é possível, virgem nossa? Enchendo a barriga dos pássaros de aço, Adail viu o mundo passar por ele num vaivém assustador” (p. 28).

### **3.3. “Enterro de Pobre”**

A sensibilidade aguçada de Brum é uma das principais características deste texto, publicado em 26 de junho de 1999 e dividido em duas partes. Trata-se da dramática trajetória do abatedor de árvores Antonio Antunes, que, não bastando a tristeza de ter de enterrar o filho recém-nascido que não pôde conhecer, teve de fazê-lo

“de favor”, porque não tinha dinheiro para as despesas relativas ao enterro. A partir de um membro de um grupo social limitado em seus direitos pela carência de recursos, a jornalista expõe a tragédia da pobreza que se repete ao longo da história dos brasileiros, visto que o caso de Antunes está mais para regra do que para exceção entre os milhões de despossuídos do país.

A reportagem se inicia com frases que resumem uma das conclusões possíveis de se extrair da história do abatedor, invertendo a ordem tradicional começo-meio-fim que molda a maior parte das narrativas, sejam elas ficcionais ou jornalísticas. Ao se apropriar da sabedoria popular, sem menosprezá-la ou ignorá-la, a jornalista reforça a pluralidade de vozes do seu texto, o que colabora para a humanização e o protagonismo de Antunes: “Não há nada mais triste do que enterro de pobre. Porque o pobre começa a ser enterrado em vida. Quem diz é Antonio...” (p. 37).

Como já dito, a sensibilidade da autora é evidente no decorrer da crônica, provavelmente estimulada pelo drama em torno do lenhador, que dificilmente não afetaria emocionalmente uma profissional acostumada a imergir em suas pautas e se deixar envolver pelos sujeitos que as constituem. Por exemplo, no trecho abaixo, carregado de poesia:

Antonio Antunes disse:

- Esse é o caminho do pobre.

E disse com tal dor, com tal desesperança, que a frase açoitou o cemitério da pobreza. Porque uma frase só existe quando é a extensão em letras da alma de quem diz. É a soma das palavras e da tragédia que contém. Se não for assim, é só uma falsidade de vogais e de consoantes, um desperdício de som e de espaço. E foi com tal dor que Antonio a pronunciou que até o sabiá que cantava do outro lado do muro silenciou, como se adivinhasse que a frase de morte era a vida de um homem (p. 36-37).

Em seguida à passagem reproduzida acima, Brum exercita a metalinguagem, referindo-se ao próprio texto para dizer que “às vezes é preciso contar uma história de mais de um jeito para que seja entendida por inteiro” (p. 37), o que caracteriza a transição para a segunda parte de sua narrativa, que começa com as mesmas palavras da primeira: “Não há nada mais triste do que enterro de pobre...” (p. 37).

Enquanto a primeira parte situa Antunes no momento imediatamente posterior ao enterro do filho natimorto, a segunda promove uma reconstituição dos fatos desde o rompimento da bolsa uterina da mulher do abatedor até a chegada do protagonista ao cemitério para o doloroso ritual do enterro. O tom de denúncia permeia a sucessão de infelicidades vividas pelo personagem. No entanto, mesmo quando um dado grave é revelado – como a descoberta de que o filho de cinco anos estava com pneumonia e o hospital o tratava para outra coisa -, ele não ganha maior importância do que o drama de Antunes. Hospitais e médicos são citados na reportagem, por exemplo, mas a jornalista dispensa a identificação deles. Tal escolha parece refletir o objetivo de universalizar uma situação particular, como se houvesse vários “Antonios Antunes” que passassem por semelhante desgraça, para usar um termo nada eufemístico, conforme o cenário desolador indica. Desta forma, a história relatada na coluna de Brum ganha força pela representatividade que adquire. Eis um trecho elucidativo dessa universalização, que evidencia a desumanidade generalizada no Brasil:

(Antonio) Deixa para trás o filho sem nome, sepultado numa cova rasa, sem padre e sem flor. Porque a cova de pobre tem menos de sete palmos, que é pra facilitar o despejo do corpo quando vencer os três anos do prazo. Então é preciso dar lugar a outro pequeno filho de pobre por mais três anos. E assim sucessivamente há 500 anos (p. 39).

O encerramento de “Enterro de pobre” retoma o raciocínio que acompanha toda a narrativa, desde a sua frase inicial. Pode ser considerado, como se conhece na literatura, de “final com chave de ouro”, por resumir a sina narrada desde o princípio: “A diferença maior é que o enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida” (p. 39). Acreditamos, por fim, que a constatação de um drama universal pelo texto lhe proporciona o mérito de superar a natural indiferença *a priori* de quem se dispõe a lê-lo por completo.

### **3.4. "Um certo Geppe Coppini"**

O perfil saiu no jornal Zero Hora do dia 27 de fevereiro de 1999. O protagonista é um italiano de 90 anos da cidade de Anta Gorda (RS), no Vale do Taquari, chamado Geppe Coppini. Seu comportamento anticonvencional o transformou em figura

folclórica para os moradores do local e lhe conferiu o status de louco para muitos deles. É justamente a avaliação da sanidade mental de Coppini, tratada de forma bem-humorada com a apresentação de episódios "lendários" vividos por ele, o fio condutor da narrativa.

Logo de cara, Brum convida os leitores a participarem da discussão, começando o texto da seguinte maneira: "Vocês acham que Geppe Coppini é louco?" (p. 42). A indagação causa surpresa, desperta o interesse pela narrativa e serve de mote para o relato da história do imigrante, que faz uso de termos na língua italiana em alguns momentos, como quando expõe frases marcantes do personagem. Por fim, após expor passagens e costumes da vida do idoso, a autora se ausenta de um julgamento sobre a questão inicial que propõe, deixando a tarefa para os leitores: "Quem é Geppe Coppini? Vocês decidem" (p. 45).

### **3.5. "O cativoiro"**

De 11 de setembro de 1999, é resultado de uma visita ao Zoológico de Sapucaia do Sul (RS) e toma alguns de seus hóspedes como personagens principais. A partir da trajetória de vida e da observação do comportamento dos animais escolhidos, a jornalista conclui que os animais colocados em cativoiro se humanizam, assemelhando-se àqueles que os prenderam pelo temor em fugir à rotina e colocar a sorte em risco, transformados em seres sem vida, sem desejo e sem busca.

A reportagem revela duas virtudes de Brum: a capacidade de perceber sentimentos, sensações e vontades em animais de maneira factível, como se fossem seres humanos, e a elevação de uma situação aparentemente banal para uma reflexão carregada de profundidade sobre a condição humana, no paralelo entre prisão animal e prisão humana. "O que aconteceria se você encontrasse a chave do cadeado invisível de sua vida? O que aconteceria se você saltasse sobre o fosso de sua rotina? O que aconteceria se você desse o passo da elefanta?" (p. 56-57), escreve a autora, transferindo sua inquietação para o leitor.

### **3.6. O JL de Eliane Brum**

Com base nas cinco crônicas-reportagens de Eliane Brum analisadas acima, identificamos características, aspectos e escolhas que exemplificam possibilidades de aplicação do jornalismo literário, pois refletem os pilares deste, para se alcançar um

texto de maior aprofundamento investigativo, especialmente no sentido da humanização dos personagens, e de qualidade literária reconhecida. Listamos esses traços de forma resumida a seguir, ressaltando novamente que a concretização desta maneira de se fazer jornalismo<sup>3</sup> só é possível quando o autor goza de total liberdade para tornar real um trabalho que respeite suas marcas autorais, incluindo sua voz:

- Estilo próprio: Brum coloca, nos textos, uma forma particular de escrever, mesmo que destoe dos padrões editoriais comuns ao jornal que abriga suas reportagens, um veículo de informação geral que pertence à grande imprensa. No caso da repórter, frases curtas, às vezes de uma única palavra, e expressões reiteradas, para reforçar idéias, são comuns (*traço de JL: estilo*).

- Imagens a partir de metáforas: Fruto da criatividade que se permite ir além da mera descrição objetiva de cenários e situações, esse exercício de comparações e paralelos enriquece e embeleza o texto, tornando-o mais saboroso para quem o frui. Para tanto, é necessário possuir amplo repertório vocabular e deixar a sensibilidade aflorar (*traço de JL: uso de símbolos*).

- Universalização de casos particulares: Recurso que abre os olhos do leitor para o fato de que determinadas histórias contadas não são exclusividades dos personagens retratados, mas típicas da "espécie humana", por meio de uma reflexão que extrapola as narrações e descrições das situações observadas. Facilita a empatia e a identificação, da parte de quem lê, com os sujeitos da reportagem, seus episódios, dramas e sinas (*traço de JL: humanização*).

- Imersão no processo de captação: Autora-personagem, Brum não teme exhibir seu envolvimento com os personagens que descreve, tratando-os de forma humanizada, pelo nome ou apelido como são chamados na vida real e não pelo sobrenome que o formalismo do jornalismo convencional dissemina nos veículos da grande imprensa. O envolvimento se mostra também de duas outras maneiras: na abertura da autora para se deixar afetar ou mesmo se emocionar com a história dos anônimos que retrata, demonstrando esses sentimentos com expressões e frases recheadas de sensibilidade e poesia no decorrer dos seus textos, e na abertura da narrativa para incorporar trechos dos discursos dos protagonistas, o que se caracteriza como pluralidade de vozes (*traços*

---

<sup>3</sup>Os traços básicos do jornalismo literário foram desenvolvidos no Capítulo I deste texto, a partir da página 28.

*de JL: imersão do repórter na realidade, humanização, voz autoral, estilo, uso de símbolos).*

- Ênfase em detalhes e circunstâncias reveladoras em detrimento a estatísticas ou dados enciclopédicos: As colunas da repórter levam em conta as informações que dizem respeito aos sujeitos das reportagens, prescindindo de dados secundários para a compreensão dos protagonistas e suas histórias (por exemplo: o nome da escola onde Eliane Vanti e Israel Pires se conheceram, a localização temporal da entrevista com Adail José da Silva, o nome do hospital onde a mulher de Antonio Antunes pariu o filho natimorto, etc.). O jornalismo literário não defende a imprecisão de dados - pelo contrário -, mas valoriza o processo de compreensão dos seres humanos a despeito de conhecimentos acessórios (*traço de JL: humanização*).

- Estímulo ao debate: Deriva da reflexão que caracteriza a universalização dos casos particulares, pois as constatações e raciocínios da autora convidam o leitor a pensar e se posicionar também sobre as questões levantadas. Ao partilhar suas inquietações com o leitor, a jornalista lhe confere um papel mais ativo do que de mero assimilador de sua narrativa, incentivando o diálogo social, que não é apenas um traço do jornalismo literário, mas uma característica partilhada tanto pelo JL quanto pela comunicação alternativa.

## Capítulo III – IMPRENSA ALTERNATIVA

“(…) o canto não pode ser uma traição à vida,  
e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo  
as pessoas e as coisas que não têm voz” (Ferreira Gullar)

### 1. Conceitos, origens e ramificações

A expressão imprensa alternativa carrega em si uma idéia de oposição, de opção diferente do convencional, que esclarece seu conceito, bem como o de termos mais abrangentes aos quais ela se vincula, como jornalismo alternativo e comunicação alternativa, que extrapola o jornalismo. Segundo Sérgio Caparelli (1980, p. 44), alternativo é o termo mais apropriado para o gênero porque “indica uma relação com o outro, um *alter* que chama a si os que se desviam de um caminho inicial, no caso, a imprensa tradicional”. Trata-se de uma alternativa à chamada grande imprensa, representada por meios de comunicação periódicos de reconhecido poderio econômico e elevada tiragem (no caso dos veículos impressos) ou audiência (no caso dos audiovisuais). Vinculados a interesses empresariais e comerciais que interferem consideravelmente na produção do jornalismo que praticam, esses meios se orientam por padrões editoriais, às vezes documentados em manuais de redação, que cerceiam a criatividade e a reflexão inerentes ao ofício jornalístico, por dentro, entre os produtores do discurso jornalístico, e para fora, na relação com o público receptor. São meios respaldados por uma falsa idéia de objetividade perante as notícias que publicam, segundo Caparelli (1980, p. 43):

É próprio da ideologia dominante considerar como naturais as idéias dominantes, procurando ideológica e falsamente apresentá-las como objetivas, neutras (...) Mas basta abrir as páginas de um órgão de imprensa para descobrir os interesses de que classe defende (CAPARELLI, 1980, p. 43).

Máximo Simpson Grinberg (1987, p. 22) fala do tratamento conferido pela grande imprensa aos seus leitores-receptores:

O discurso autoritário que 'informa' assertivamente em vez de problematizar a realidade, que confunde propaganda e comunicação, informação e persuasão, é um discurso proselitista por excelência; esse discurso vê o receptor como objeto, converte-o em simples 'recedor de comunicados' em que se escondem, diz Paulo Freire, os que se julgam proprietários, administradores ou portadores do saber (GRINBERG, 1987, p. 22)

A grande imprensa deve ser vista com ressalva, pois “coloca em dúvida o jornalismo quando se limita a promover o jogo do mercado tratando a notícia como um produto à venda” (COSTA, 2000, p. 15). Citando Ciro Marcondes Filho (1984, p. 22), Ana Maria Straube de Assis Moura (2009, p. 54) destaca que a informação transformada em mercadoria é “transfigurada, alterada e mutilada em nome de interesses empresariais”, limitando o papel da grande mídia de esclarecimento da sociedade e reduzindo o exercício da liberdade de imprensa dentro das suas redações. Também de forma crítica, Rivaldo Chinem (1995, p. 87) destaca que a informação não é uma mercadoria como outra qualquer, tendo uma importância “que transcende aos fatos apresentados aos nossos olhos diariamente. Contribui para que o arbítrio seja sepultado de vez e que a verdade prevaleça acima de tudo”. Porém, não é desta forma que ela é tratada pelo jornalismo que defende a manutenção da ordem burguesa, cuja concreticidade, segundo Adelmo Genro Filho, está inevitavelmente ligada aos interesses da classe que ele representa, de acordo com Vladimir Hudec. "O jornalismo não existe numa forma abstrata. É sempre concreto, ligado a uma certa classe social cujos interesses expressa, defende e apóia de modo mais ou menos preciso" (GENRO FILHO, 1987, p. 151). Expõe o autor:

Na "ideologia da objetividade", que vigora no jornalismo burguês, os fatos devem falar por si mesmos, contextualizados e hierarquizados subjetivamente com base no senso comum e na ideologia burguesa, para que sua apreensão e reprodução jornalística atuem como reforço da ordem e do *status quo* positivamente existentes (GENRO FILHO, 1987, p.151).



Portanto, com base na oposição que a define por natureza, a imprensa alternativa se caracteriza pelo não-alinhamento a governos e ao modo de operação da grande mídia, atrelada à lógica do mercado e às conveniências ideológicas e políticas das classes dominantes, que exercem a hegemonia na sociedade. A respeito, Dennis de Oliveira escreve:

Ao vislumbrar o seu leitor, espectador ou ouvinte como mero consumidor e todo o tecido social como mercado, o discurso midiático hegemônico consolida a idéia de que a única possibilidade de exercício da cidadania é dentro do terreno do consumo, o que significa que este *direito* não está ao alcance de todos, muito menos em sociedades como as latino-americanas marcadas por brutais concentrações de riqueza (OLIVEIRA, 2010, p. 6).

Por sua vez, os meios alternativos podem ser considerados praticantes do jornalismo contra-hegemônico, por se pautarem por interesses diversos dos meios empresariais e corporativos. Extrapolando essa dicotomia do cenário brasileiro para o continental, Alexandre Barbosa (2010, p. 141 e 143) diferencia e situa em lados opostos a “imprensa orgânica da América Latina Oficial”, representada pela indústria jornalística (jornais, revistas, emissoras de rádio e TV tradicionais, além dos grandes portais da internet), e os “veículos orgânicos da América Latina Popular”, representantes da imprensa alternativa que registra a história das lutas populares e multiplica as vozes das classes subalternas.

Conforme aponta Ana Maria Moura (2009, p. 54), a comunicação alternativa, ao questionar as formas como os meios de comunicação de massa transmitem informação e consolidam a hegemonia das classes dominantes, cumpre o papel de disputa hegemônica. As concepções de comunicação formuladas por pensadores da esquerda política como Vladimir Lênin (1870-1924) e Antonio Gramsci (1891-1937) “pautam até hoje discussões sobre como organizar e gerir um meio de comunicação contra-hegemônico, direcionando escolhas que determinam a forma de ação desses meios e seus objetivos” (MOURA, 2009, p. 55). A comunicação contra-hegemônica também é conhecida como contra-comunicação, por advir das classes subalternas e em oposição à comunicação favorável ao *status quo* (Peruzzo, 2008, p. 372).

Os veículos deste nicho jornalístico exercem papel ativo na luta pela cidadania, assumindo posturas democráticas como a reflexão e denúncia social e a visibilidade aos grupos menos favorecidos da população. Cidadania “é o desenvolvimento social com igualdade”, como define Cicília Peruzzo, lembrando que a extrema desigualdade dentro dos países e entre as nações torna “uns mais cidadãos que outros, sendo estes a maioria” (PERUZZO, 1998, p. 46). Para Dennis de Oliveira, o que motiva a prática do jornalismo alternativo é a *democracia* no seu sentido mais radical, em todos os aspectos, referenciada no ideal utópico de plena liberdade do Iluminismo (OLIVEIRA, 2010, p. 5), período de marcante desenvolvimento da cultura ocidental a partir do século XIII.

Em estudo recente sobre o tema, Peruzzo aponta que a comunicação alternativa "pretende ser uma opção como canal de expressão e de conteúdos infocomunicativos em comparação à grande mídia comercial e à mídia pública de tendência conservadora" (2009, p. 132). A partir desse pressuposto, desenvolve-se ao longo da história uma "práxis comunicacional diversa, teórica e prática", que se modifica em conformidade com o contexto histórico em que se realiza. De qualquer forma, porém, o objetivo da comunicação alternativa, desde sua efervescência no Brasil dos anos 1970, tem sido permitir que grupos marginalizados da sociedade possam emitir seu próprio discurso oficial através de meios específicos para suas necessidades, conforme aponta Máximo Grinberg (1987, p. 10). Embora lancemos nosso foco sobre nosso país, Sérgio Caparelli (1980, p. 42) lembra que o fenômeno da imprensa alternativa também apareceu em cenários como Estados Unidos, Europa, (a hoje extinta) União Soviética e China, sempre com especificidades. A imprensa *underground* norte-americana, por exemplo, abrigou veículos e jornalistas comprometidos com causas sociais, que puderam praticar o *new journalism* a partir dos anos 1950, como Norman Mailer fez no “Village Voice”, no bairro de Greenwich Village, em Nova York.

Além de discutir a comunicação alternativa a partir de sua manifestação no contexto do regime militar brasileiro, como fazem outros autores e faremos adiante, Cicília Peruzzo identifica algumas das novas formas de jornalismo alternativo praticadas na atualidade, o que nos leva à necessidade de esclarecer as ramificações do campo a partir do seu “guarda-chuva” maior, a comunicação alternativa. Sem desprezar a diversidade de formas de comunicação alternativa, a pesquisadora agrupa-as em duas grandes correntes que também têm seus desdobramentos: comunicação popular, alternativa e comunitária, de um lado, e imprensa alternativa, de outro (Peruzzo, 2009,

p. 133).

A corrente comunicação popular, alternativa e comunitária agrupa iniciativas populares e orgânicas aos movimentos sociais, usualmente chamadas de comunicação participativa, dialógica, educativa, horizontal, comunitária ou radical – em pesquisa nos anos 1980, Regina Festa (1984, p. 174-175) reuniu até 33 denominações diferentes para as experiências alternativas. Por povo, entende-se o "conjunto das classes subalternas e instrumentalizadas submetidas à dominação econômica e política das classes hegemônicas dentro de uma determinada sociedade", na acepção de Pedro Gilberto Gomes (1990, p. 33). Do caráter subalterno da cultura popular derivam certos traços que a tornam profundamente ambígua, de acordo com o autor: a ambivalência política, a fragmentação e a falta de coerência e sistematização. "O povo não é uma realidade social ou culturalmente homogênea", afirma (GOMES, 1990, p. 33).

Independentemente da denominação que se refira à comunicação popular, “o sentimento político é o mesmo: trata-se de uma forma de expressão de segmentos empobrecidos da população, mas em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas a estabelecer a justiça social” (PERUZZO, 2008, p. 368). Resultado de um processo, a comunicação popular realiza-se na dinâmica dos movimentos populares, de acordo com suas necessidades. Na avaliação de Festa (1986, p. 25), a comunicação popular no Brasil nasce efetivamente a partir dos movimentos sociais, sobretudo do surgimento do movimento operário e sindical, tanto na cidade como no campo. Esses movimentos, de acordo com a pesquisadora, têm origem nas contradições sociais das sociedades tensionadas por conflitos de interesse entre as classes sociais e se estruturam em torno de projetos alternativos de sociedade, por parte de grupos que buscam conquistar ou reconquistar espaços democráticos negados pela classe que está no poder. Diz ela:

A experiência brasileira mostra claramente que não existe comunicação alternativa e popular sem proposta de projeto alternativo de sociedade. Ela aparece por exigência do processo político e não como instrumento capaz de transformar por si a realidade social (FESTA, 1986, p. 29)

Uma das características essenciais da comunicação popular é a questão participativa voltada para a mudança social, segundo Cicília Peruzzo (1998, p. 115). Participação que se torna condição fundamental para que as maiorias sociais superem o status de meros receptores de mensagens. Relembrando colocação exposta pelo pensador da educação Paulo Freire, Grinberg aponta que o papel passivo de receptor de comunicados dificulta a autoexpressão de quem não se encaixa no grupo minoritário detentor dos meios de comunicação (1987, p. 10).

Além dos veículos tradicionais, como jornal e rádio, a comunicação popular se apóia em meios quase sempre artesanais ou primários para efeito de mobilização, organização e divulgação internas, como conversas, reuniões, assembléias, cartas, circulares, alto-falantes, cartazes, panfletos, folhetos (Grinberg, 1987, p. 47), jornais murais, bicicletas de som, carros de som, grupos de teatro etc (Peruzzo, 2009, p. 134). Citando Carlos Eduardo Lins da Silva (1981, p. 61), Pedro Gomes destaca que os jornais populares são periódicos “que têm em sua linha editorial uma preocupação de defesa dos interesses das classes trabalhadoras” (LINS DA SILVA apud GOMES, 1990, p. 56), privilegiando os pontos de vista e opiniões políticas que favoreçam esses segmentos em suas lutas específicas.

As experiências de caráter popular-comunitário, com origem em mobilizações e articulações de reação aos ditames do regime militar brasileiro, na década de 1970, têm como última finalidade favorecer a autoemancipação humana e contribuir para a melhoria das condições de existência das populações empobrecidas. Com o avanço da redemocratização no país, novos contextos históricos e bandeiras de luta geraram novos perfis e feições de experiências alternativas, diferenciando-se daquelas da mesma corrente, como a comunicação comunitária e a imprensa alternativa, esta última que acabou se configurando em outra vertente. Conforme destaca Cicília Peruzzo (2008, p. 373), o passar do tempo viu o caráter mais combativo das comunicações populares ceder espaço a discursos e experiências mais realistas e plurais, incorporando o elemento lúdico, a cultura e o divertimento com mais desenvoltura.

A comunicação comunitária pressupõe o canal de expressão de uma comunidade por meio do qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes, a fim de que o veículo seja um instrumento de prestação de serviços e formação do cidadão, sem perder de vista a preocupação de estar em sintonia com os temas da realidade local (Peruzzo, 2008, p. 375). Há analistas para

os quais uma imprensa só pode ser considerada comunitária “quando se estrutura e funciona como meio de comunicação autêntico de uma comunidade. Isso significa dizer: produzida pela e para a comunidade” (GOMES, 1990, p. 60), incluindo a participação ativa do cidadão em todas as fases da comunicação. Sobre a importância desse envolvimento dos membros da comunidade, Peruzzo (2008, p. 376) adverte que “não se discute a importância da difusão de conteúdos educativos, mas não é só por meio deles que se conscientiza” e ressalta que nem todo meio de comunicação local é comunitário, pois pode se dirigir a uma audiência próxima ou falar das coisas do lugar reproduzindo lógicas e padrões da mídia comercial. Com a dificuldade operacional dos jornais e revistas de grande porte de tratarem dos problemas de cada cidade, bairro ou pequena comunidade, a demanda pela comunicação comunitária se torna inevitável, independentemente do modelo de participação da comunidade que venha a ser implantado.

Agora, vejamos a descrição dos elementos que compõem a chamada corrente imprensa alternativa, campo jornalístico que este trabalho relaciona com o jornalismo literário. Ela engloba

o jornalismo alternativo praticado no contexto dos movimentos populares (...); a imprensa ‘popular’ ligada a organismos comprometidos com as causas sociais, mas com publicações de porte mais bem elaborado e com tiragens maiores; a imprensa político-partidária; a imprensa sindical combativa e o jornal alternativo propriamente dito, caracterizado como de informação geral, à semelhança dos diários, semanários ou mensários, porém com abordagem crítica (PERUZZO, 2009, p. 136).

É esse último modelo (jornal alternativo propriamente dito), o qual aponta para a questão da governança pública, que terá atenção mais específica deste estudo, nos exemplos citados no decorrer deste capítulo e analisados no próximo – não só de jornal como de revista alternativa também. Cobrindo temas ausentes da grande mídia e abordando criticamente os conteúdos que oferecem, esses meios se caracterizam como alternativos pelo fato de representarem uma opção como fonte de informação, indo além, em termos de abrangência editorial, das temáticas locais e segmentadas aos quais os pequenos veículos de jornalismo popular se circunscrevem.

Anos após adentrarmos o século XXI, permanece o caráter alternativo da imprensa alternativa, que “se recria por meio de novos formatos digitais que o avanço tecnológico favorece”, em um cenário onde surgem “novos jornais, vídeos, webrádios, home pages, fotologs, videologs, podcasts, e-zines, revistas etc”, de acordo com Cicília Peruzzo (2009, p. 147), impulsionados pela popularização crescente do acesso à Internet dentro e fora do Brasil. Atualmente, parte desses veículos constitui uma alternativa de mercado para o leitor-consumidor que vai à banca ou navega pela internet disposto a se deparar com um conteúdo diferente da voz corrente e do discurso convencional. Alguns deles, como a revista Caros Amigos, abordada no próximo capítulo, diferem dos meios alternativos por natureza que ganharam destaque entre as décadas de 1960 e 80 porque são veículos capitalizados, que disputam leitores entre si e dentro do mercado. No que diz respeito à organização empresarial e à lógica de sobrevivência, Caros Amigos não foge das leis da economia de mercado, embora possa ser considerada alternativa em termos de linha editorial e conteúdo (Fiorucci, 2007, p. 60). Mesmo nas décadas passadas, os alternativos já davam sinais da necessidade de se organizar como empresas:

A fuga do esquema tradicional de produção não implica a desnecessidade de uma organização, racionalização da produção, administração moderna. Em outras palavras, é difícil a sobrevivência de um empreendimento dentro do mercado capitalista que se marginalize totalmente de seus mecanismos de produção (CAPARELLI, 1980, p. 46).

Façamos uma pequena regressão temporal para falar das origens da imprensa alternativa. Bernardo Kucinski (1991, p. XVI) localiza o contexto de aparecimento desse nicho jornalístico no Brasil nos anos 1960 e 70, afirmando que a imprensa alternativa “surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade”, no momento em que o país vivia o período antidemocrático do regime militar. Entretanto, esse não foi o primeiro surto do fenômeno alternativo na história do jornalismo brasileiro, como destaca o analista, que cita dois momentos predecessores: o

período da Regência, na década de 1830, com cerca de 50 títulos de pasquins irreverentes e panfletários; e, entre as décadas de 1880 e 1920, o desabrochar dos jornais anarquistas de operários, alcançando o expressivo montante de quase 400 títulos.

A imprensa alternativa dos anos 1970 pode ser vista, no seu conjunto, como sucessora da imprensa panfletária dos pasquins e da imprensa anarquista, na função social de criação de um espaço público reflexo, contra-hegemônico, especialmente no seu apogeu, durante o triênio 1975-1977, quando a circulação simultânea de oito grandes veículos atingiu até 160 mil exemplares por semana (KUCINSKI, 1991, p. XXI).

Na avaliação de Sérgio Caparelli, a maior parte dos traços alternativos verificados nos veículos de oposição ao último governo militar pode ser encontrada em épocas históricas diferentes. “Funciona como um fogo-fátuo a iluminar as zonas obscuras do autoritarismo. Ela vive, ou sobrevive, nos regimes fechados em que o poder estabelecido estabelece um controle cerrado do sistema de comunicação”, diz o autor, (CAPARELLI, 1980, p. 42), lembrando que “Voz Operária” e outros jornais clandestinos de grupos comunistas já existiam antes de 1964, ano do golpe que instituiu o regime militar.

De acordo com os estudos de Regina Festa (1984, p. 72; 1986, p. 10), citados por Nayara Teixeira (2007, p. 28), as características da comunicação alternativa e popular sofreram alterações em decorrência das três fases distintas dos movimentos sociais identificadas entre 1968 e 1983. Na primeira, entre 1968 e 1978, quando o autoritarismo no Brasil chega a um patamar crítico, desenvolve-se a comunicação de resistência e denúncia, com o padrão alternativo atingindo redações de jornais e escolas de comunicação. Na segunda, entre 1978 e 1982, com o abrandamento das restrições políticas, verifica-se uma considerável diminuição dos veículos de comunicação alternativa, que ajuda a ser explicada pelos seguintes fatores: abertura de novas áreas de atividades políticas, aprovação de ações fiscais e administrativas contra os alternativos, debilidade financeira dos meios, dissensões internas, apreensões em gráficas e atentados a bancas que comercializavam esses periódicos. Por fim, o período de 1982/1983, que corresponde à terceira fase, “caracteriza-se por uma atomização do processo de

comunicação popular e alternativa na mesma medida que reflete a incapacidade das forças de oposição para articularem uma alternativa política à crise vivida pela sociedade brasileira” (FESTA, 1986, p. 10).

As expressões “pequena imprensa”, “imprensa nanica”, “imprensa independente” e “imprensa underground” (CHINEM, 1995, p. 7), todas vinculadas à imprensa alternativa, advêm da condição de alguns periódicos que ousaram questionar e se posicionar contra o regime militar vigente no Brasil entre 1964 e 1984, caracterizados por estrutura precária, tiragem baixa e circulação à margem do circuito convencional. O jornalismo alternativo perdeu vigor nos anos 1980 não apenas porque a resistência à ditadura militar perdeu a razão de ser em virtude da abertura política no Brasil, mas principalmente porque a abertura levou a grande imprensa a incorporar temas antes restritos à imprensa alternativa e fazer oposição ao governo em alguns casos. Assim, os meios alternativos foram esvaziados em sua função de servir de espaço de realização sócio-política com a legalização de veículos, sindicatos e partidos (Kucinski, 1991, p. XXV).

Por outro lado, a redemocratização do Brasil criou condições para o fortalecimento da comunicação comunitária, permitiu a volta da liberdade nas redações e propiciou a multiplicação de veículos de informação alternativos, populares, livres e independentes, que exploram novas frentes e áreas de atuação política no jornalismo, não necessariamente reunidos sob o rótulo de oposição a governos e partidos. Das últimas décadas para cá, mesmo com mudanças de contexto, conjuntura, características e do que representa ser alternativo, persistem os exemplos de contraste ideológico e editorial à grande imprensa. Entretanto, o atual processo de crescente concentração dos meios de comunicação gera oligopólios fortes, “verdadeiros estandartes do capital contemporâneo, extremamente organizados e claros em seus objetivos e que bloqueiam qualquer tentativa de democratização em suas áreas de interesse – qual seja, todas aquelas que seus tentáculos puderem alcançar” (INTERVOZES, 2006, p. 19). Daí, compartilhamos da conclusão, com pesar, de que ainda não se pode falar em democracia plena no Brasil, pois não existe democracia se todos os cidadãos não tiverem igual acesso à informação e direito de se comunicar (INTERVOZES, 2006, p. 18).



## 2. Referências do passado e exemplos do presente

### 2.1. Alternativos de ontem

Percorrendo a trajetória de diversas publicações alternativas, Bernardo Kucinski, que inclusive participou como personagem ativo desta história, lembra que os jornais alternativos contrastavam com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar, denunciando as violações dos direitos humanos e criticando o modelo econômico vigente. Em oposição ideológica ao discurso oficial, esses veículos eram tratados de modo diferenciado pelo aparelho militar brasileiro, que os perseguia e os submetia a um regime de censura prévia.

Temeroso de que a crítica pudesse desgastar sua precária unidade, o governo militar não tolerava o nível normal de dissensão e debate da opinião pública, reforçando a violência da repressão a cada nova manifestação contrária da parte dos civis, como explica Paolo Marconi (1980, p. 27). De acordo com essa lógica, todas as pessoas que lidavam de alguma maneira com a opinião pública, de forma independente, como era o caso de muitos jornalistas, professores, intelectuais e artistas, eram enquadrados sob eterna e maniqueísta suspeição - tal característica, segundo Marconi (1980, p. 26), não era exclusiva do regime brasileiro, pois todas as ditaduras tendem a zelar pelo "monolitismo doutrinal da informação", citando expressão cunhada por André e Francine Demichel.

Rivaldo Chinem (1995, p. 8) aponta que os meios da imprensa alternativa da segunda metade do século XX tentavam propor alternativas “não apenas de notícia, mas de mercado, de postura, de organização acionária, a sonhada empreita do jornal de jornalista”. Durante o período de exceção vivido pelo país, esses jornais eram “os únicos canais disponíveis para a crítica e a informação independentes” (CHINEM, 1995, p. 86). O estudioso ouviu profissionais que fizeram parte desta experiência brasileira de oposição por meio do jornalismo e relatou as trajetórias de meios que ganharam grande repercussão e obtiveram forte penetração nas correntes progressistas, como o bem-humorado “O Pasquim”, lançado em 1969, o interpretativo “Opinião” (1972) e o politizado “Movimento” (1975). Outros veículos de destaque na época foram “Pif Paf” (1964), “Bondinho” (1970), “Versus” (1974), “De fato” (1975), “Coojornal” (1975), “Repórter” (1977) e “Extra” (1984). Tratava-se de publicações elaboradas e dirigidas por jornalistas de esquerda, alguns ligados à pequena burguesia, que,

"cansados do autoritarismo, aspiravam um novo projeto social e se preocupavam em informar a população sobre temas de interesse nacional numa abordagem crítica" (KUCINSKI apud PERUZZO, 2009, p. 136).

Bernardo Kucinski (1991, p. XIV) identifica duas grandes classes de jornais alternativos: os predominantemente políticos, em geral pedagógicos e dogmáticos, alertas para o endividamento externo e o agravamento das iniquidades sociais ("Opinião", "Movimento", "Coojornal"); e os rejeitadores da primazia do discurso ideológico e voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, investindo contra o autoritarismo e o moralismo da classe média (simbolizados pelo "O Pasquim").

No entender de Chinem, "O Pasquim", "Opinião" e "Movimento" formaram uma tríade que influenciou gerações de jornalistas no Brasil.

Maior representante da sátira na imprensa alternativa, "O Pasquim" tinha raízes na identidade nacional-popular, absorvendo a cultura *underground* norte-americana. Potencializou o modo de escrever informal com expressões e gírias que extrapolaram as páginas do periódico em função da popularidade e do prestígio gozados pelo veículo, abrindo caminho para o uso da linguagem coloquial e até de palavrões no jornalismo (Kucinski, 1998, p. 181). Posicionava-se declaradamente como opositor ao regime, como um exemplo da indignação decorrente da falta de liberdade no país. Criado em 1969 pelos jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral e os cartunistas Jaguar e Ziraldo, conseguiu lutar contra os problemas financeiros advindos especialmente a partir da década de 1980 até sair de cena em 1991, depois de mais de mil edições publicadas.

"Opinião" se caracterizava por uma linha editorial crítica, trazendo informação contextualizada com abertura para a interpretação jornalística, além de praticar um jornalismo investigativo capaz de fornecer revelações exclusivas. Possuía os direitos de reprodução de matérias de publicações internacionais de renome e tinha expressivos intelectuais como colunistas. Fundado por Raimundo Rodrigues Pereira e Fernando Gasparian, circulou entre 1972 e 1977, tendo sido extinto em decorrência de divergências internas (PEREIRA, 1986, p. 62). Parte dos seus colaboradores e editores se reuniu para formar "Movimento" em 1975, após a demissão de Pereira por Gasparian, fato que provocou uma debandada nos quadros do jornal, considerado pelo jornalista Lúcio Flávio Pinto, mantenedor do "Jornal Pessoal", como o melhor da imprensa alternativa pós-1964.

"Movimento" era composto por diferentes correntes de esquerda, dos mais

“democráticos” aos mais “radicais”. Podia ser considerado mais politizado e doutrinário do que os demais, o que lhe conferia um aspecto mais convencional, “quadrado”, para usarmos uma denominação mais coloquial. Raimundo Rodrigues Pereira (o mesmo de “Opinião”), seu fundador e diretor, relata que o jornal se colocava, para a maioria dos seus jovens redatores, como o principal meio de militância política (CHINEM, 1995, p. 83). Circulou entre 1975 e 1981.

“Coojournal” e “Repórter”, por sua vez, se destacaram como jornais alternativos de reportagem, segundo subdivisão efetuada por Kucinski. Não que os demais não praticassem esse formato jornalístico, mas não o faziam com a mesma frequência e peso em relação às demais modalidades de texto. “Bondinho” e “Ex” também experimentaram novas formas de reportagem, incorporando técnicas do *new journalism* (tendência norte-americana dos anos 1960 e 70 que aplicou técnicas da literatura no modo de se fazer jornalismo, abordada no primeiro capítulo desta dissertação), como a narrativa jornalística com feições literárias e baseada na vivência dos fatos e situações.

“Coojournal”, fundado no Rio Grande do Sul por 67 jornalistas “asfíxiados pela censura e falta de emprego” (INTERVOZES, 2006, p. 39) em 1974, representou a primeira cooperativa do gênero no país, aliando organização coletiva (o jornalista como dono da empresa) com jornalismo crítico e independente. Abordou temas nos quais o restante da imprensa da época não tocava, testando os limites da ditadura e se arriscando a perder clientes e anunciantes, como de fato aconteceu com o passar dos anos, até o fechamento em 1983. Em depoimento ao jornalista Daniel Cassol, o ex-diretor do Coojournal Elmar Bones identificou a importância da imprensa alternativa por esta ter forçado a mídia convencional, até então acomodada, a tratar de novos temas. “O pequeno jornal pode influir no grande pois, se traz uma informação quente, o grande não pode ignorar por muito tempo” (INTERVOZES, 2006, p. 45), declarou Bones, atualmente diretor e editor do Jornal JÁ, periódico que circula em alguns bairros da região metropolitana de Porto Alegre.

Experiência popular de diálogo com movimentos sociais na Zona Leste da cidade de São Paulo, o “Grita Povo” foi um instrumento que permitiu aos sujeitos das comunidades envolvidas trabalhar a comunicação como ferramenta indispensável ao crescimento e fortalecimento dos movimentos de que participavam (Intervozes, 2006, p. 62). Tinha como objetivo retratar as lutas da região de São Miguel Paulista, divulgando fatos não veiculados na grande imprensa, além de abordar temas nacionais e

internacionais, principalmente latinoamericanos. O jornal atuou imerso em uma cultura de mobilização estimulada por reivindicações de infraestrutura pública a bairros carentes, contando com auxílio de entidades como a Igreja Católica, no período em que a entidade religiosa deu ênfase aos trabalhos sociais e comunitários, por força de seus setores progressistas. Iniciativas brotadas em contextos semelhantes ao do “Grita Povo”, que circulou entre 1982 e 1991, surgiram também em outras cidades brasileiras.

Na avaliação de Rivaldo Chinem, os jornais alternativos deixaram de ter o papel que desempenhavam com o fim da censura, mas por outro lado se segmentaram em outras faixas de leitores e passaram a ter a possibilidade de uma ação de massa mais ampla e de multiplicar suas tiragens a partir da redemocratização. No entanto, a abertura política no Brasil não dispensou nem dispensa atualmente a luta permanente pela democracia das comunicações porque, conforme avalia o sociólogo e comunicólogo Venício Artur de Lima (INTERVOZES, 2006, p. 14), é falaciosa a idéia de que a grande mídia hegemônica, privada e comercial seria passível de ser democratizada, abrindo espaço para a pluralidade e a diversidade de vozes de nossa sociedade. Diante desse cenário, convém mencionar a atuação de entidades não-governamentais, como o coletivo Intervozes, no embate pela democratização da comunicação, na perspectiva “de que o direito à comunicação é um direito humano fundamental e se expressa principalmente na criação de um sistema público de comunicação igualmente independente do Estado e da iniciativa privada” (INTERVOZES, 2006, p. 14).

## **2.2. Alternativos de hoje**

Como acabamos de dizer, a comunicação alternativa continuou sua caminhada no Brasil, remodelada depois da transição política e impulsionada pelas novas frentes de atuação abertas pela liberdade de expressão no País e facilitadas pelos avanços tecnológicos cada vez mais numerosos a serviço do jornalismo.

Entre os meios alternativos atuantes nos dias de hoje, apresentaremos a seguir alguns exemplos em linhas gerais e depois nos concentraremos em dois, um jornal (Brasil de Fato) e uma revista (Caros Amigos) de expressão nacional, para uma análise mais detida no próximo capítulo, confrontando suas reportagens com o exercício do jornalismo literário. Os veículos relacionados abaixo exemplificam modos de se produzir jornalismo alternativo no Brasil contemporâneo.

### **2.2.1. Brasil de Fato**

Resultado da articulação de jornais e ativistas de diversas áreas, o jornal Brasil de Fato foi "gestado" em 2002 e lançado no início de 2003, na esteira do III Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (RS). Coube ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) liderar o desenvolvimento de um projeto de meio de comunicação de grande porte que fosse capaz de aglutinar as forças da esquerda em torno de si e proporcionar aos movimentos um novo canal de diálogo com a sociedade. Depois de conviver com períodos de acentuadas dificuldades financeiras, especialmente entre 2004 e 2006, o semanário com sede em São Paulo se consolidou dentro de novas perspectivas e objetivos, tendo os temas políticos e econômicos como predominantes em suas páginas, bem como o espaço constante conferido para a perspectiva popular em denúncias e ações de segmentos marginalizados. Em dezembro de 2010, o site do Brasil de Fato informava que cada edição, com 12 páginas coloridas no formato standard, contava com tiragem de 50 mil exemplares<sup>1</sup>.

### **2.2.2. Caros Amigos**

Caros Amigos surgiu em 1997 com a proposta de se diferenciar da mídia convencional pela abertura a textos com maior profundidade analítica e abordagem de questões sociais sem ter o pudor de criticar o modo como o qual o Brasil era governado. Afinado ao ideário neoliberal, o país convivia com privatizações, endividamento externo e problemas sociais, cenário no qual a revista mergulhava para denunciar e expor as contradições da realidade, defendendo posições de cunho socialista. Publicado mensalmente pela Editora Casa Amarela em São Paulo (SP), com tiragem entre 40 e 50 mil exemplares, o periódico se caracteriza por trazer reportagens, artigos, colunas e uma grande entrevista com o personagem da capa do mês. Aborda temas relacionados a política nacional e internacional, economia, meio ambiente, cultura e desigualdade social e circula principalmente nos "meios que pensam o Brasil"<sup>2</sup>.

### **2.2.3. Le Monde Diplomatique Brasil**

Nascido em 1954, na França, "Le Monde Diplomatique" é um jornal publicado

---

<sup>1</sup>Mais informações sobre Brasil de Fato se encontram no Capítulo IV, a partir da página 87.

<sup>2</sup>Mais informações sobre Caros Amigos se encontram no Capítulo IV, a partir da página 87.

em 25 idiomas, que existe em português na versão eletrônica desde 1999. No Brasil, a versão impressa, com o nome “Le Monde Diplomatique Brasil” (LMDB), funciona desde 2007, circulando mensalmente, editada por iniciativa do Instituto Pólis e de uma série de colaboradores. Em 2010, possuía tiragem de 40 mil exemplares, sendo distribuído em mais de 8 mil bancas pelo país, no formato tablóide, com 40 páginas. De acordo com o site oficial do LMDB (BRASIL, online, 2010), trata-se de uma publicação “apartidária, pluralista e democrática, que busca ocupar um espaço que não

foi até agora devidamente contemplado pelo jornalismo brasileiro” e que visa “estimular o pensamento crítico, a reflexão e o debate de temas prementes da sociedade”. Para tanto, não se configura como um periódico noticioso, voltado à cobertura dos fatos correntes, mas se apresenta como um meio reflexivo, “que busca identificar, para além dos fatos, os cenários maiores que lhes conferem sentido e inteligibilidade” (BRASIL, online, 2010).

Como forma de orientar sua linha de atuação, o jornal criou um Conselho Editorial formado por renomados jornalistas e especialistas de diferentes áreas. Numerosa também é a equipe de tradutores, pois o LMDB se beneficia de textos produzidos originalmente para as edições estrangeiras, da França e de outros países. O caráter analítico que pauta a publicação confere maior peso a artigos de especialistas e intelectuais em relação a reportagens de jornalistas em cada edição. Entrevistas e dicas de livros são espaços constantes, assim como cartas de leitores. Os temas, abordados nas esferas nacional e internacional, variam bastante, incluindo desde política, economia e cultura até comportamento, biologia, literatura, filosofia e análise da mídia.

#### **2.2.4. Fórum**

Inspirada no Fórum Social Mundial (FSM)<sup>3</sup>, embora não seja sua publicação

---

<sup>3</sup>Segundo o site oficial do evento, o FSM é “um espaço de debate democrático de idéias, aprofundamento da reflexão, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo”. Houve edições anuais entre 2001 e 2007, e a partir de 2008 aconteceram iniciativas menores, mais pontuais e descentralizadas, com outras nomenclaturas.

oficial, a revista “Fórum” foi lançada em abril de 2001, trazendo a cobertura da primeira edição do evento, realizada em Porto Alegre (RS) em janeiro daquele ano. Em setembro de 2001, tornou-se periódica, circulando mensalmente. De 2005 para cá, passou a ser impressa totalmente em papel reciclável, de acordo com o princípio do desenvolvimento sustentável, uma das bandeiras do FSM. Em 2010, alcançava tiragem de 12 mil exemplares mensais e contava com oito mil assinantes, entre subscrições individuais, cotas para entidades e assinaturas coletivas, de acordo com seu site oficial. Mantém poucas seções fixas, como um espaço de divulgação de iniciativas ligadas à economia solidária, e seus textos costumam girar em torno de novos modelos e propostas em relação à situação estabelecida na área em debate, nos mais variados temas, do aparelhamento do Estado brasileiro ao jornalismo na era digital.

A página do periódico na internet informa ainda que Fórum, publicação da Editora Publisher Brasil, conta com um Conselho Editorial formado por representantes de diferentes segmentos da sociedade civil brasileira. Na versão impressa, estão elencados os membros desse conselho, com as respectivas entidades aos quais estão vinculados. Nota-se, nesta listagem, o predomínio de instituições estreitamente ligadas ao campo político da esquerda, como sindicatos e centrais de trabalhadores. A revista tem como público-leitor professores, intelectuais, sindicalistas, economistas, jornalistas, sociólogos, advogados, cientistas sociais e estudantes universitários. Ancoradas em temas e eventos políticos, econômicos e sociais, suas reportagens e entrevistas buscam “uma visão de mundo diferente da presente nos grandes meios de comunicação” (FÓRUM, online, 2010). Produzida em São Paulo (SP), Fórum está sob licença Creative Commons, que permite a cópia, distribuição e execução de textos da revista, além da criação de obras derivadas nela, desde que seja dado crédito à mesma e se reproduza a mesma licença.

#### **2.2.5. Ocas”**

Desde 2002, a Organização Civil de Ação Social, entidade sem fins lucrativos, produz a revista Ocas” com a colaboração voluntária e sem remuneração de jornalistas autônomos. Sua particularidade reside no fato de incluir uma ação social no trabalho de distribuição da publicação: ela é vendida por pessoas em situação de rua, que compram cada exemplar por um preço pré-estabelecido, junto à entidade, para revendê-lo por um preço maior, também estabelecido a priori – em 2010, o preço de compra era de R\$ 1 e

o de venda R\$ 3. Os exemplares que os vendedores não conseguirem vender podem ser trocados gratuitamente por quantidade igual de edições novas. Assim, o lucro obtido pelas vendas é revertido em renda para os vendedores da organização, cujo objetivo está explicitado logo na primeira página de cada edição da revista, ao lado do índice. “O objetivo da organização é fornecer instrumentos de resgate da autoestima dos vendedores, criando mecanismos para que o indivíduo se torne seu próprio agente de transformação, de forma que Ocas” seja um ponto de passagem, e não o destino definitivo”. O desejo da instituição de que os vendedores em situação de rua deixem essa condição se manifesta no subtítulo que acompanha o nome do periódico: “saindo das ruas”.

Em 2010, a entidade já contabilizava mais de 1.500 pessoas atendidas com sucesso. Segundo informa a revista, todas elas têm idade mínima de 18 anos, recebem treinamento, assinam um código de conduta (expresso na seção “expediente” da publicação) e portam crachá antes de começarem o trabalho de venda. Com sedes nas cidades do Rio de Janeiro (RJ) e de São Paulo (SP), Ocas” conviveu com dificuldades financeiras nos últimos anos, que a levaram a incrementar o pedido de doações junto aos leitores e causaram a diminuição do número de revistas produzidas por ano, ampliando sua periodicidade, de mensal para bimestral. Embora solicite doações aos leitores, disponibilizando endereço e dados bancários da organização em um texto intitulado “Invista em um ser humano”, a revista informa que não arrecada doações nas ruas e afastará o vendedor que for envolvido nesta situação, recomendando aos leitores que não contribuam caso abordados para esse fim. Impressa em papel reciclável, a publicação conta com algumas seções fixas: filosofia de esquina (frases de pessoas respondendo a uma pergunta única), palanque (frases de pessoas públicas, relacionadas a ocorrências recentes, que são contextualizadas), cabeça sem teto (reportagem sobre pessoas em situação de rua), capa (reportagem do tema exposto na capa ou entrevista com personalidade exposta nela), carrossel (tema cultural), foco (ensaio fotográfico), carrossel 1uns (dicas de livros, discos, sites, DVDs, eventos etc), cartum (charge) e cranianas (artigo).

Ocas” não representa uma iniciativa isolada no ramo de “publicações de rua”, difundido pelo mundo por meio de dezenas de periódicos, a partir do jornal nova-iorquino Street News (Estados Unidos), criado em 1989, e da revista londrina The Big Issue (Inglaterra), lançada em 1991. Em 1994, foi criada a International Network of



Street Papers (na sigla em português, Rede Internacional de Publicações de Rua), para integrar e apoiar logisticamente esses projetos. Duas organizações não-governamentais brasileiras pertencem a essa rede: a Organização Civil de Ação Social e a Agência Livre para Infância, Cidadania e Educação, que produz o jornal Boca de Rua, em Porto Alegre (RS).

### **2.2.6. Viração**

Opção para o público jovem entre os meios de comunicação alternativos, a revista “Viração” nasceu em 2003. É publicada pela organização não-governamental de mesmo nome, criada no mesmo ano, que atua no ramo da educomunicação, oferecendo cursos e oficinas de capacitação em comunicação popular para jovens, por jovens e com jovens em escolas, grupos e comunidades em todo o Brasil. De forma simplificada, podemos dizer que a educomunicação, cujo campo emerge da inter-relação existente entre as tradicionais áreas da comunicação e da educação, contempla, entre outras práticas, a utilização dos meios de comunicação com clara finalidade educativa. Nayara Teixeira (2007, p. 41) traz definição de Angela Schaun (2002, p. 82):

[A educomunicação] caracteriza-se pelas atividades de intervenção política e social fundamentada na experiência e na formação crítica dos processos históricos, sempre voltadas para uma perspectiva de leitura crítica dos meios de comunicação, atuando no âmbito do ensino formal e não formal, nas empresas, nos meios de comunicação, nos movimentos populares, nas organizações não-governamentais. (...) O que sustenta a ação educacional é uma releitura das utopias sociais impulsionadas pela motivação transformadora do status quo. Essa motivação mantém a visão de futuro, saindo da fragmentação hiperestimulada do mercado, essa entidade obscura e dominadora que ganha ênfase sempre que não são respondidas as ansiedades inclusivas do social (SCHAUN APUD TEIXEIRA, 2007, p. 41).

A produção da revista, que circula mensalmente a partir da sede em São Paulo (SP), conta com a participação de conselhos editoriais jovens (chamados de Virajovens) em 22 Estados brasileiros e no Distrito Federal. Tais conselhos reúnem representantes de escolas públicas e particulares, projetos e movimentos sociais. De acordo com estudo

de Teixeira (2007, p. 85) sobre a publicação, as funções desses colaboradores são, basicamente, participar das reuniões mensais do veículo, acompanhar suas discussões presencial ou virtualmente, acompanhar e se envolver com os processos de planejamento e execução da Viração. A intensidade da participação é variável, tendo cada integrante um envolvimento maior ou menor durante os processos, e qualquer adolescente ou jovem que tiver interesse em desempenhar tais papéis pode se juntar à equipe. Compõem o conteúdo da revista textos escritos por jornalistas, colaboradores e membros dos Virajovens, além de matérias providas de parceiros da publicação, como as revistas Fórum e Envolverde (veículo digital de meio ambiente e desenvolvimento), o jornal Brasil de Fato e os portais Setor3 (mídia do Senac São Paulo especializada em desenvolvimento sustentável) e Pró-Menino (meio da Fundação Telefônica especializado em notícias e informações relativas aos direitos da criança e do adolescente).

Com o subtítulo “Mudança, atitude e ousadia jovem”, Viração procura “traduzir” termos formais do jornalismo para uma linguagem mais familiar ao público jovem, usando expressões e gírias típicas do vocabulário verbal dessa faixa etária mesmo quando desrespeitam a norma culta da língua portuguesa na grafia das palavras. Há seções fixas na revista, como Manda Vê (opiniões de jovens sobre temas polêmicos), PCU (espaço da Plataforma dos Centros Urbanos, iniciativa do Unicef para os direitos da criança e do adolescente), De olho no ECA (texto sobre algum tema relativo ao Estatuto da Criança e do Adolescente), Escuta Soh! (espaço da revista produzida pela parceria entre Viração, Unicef e RNAJVHA – Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/AIDS), No Escurinho (crítica de produções cinematográficas ligadas à educação), Rango da Terrinha (receitas culinárias de pratos típicos regionais), Que Figura! (perfil e trajetória de vida de personalidades emblemáticas), Sexo e Saúde (perguntas e respostas sobre os temas), Parada Social (textos sobre campanhas e iniciativas sociais) e Rap Dez (histórias em quadrinhos sobre temas voltados à conscientização juvenil). Viração também está sob a licença Creative Commons, que desobriga eventuais cópias da necessidade de arcar com direitos autorais pela reprodução da obra original, desde que cite a fonte.

### 3. Jornal Pessoal, um caso à parte

Entre os meios alternativos que sobrevivem no cenário nacional – a opção pelo verbo *sobreviver* em vez do *manter-se* se justifica pelas constantes adversidades, principalmente financeiras, que ameaçam a vida desses periódicos -, o Jornal Pessoal merece menção à parte devido a uma particularidade que o torna especial: é redigido por uma única pessoa, o jornalista Lúcio Flávio Pinto, que conta com apenas um auxiliar, seu irmão Luiz Pinto, nas funções de ilustração e edição. Paraense de Santarém, nascido em 1949, Lúcio Flávio atua na profissão desde 1966, tendo trabalhado para jornais e revistas paulistas, incluindo o jornal O Estado de S. Paulo, pelo qual foi correspondente na região amazônica e coordenador de sucursais e correspondentes. Participou de veículos alternativos que marcaram época, como “Opinião”, “Movimento” e “Versus”, além de ter colaborado com várias publicações “nanicas”. Recebeu premiações reconhecidas nacionalmente (Esso e Fenaj) e publicou 15 livros, a maioria sobre a Amazônia. É colunista do Portal Yahoo! Brasil, no qual escreve a coluna “Cartas da Amazônia” a cada duas semanas.

Em 1981, passou a editar a “primeira publicação de um homem só”, como ele mesmo define em entrevista ao jornalista Antônio Biondi (INTERVOZES, 2006, p. 289), o “Informe Amazônico”, espécie de embrião do jornal que o marcaria definitivamente anos depois. Desde 1987 ele se dedica ao Jornal Pessoal, cujos dois mil exemplares circulam quinzenalmente na capital do Pará, Belém, onde o jornalista reside. De acordo com o site de Lúcio Flávio Pinto, que hospeda os textos do jornal na internet, trata-se da “publicação alternativa de existência mais duradoura do país e a única em atividade” (PINTO, online, 2010). No ano de 2010, seu vigésimo terceiro de existência, ultrapassou a marca de 470 edições. É o próprio criador e produtor do veículo que o define como alternativo, em texto publicado no seu site:

É jornal alternativo porque recusa publicidade. Sempre viveu exclusivamente da venda avulsa, sobretudo em bancas de revista e livrarias de Belém (...). É alternativo também por ser escrito por uma única pessoa, o jornalista Lúcio Flávio Pinto (...). É alternativo também por ter optado pelo formato menor e mais pobre, justamente para não depender da receita da venda de anúncios, que costuma

limitar a liberdade de expressão quando dependente de grandes anunciantes e dos governos. Graças a essas características, o *Jornal Pessoal* só tem uma limitação: a capacidade de se informar e de transmitir informações do seu redator solitário (PINTO, online, 2010).

A liberdade decorrente da ausência de vínculos comerciais com anunciantes é um fator decisivo para explicar a opção de Lúcio Flávio por se dedicar a um produto limitado e que não lhe traz dividendos. Explica também a eclosão do seu periódico em 1987, dias depois de o jornalista, então repórter de “O Liberal” em Belém, ser impedido de tornar público que dois anunciantes do jornal estavam envolvidos no assassinato do ex-deputado estadual Paulo Fonteles de Lima, por causa de questões comerciais. Se a grande mídia calou a denúncia de Pinto, o *Jornal Pessoal* lhe deu voz para dizer tudo que achava necessário, desde a primeira edição, o que o faz preferir “morrer livre” a submeter o meio a certos compromissos em troca de verbas publicitárias (Intervozes, 2006, p. 284). Naturalmente, o ousado meio passou a incomodar muita gente e gerar inimigos e processos judiciais (até 2010 haviam sido 33 na Justiça do Pará) ao jornalista (condenado quatro vezes), que chegou até a ser agredido fisicamente, em janeiro de 2005, pelo empresário Ronaldo Maiorana, editor de “O Liberal”, depois de ter denunciado, na reportagem “O rei da quitanda”, a prática de chantagem por parte do grupo Maiorana sobre anunciantes do veículo da empresa, que teria transformado o influente jornal (um dos dois mais poderosos do Estado, ao lado do “Diário do Pará”) em um “balcão de negócios”. O acompanhamento da imprensa como parte da engrenagem do poder é assunto recorrente do periódico, que goza de alguma repercussão no meio jornalístico brasileiro, especialmente depois da disseminação da internet no país.

A defesa da soberania da Amazônia, principal tema do *Jornal Pessoal*, aparece como objetivo maior de Pinto em sua publicação, à qual se dedica de forma abnegada, encarando seu trabalho como uma pregação, “no sentido de fornecer informações que se tornem armas nas mãos dos leitores” (INTERVOZES, 2006, p. 275). Segundo o jornalista, a especialidade do periódico tem sido divulgar temas, perspectivas e fatos omitidos – intencionalmente ou não - pela grande imprensa, lutando contra a condição colonial da sociedade na região amazônica, que priva a maioria da população do poder decisório sobre seu destino. “Os colonizados pensam pela cabeça do colonizador. É por

isso que um jornal, para refletir a realidade, tem que ser alternativo, mesmo que seja mais bem entendido fora da região do que dentro dela”, avalia Lúcio Flávio para Antônio Biondi (INTERVOZES, 2006, p. 279-280), deixando transparecer a frustração com a falta de reação dos leitores paraenses (a esmagadora maioria de um universo de 15 mil) às suas provocações.

Verificando as dez edições publicadas nos cinco meses de março a julho de 2010, observa-se que todas elas têm 12 páginas com as cores preta e branca, no formato A4, e foram vendidas pelo preço de R\$ 3,00. O tema eleição, abordando a movimentação política no Pará com vistas ao pleito de outubro, foi predominante nas capas do jornal neste período - esteve em sete, o que corresponde a 70% delas. Das três restantes, duas também abordaram temas políticos (o governo Fernando Henrique Cardoso na Presidência do Brasil e a aliança entre o Partido dos Trabalhadores, PT, e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, PMDB) e uma se voltou ao campo econômico, sobre a desnacionalização das duas maiores indústrias paraenses. Ilustrações em forma de charges, produzidas por Luiz, irmão de Lúcio Flávio, acompanham os textos. Só há fotografias na seção Memórias do Cotidiano, cujas notas trazem fatos da história de Belém e do Pará no século XX, a partir de narrações do redator ou de reproduções de trechos de jornais antigos, como anúncios publicitários de décadas passadas. É freqüente a publicação de textos de leitores na seção Cartas ao Editor também. Além de redigir textos analíticos, que partem de ocorrências, ganham um contexto e fatalmente desembocam em conclusões e avaliações, Lúcio Flávio Pinto não se isenta de relatar casos particulares, como quando relembra a “perseguição dos irmãos Maiorana” como razão para o jornal ter perdido a pontualidade e falhado na cobertura de acontecimentos em algumas edições. “A movimentação forense dos processos me desvia do exercício da minha profissão”, escreveu ele no texto intitulado “Liberdade da imprensa e o dono da liberdade”, na página 12 da edição número 464, da primeira quinzena de maio de 2010.

Ciente das limitações da repercussão de uma publicação de tiragem reduzida, o homem por trás do jornal procura falar por meio de livros, colunas, palestras, debates e outros fóruns de discussão no Brasil e fora dele. E se defende da crítica de que só sabe criticar: “Uma leitura atenta dos jornais que fiz terminará com muitas idéias, sugestões, projetos. Talvez minhas idéias não prestem, mas os canais competentes deveriam se manifestar, inclusive para desautorizar o que proponho. Parecem acreditar que o

silêncio é a melhor maneira de me combater sem se arriscar” (INTERVOZES, 2006, p. 285). Mesmo desgastado por ter de se dividir entre a produção do jornal e a defesa na Justiça dos vários processos a que responde, o criador se diz refém de sua criatura: “Gostaria de acabar com o jornal para tentar viver melhor. Mas não consigo. Virei escravo dele” (INTERVOZES, 2006, p. 274).

## Capítulo IV – JORNALISMO LITERÁRIO NA IMPRENSA ALTERNATIVA

*"Literatura não estraga fora da geladeira nem fora da universidade" (Fabrício Carpinejar)*

### 1. Pontos em comum

Depois de discorrer a respeito de jornalismo literário e imprensa alternativa, como dissemos antes, este trabalho propõe uma aproximação entre esses dois campos jornalísticos, a fim de averiguar se alguns dos traços do jornalismo literário se identificam com características da imprensa alternativa e verificar até que ponto o primeiro poderia auxiliar a segunda a atingir suas finalidades – esse segundo momento será concretizado por meio das sugestões de aprofundamento das reportagens selecionadas do jornal Brasil de Fato e da revista Caros Amigos.

Embora o jornalismo literário e o jornalismo alternativo se diferenciem bastante<sup>1</sup>, é possível observar pontos em comum entre eles. Visto não apenas como um exercício de estilo e aperfeiçoamento do texto que dá forma à reportagem, o jornalismo literário demonstra comprometimento com o diálogo social quando pratica a pluralidade de vozes, ouvindo não apenas as fontes consagradas pela grande mídia, e a humanização dos personagens retratados, por meio de um tratamento que supera a coleta de dados superficiais. Assim, colabora para o exercício da cidadania, na esfera do compromisso social do jornalismo, aproximando-se de uma das metas perseguidas pelos meios alternativos.

Por pluralidade de vozes, entende-se o espaço dado para os personagens das mais variadas condições sociais, das "figuras públicas" aos "anônimos" da sociedade,

---

<sup>1</sup>O jornalismo literário é a modalidade de prática da reportagem de profundidade utilizando recursos de observação e redação inspirados pela literatura (ver mais detalhes no Capítulo I). Comprometido com segmentos sociais à margem das classes dominantes, o jornalismo alternativo engloba meios que praticam propostas editoriais e veiculam conteúdos destoantes do conservadorismo típico da grande imprensa (ver mais detalhes no Capítulo III).

indivíduos sem status, desconhecidos de forma geral e esquecidos pelos meios de comunicação. Afinal, não pode escapar ao jornalista a consideração de que a história e a vida social não são feitas apenas pelas personalidades reconhecidas por terem seus nomes “bombardeados” pela mídia ou vinculados a marcos registrados nos documentos oficiais, mas também pelos membros de grupos, comunidades e movimentos populares, atores de destaque no exercício da comunicação alternativa.

Entre os jornalistas que se sobressaíram recentemente pela disposição e talento em retratar perfis de pessoas "invisíveis" para a mídia convencional está Eliane Brum, repórter gaúcha cujos textos produzidos para o jornal diário Zero Hora, de Porto Alegre, foram compilados no livro "A vida que ninguém vê", publicado em 2006. Brum credita ao olhar insubordinado à rotina que banaliza o mundo a descoberta de que "o ordinário da vida é o extraordinário" e cada vida é um milagre, porque "cada Zé é um Ulisses. E cada pequena vida uma 'Odisséia'" (Brum, 2006, p. 187), referindo-se ao poema épico grego centrado no herói Ulisses, atribuído a Homero e provavelmente escrito no século VIII antes de Cristo. Cinco crônicas-reportagens da jornalista foram analisadas em capítulo anterior<sup>2</sup> deste estudo.

Revelar os sujeitos por trás dos fatos ordinários e extraordinários do dia-a-dia é um ato de humanização. No jornalismo, humanizar é priorizar o ser humano abordado na investigação jornalística em detrimento a estatísticas, números e dados meramente factuais, sobrevalorizados nos órgãos da chamada grande imprensa. Um texto humanizado nasce a partir da comunhão entre o sujeito-repórter e o sujeito-personagem e desperta, no leitor que o frui, a solidariedade de um olhar generoso para com os protagonistas das ações narradas, pelo reconhecimento da partilha de valores, crenças e situações universais ao ser humano. Sempre aberto ao que as sabedorias do cotidiano têm a dizer, o jornalista comprometido com o protagonismo social não pode abrir mão dessa mediação. Promover um gesto de cidadania desse calibre não é tarefa fácil, uma vez que, como lembra Cremilda Medina, tal caminhada constitui uma batalha ancestral dos pesquisadores e profissionais conscientes de sua responsabilidade na América Latina, onde a colonialidade do poder gera a “invisibilidade sociológica” (termo cunhado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano) da maioria da população, tolhida no que tange à formação de sua subjetividade e identidade (Medina, 2006, p. 36).

---

<sup>2</sup>Ver Capítulo III a partir da página 53.



Convém lembrar que, de modo inverso, o jornalismo alternativo também apresenta contribuições a oferecer ao jornalismo literário, como a contundência no discurso jornalístico, o envolvimento do jornalista com a “causa” existente por trás dos temas que aborda e o estímulo à formação de uma consciência crítica nos produtores da reportagem, em princípio, e nos seus consumidores, por consequência, levando-se em consideração que a abordagem crítica dos acontecimentos e conjunturas é uma característica marcante da imprensa alternativa, como anteriormente lembramos neste estudo.

## **2. Por que Brasil de Fato e Caros Amigos?**

Conforme mencionado na introdução deste estudo, seu objetivo principal é identificar contribuições do jornalismo literário para a imprensa alternativa. A fim de evitar que essas contribuições se tornem demasiadamente abstratas e permitir que elas ultrapassem o plano teórico, julgamos importante exercitar a aplicação das técnicas e recursos do jornalismo literário em reportagens de meios alternativos com circulação atual no Brasil, como modo de exemplificação e ancoragem da proposta na prática. Para tanto, fez-se necessário selecionar quais seriam esses veículos e, a partir dessa escolha, definir a amostragem a ser analisada.

Dentro do campo da imprensa alternativa, optou-se por trabalhar com duas publicações: o jornal Brasil de Fato e a revista Caros Amigos. Ao lidarmos com dois meios em vez de apenas um, procuramos diminuir o direcionamento e a especificidade da análise, pois não objetivamos encaminhá-la para um único periódico alternativo; por outro lado, não aumentamos o número de veículos selecionados para não correremos o risco de prejudicar a qualidade do trabalho em função dos limitados recursos para a finalização da pesquisa. Os critérios para a seleção destes periódicos partem de características compartilhadas por ambos, a saber:

- São veículos que conferem espaço constante para a reportagem em suas páginas, embora em algumas edições a prevalência de textos analíticos e opinativos, bem como do formato entrevista, seja evidente.

- Trata-se de meios de circulação nacional e de informação geral, vindo de encontro à ideia de que o jornalismo literário pode ser útil a qualquer tipo de

reportagem, independentemente do tema que ela abordar e do contexto em que ela estiver envolvida.

- Estabeleceram-se de forma consolidada no cenário brasileiro das publicações alternativas, pelas trajetórias acumuladas nos anos de existência e dezenas de edições concretizadas, e conquistaram lugares específicos nesse cenário de acordo com os respectivos perfis e projetos editoriais, por mais que tenham enfrentado dificuldades e passado por transformações nessa caminhada.

Caros Amigos nasceu em abril de 1997, a partir da iniciativa de um grupo de amigos, que incluía jornalistas, publicitários, profissionais liberais e profissionais da comunicação que acumulavam experiências em meios alternativos das décadas de 1960 e 70 e em veículos da chamada grande imprensa. Surgiu com a proposta de se diferenciar da mídia convencional pela abertura a textos com maior profundidade analítica e abordagem de questões sociais sem ter o pudor de criticar o modo como o qual o Brasil era governado, discutindo sobre temas que “incomodassem o cenário político, social, cultural ou econômico”, nas palavras de Rodolfo Fiorucci (2007, p. 62). A seção sobre a história da revista no site oficial da mesma (AMIGOS, 2010, online) informa:

Sob a liderança de Sérgio de Souza, eles (*o grupo de amigos que deu origem ao projeto*) discutiam como criar um veículo que se contrapusesse ao jornalismo predominante. Buscavam um conteúdo mais questionador, mais crítico e progressista. Queriam a volta do texto de qualidade e o cultivo dos aspectos artísticos da forma gráfica da revista, numa época em que a mídia grande promovia o modelo da revista alemã Focus e do jornal americano USA Today, com seus textos curtos e suas ilustrações cheias de cores e vazias de ideias (AMIGOS, 2010, online).

O contexto de origem de Caros Amigos era marcado pela adaptação brasileira ao ideário neoliberal, colocado em prática pelo predomínio da economia de mercado e a redução do papel interventor do Estado. A crise generalizada que afetou diversas economias no mundo conduziu o país, então governado por Fernando Henrique Cardoso (FHC) para a privatização de empresas estatais e o acordo com o Fundo Monetário

Internacional (FMI), gerando endividamento externo, aumento do desemprego e cortes dos investimentos sociais. Nesse cenário de turbulência na sociedade, Caros Amigos chegava para criticar, denunciar e expor as contradições da realidade sobretudo nacional, defendendo, como faz até hoje, posições de cunho socialista pela afinidade político-ideológica compartilhada entre seus gestores e colaboradores (jornalistas, escritores, artistas e demais intelectuais), conforme aponta Fiorucci (2007, p. 59). Seu slogan, logo abaixo do título da revista na home-page da mesma, é “A primeira à esquerda” (AMIGOS, 2010, online).

Para Marcelo Barbosa Câmara, Caros Amigos se consolidou como a principal publicação no campo da contra-hegemonia ao neoliberalismo nos primeiros anos do século XXI, pautando-se por uma forma diferente de fazer jornalismo em relação ao que se pratica nas grandes empresas. Pluralidade de idéias e formas diversas de se pensar a política e a sociedade nas páginas da revista, ao contrário do que normalmente encontramos nos meios de comunicação massivos, a aproximam do campo democrático-popular, na visão do pesquisador (Câmara, 2002, online). Essa preocupação com um jornalismo independente e sem concessões editoriais a anunciantes ou outras formas de pressão acompanha os editores do periódico desde suas experiências nos veículos alternativos dos anos 1960 e 1970, profissionais que concebem que posturas ideológicas diversas podem ser divulgadas, com uma abertura inconcebível para a grande imprensa. Câmara caracteriza um jornalismo independente a partir de três aspectos: a divulgação de formas diversas de se conceber a cultura, a política e a organização da sociedade; a relação entre a empresa jornalística e seus anunciantes, livre da delimitação e o cerceamento de espaços de liberdade na produção da notícia; e a escolha das fontes que compõem a abordagem da notícia, isenta de restrições quanto a vozes que podem ou não ser ouvidas pelo teor do discurso que manifestam.

Publicado mensalmente pela Editora Casa Amarela em São Paulo (SP), o periódico sempre se caracterizou por trazer reportagens, artigos, colunas e uma grande entrevista com o personagem que estampa a capa no respectivo mês - geralmente uma figura polêmica e de notoriedade na área em que atua, cujas declarações "bombásticas" ganham destaque. Trata-se de uma revista “de fôlego” e de leitura, que depende de colaboradores não-remunerados para atender ao seu exigente público, menos numeroso do que os dos demais mensários com os quais concorre nas bancas de jornal do país –

em 2010, sua tiragem oscilou entre 40 e 50 mil exemplares mensais. Aborda temas relacionados a política nacional e internacional, economia, meio ambiente, cultura e desigualdade social, entre outros. Circula principalmente nos "meios que pensam o Brasil", como a universidade, os colégios, as câmaras municipais e assembleias legislativas, os executivos municipais e estaduais, o Judiciário, o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto (Fiorucci, 2007, p. 60), fomentando o debate intelectual e contribuindo para a discussão pública dos problemas nacionais. Sobre os últimos anos, o site de Caros Amigos (Amigos, 2010, online) diz que

A revista cresceu, incorporou vários articulistas e jornalistas e se tornou referência de publicação contra-hegemônica, alternativa e de reflexão crítica do pensamento neoliberal. Desde a morte de Sérgio de Souza, em março de 2008, Wagner Nabuco assumiu a direção-geral da Caros Amigos. A revista procura praticar um jornalismo independente, crítico e comprometido com a transformação da sociedade brasileira (AMIGOS, 2010, online).

Brasil de Fato pode ser considerado resultado da articulação de jornalistas, representantes de movimentos sociais e ativistas de diversas áreas, que se reuniram durante o ano de 2002 e colocaram o jornal em circulação a partir de janeiro de 2003, aproveitando a ocorrência de um evento de grande porte no campo da esquerda, o III Fórum Social Mundial<sup>3</sup>, em Porto Alegre (RS). A iniciativa para sua construção, de acordo com Ana Maria Straube de Assis Moura (2009, p. 89), partiu de João Pedro Stedile, então líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). De acordo com Moura (2009, p. 90), a publicação foi fruto de um processo composto por dois fatores: a experiência do MST com a cobertura desfavorável de suas ações e reivindicações pela grande imprensa, aliada a avaliações feitas junto a outros movimentos sociais sobre a necessidade de desenvolver um projeto de meio de comunicação de grande porte que fosse capaz de aglutinar as forças da esquerda em torno de si e proporcionar aos movimentos um novo canal de diálogo com a sociedade.

Entre os atores que fundaram o Brasil de Fato, é consenso que a grande imprensa brasileira produzia uma imagem negativa do MST e de outros movimentos vinculados ao campo político da esquerda, por meio da divulgação de notícias que criminalizavam

suas atividades e deslegitimavam essas entidades perante a opinião pública e a sociedade. O cenário político no decorrer de 2002 se mostrava favorável ao lançamento do jornal, pois o país vivia os últimos momentos do governo FHC (Partido da Social Democracia Brasileira), eleito em 1994 e reeleito em 1998 para a Presidência da República, com a perspectiva que se desenhava de uma vitória eleitoral da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores). Com a confirmação da eleição do representante do PT, em outubro, surge o desejo de o jornal da esquerda ser o porta-voz da ascensão do movimento de massas esperada com a mudança do comando político nacional (Moura, 2009, p. 119). De acordo com estudo de Daniel Barbosa Cassol (2010, p. 146),

Brasil de Fato é um herdeiro legítimo da tradição pela qual a esquerda historicamente lidou com a imprensa. Nesta tradição, o jornal é tomado como um instrumento por meio do qual as lideranças políticas fazem as denúncias e interpretam os acontecimentos do mundo no sentido de elevar o nível de consciência da população (CASSOL, 2010, p. 146).

Embora o MST tivesse capitaneado o processo de criação do veículo, desde as reuniões da fase embrionária do Brasil de Fato estava claro que não se tratava de fundar um jornal do movimento, conforme expõe Moura. O documento “Um jornal político nacional”, formulado pela direção nacional da organização, em São Paulo, no mês de maio de 2002, estabeleceu pressupostos políticos, editoriais e estruturais pré-definidos sobre o jornal, “que possa contribuir com o debate de idéias e análises dos fatos, do ponto de vista das necessidades de mudança social em nosso país. Um veículo que expresse uma linha política pluralista de esquerda, não um jornal do MST”, conforme as palavras do documento (Moura, 2009, p. 91).

Em outro documento datado do período de gestação do Brasil de Fato, intitulado “Projeto editorial do jornal de esquerda”, o maior número de páginas é dedicado aos temas política e economia, com uma proposta de fuga dos padrões comuns da grande imprensa ao assumir o desafio de “cobrir as áreas dando um rosto a quem não tem visibilidade, e dando voz a quem normalmente não é ouvido” (MOURA, 2009, p. 102). Debatiam-se as experiências anteriores de jornais de esquerda, os alternativos das décadas anteriores, com o intuito de se evitar os mesmos erros na condução da

trajetória. O desejo dos protagonistas era não fazer um jornal apenas para a militância, para eles mesmos, mas “para dialogar com outro público da sociedade brasileira, além de servir para fazer o debate político ideológico” (MOURA, 2009, p. 103), conforme depoimento de Nilton Viana, jornalista e então militante do setor de comunicação do MST, a Ana Maria Straube de Assis Moura.

Depois de conviver com anos de crise, com acentuadas dificuldades financeiras especialmente no período compreendido entre 2004 e 2006, o semanário com sede em São Paulo se consolidou dentro de novas perspectivas e objetivos (Moura, 2009, p. 130), tendo os temas políticos e econômicos como predominantes em suas páginas, bem como o espaço constante conferido para a perspectiva popular em denúncias e ações de segmentos marginalizados. O lema que estampa o cabeçalho do periódico, “Uma visão popular do Brasil e do mundo”, reforça a preocupação de não se caracterizar como um “jornal de jornalista”, produzido para a intelectualidade, mas de atuar junto aos movimentos sociais, como indica Ana Maria Straube de Assis Moura (2009, p. 139). Segundo a pesquisadora, os veículos-símbolos da imprensa alternativa dos anos 1970 e a revista Caros Amigos seriam exemplos de “jornal de jornalista”.

De acordo com observação oportuna de Daniel Cassol, o nome Brasil de Fato

traz a noção de que existe um Brasil de mentira, manipulado pelos grandes meios de comunicação - pela imprensa burguesa, na linguagem do jornal. É justamente o que está expresso no editorial da edição número zero, quando o jornal afirma que "procurará mostrar um país ocultado e aviltado pela 'grande mídia'". E é exatamente o que disse o teatrólogo Augusto Boal no lançamento do jornal em 2003, quando afirmou que os donos dos jornais, rádios e televisões mostram um Brasil de mentira, sendo preciso, para que os trabalhadores conheçam a verdade, a criação de um jornal próprio (CASSOL, 2010, p. 100-101).

Desta forma, raciocina o estudioso, o Brasil de Fato se apresenta como uma alternativa aos jornais de referência no sentido mais de contrapô-la do que substituí-la, por seu curto poder de alcance, ainda que esboce pretensões de expansão hegemônica, apresentando-se às vezes como um jornal de "interesse geral". A frase "uma visão popular do Brasil e do mundo" revela a postura política e ideológica à qual o jornal se

alinha. Conclui Cassol que essas idéias, juntas, nos permitem concluir que, para o jornal, o Brasil "de fato" só é possível com a "visão popular" (2010, p. 101).

Em entrevista ao mesmo Daniel Cassol (2010, p. 136), o editor-chefe Nilton Viana declarou que o leitor médio do jornal é a pessoa "progressista", de esquerda, mas não necessariamente um militante organizado, membro de alguma entidade. Em dezembro de 2010, o site do Brasil de Fato informava que cada edição, com 12 páginas coloridas no formato standard, contava com tiragem de 50 mil exemplares.

### **3. A análise de conteúdo**

#### **3.1. Teoria: Conceitos e fases**

As primeiras definições sobre análise de conteúdo (AC) remontam a meados do século XX. Em 1952, Bernard Berelson a definiu como "uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por finalidade interpretá-las (KIENZT, 1973, p. 10). De acordo com Albert Kientz, a AC nasce de uma reação contra a antiga análise de texto, excessivamente subjetiva, e de uma "necessidade de sistematização imposta pelo prodigioso desenvolvimento das comunicações de massa" (KIENZT, 1973, p. 10).

Com o passar dos anos, a análise de conteúdo evoluiu, muito por conta de duas iniciativas que a "desbloquearam", segundo Laurence Bardin (1977, p. 21-22): a exigência da objetividade se tornou menos rígida, com o questionamento da regra anterior que confundia objetividade e cientificidade com a minúcia da análise de frequências, e a técnica deixou de ser considerada exclusivamente com um alcance descritivo, com a tomada de consciência de que sua função ou objetivo é a inferência. Em outras palavras, podemos dizer que a abordagem qualitativa ganhou terreno em relação à quantitativa ao longo do tempo. Esclarece Bardin (1977, p. 21):

Na análise quantitativa, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa, é a presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração (BARDIN, 1977, p. 21)

Formato de pesquisa documental, a análise de conteúdo de enfoque qualitativo busca "compreender as características, estruturas e/ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tomados em consideração", segundo Arilda Godoy (1995, p. 23). A técnica prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A pré-análise organiza os procedimentos de trabalho, promovendo um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise (a chamada "leitura flutuante"), a escolha deles e a "elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material" (GODOY, 1995, p. 24).

A exploração do material representa o cumprimento das decisões tomadas anteriormente, quando o pesquisador, orientado pelo foco, hipótese e objetivos traçados no início da investigação, adota procedimentos de codificação, classificação e categorização. Obrigatoriamente excludentes, as categorias vão se tornando cada vez mais claras e apropriadas aos propósitos do estudo à medida em que flui o diálogo entre teoria e dados. Por fim, na última fase o pesquisador procurará tornar seus resultados brutos significativos e válidos, condensando-os em busca de padrões, tendências e relações implícitas. Godoy (1995, p. 24) destaca que "essa interpretação deverá ir além do conteúdo manifesto dos documentos, pois, conforme indicado anteriormente, interessa ao pesquisador o conteúdo latente, o sentido que se encontra por trás do imediatamente apreendido".

## **3.2. Prática: Amostragem e etapas**

### **3.2.1. 1ª etapa: Pré-análise e definição da amostragem**

Na primeira etapa, de leitura flutuante dos documentos para posterior seleção e organização, reunimos quatro edições de Brasil de Fato e quatro de Caros Amigos, tomamos contato com as matérias jornalísticas e "recortamos" todas as reportagens encontradas, 41 ao todo, descartando outros formatos jornalísticos presentes nas publicações (artigo, entrevista, resenha, coluna) em função de a reportagem ser o canal mais adequado de aplicação do jornalismo literário. Resgatando conceituação desenvolvida no primeiro capítulo desta dissertação, a reportagem é a ampliação da notícia, fato de interesse jornalístico. Aborda as origens, implicações e desdobramentos da notícia, bem como apresenta os personagens envolvidos nele, humanizando-os em menor ou maior grau.



A amostragem de jornais e revistas considerados para a análise foi definida a partir de um recorte temporal entre julho e outubro de 2010. A escolha arbitrária se justifica: a análise de números mais antigos implicaria no risco de não captar a realidade atual dos veículos, que foram “recortados” em um período mais próximo possível do cronograma de tarefas desta pesquisa - esta etapa da análise transcorreu em novembro de 2010. O tamanho do recorte (quatro meses) novamente respeita a disponibilidade de recursos para a conclusão do estudo. Como a Caros Amigos circula com periodicidade mensal, tomamos para a análise as quatro edições dos meses de julho (número 160), agosto (número 161), setembro (número 162) e outubro (número 163). Já para o Brasil de Fato, de periodicidade semanal, elencamos quatro edições de semanas alternadas, partindo para uma amostragem não-probabilística de meses compostos, que é uma derivação da amostragem não-probabilística de semanas compostas, muito comum em estudos que realizam análise de conteúdo, segundo Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2006, p. 293).

A semana composta, propícia para estudos de veículos de comunicação diários, é construída da seguinte maneira: escolhe-se a semana que servirá como referência inicial no corpus e dentro dela o dia desejado para começar a análise, geralmente a segunda-feira. Na semana seguinte, o dia escolhido será terça-feira, depois quarta-feira na outra e assim por diante. Como o Brasil de Fato é semanal e não diário, adaptamos o mesmo procedimento para construirmos um mês composto, tomando a edição da primeira semana de julho (número 383), a segunda semana de agosto (número 388), a terceira semana de setembro (número 394) e a quarta semana de outubro (número 399).

Desta forma, as 41 reportagens encontradas foram as seguintes:

1. “Recuos no controle público da mídia” (Brasil de Fato número 383)
2. “Alagados, abandonados, removidos” (Brasil de Fato número 383)
3. “Demolições: faces da limpeza étnica” (Brasil de Fato número 383)
4. “A luta no epicentro da crise capitalista” (Brasil de Fato número 383)
5. “Resistência hondurenha clama por constituinte e Manuel Zelaya” (Brasil de Fato número 383)
6. “Limite da propriedade de terra é tema de plebiscito popular” (Brasil de Fato número 388)
7. “TV Digital ainda é para poucos” (Brasil de Fato número 388)
8. “Polêmicas do ponto eletrônico” (Brasil de Fato número 388)

9. “O que há por trás do debate do petróleo” (Brasil de Fato número 388)
10. “A era da militarização: Uribe de saída” (Brasil de Fato número 388)
11. “Subdesenvolvimento” (Brasil de Fato número 394)
12. “Dívida, a raiz do atraso brasileiro” (Brasil de Fato número 394)
13. “Por 2º turno, mídia age de forma articulada” (Brasil de Fato número 394)
14. “Palestinos rejeitam negociações com Israel” (Brasil de Fato número 394)
15. “Um chamado à unidade” (Brasil de Fato número 394)
16. “Muito além do narcotráfico” (Brasil de Fato número 394)
17. “De onde vieram os R\$ 4 milhões?” (Brasil de Fato número 399)
18. “A pedido de Serra, TSE censura imprensa popular” (Brasil de Fato número 399)
19. “Sobre petróleo, eleições e o que está em disputa” (Brasil de Fato número 399)
20. “Em Nova Iguaçu, os projetos param em problemas estruturais” (Brasil de Fato número 399)
21. “Choque de ordem contra a cultura popular” (Brasil de Fato número 399)
22. “Congresso da Cloc/Via Campesina reforça a união latinoamericana” (Brasil de Fato número 399)
23. “Lixo radioativo ameaça região de Poços de Caldas” (Caros Amigos número 160)
24. “Agronegócio escraviza milhares de trabalhadores no campo” (Caros Amigos número 160)
25. “Fechando o fosso entre a pobreza e a universidade” (Caros Amigos número 160)
26. “Mulheres defendem parto sob controle” (Caros Amigos número 160)
27. “Teatro da Maré mostra a força da favela” (Caros Amigos número 160)
28. “Direitos autorais, a luta pelo acesso ao conhecimento” (Caros Amigos número 160)
29. “ECA, 20 anos de conquistas e desafios” (Caros Amigos número 161)
30. “Feira nordestina, sotaque carioca” (Caros Amigos número 161)
31. “Cinema latino-americano conquista seu espaço” (Caros Amigos número 161)

32. “Mexicanos se levantam, mais uma vez, contra a tirania” (Caros Amigos número 161)
33. “Eleições presidenciais – O Brasil de 2011 vai ter mais do mesmo” (Caros Amigos número 162)
34. “Saúde pública leiloadada” (Caros Amigos número 162)
35. “Kuntanawa, um povo em construção” (Caros Amigos número 162)
36. “Militares espionaram esquerda na década de 90” (Caros Amigos número 163)
37. “A guerra sem fim” (Caros Amigos número 163)
38. “Assédio da publicidade em cima das crianças” (Caros Amigos número 163)
39. “Favelas incendiadas – Onde há fumaça, há fogo” (Caros Amigos número 163)
40. “Qual deve ser o limite do latifúndio?” (Caros Amigos número 163)
41. “Juros: Ruína de muitos, paraíso de poucos” (Caros Amigos número 163)

### **3.2.2. 2ª etapa: Exploração do material - as categorias**

A exploração dos textos das quatro edições do jornal e das quatro edições da revista selecionadas permitiu diferenciar duas categorias de reportagem: aquelas que têm como temas um grupo de pessoas ou eventos e características que as unem, e aquelas que se desenvolvem a partir de análises de dados, fenômenos e tendências ou reconstituições de acontecimentos que configuram determinados cenários. As primeiras constituem um conjunto de reportagens mais propício para a introdução de procedimentos de jornalismo literário, pois elevam os sujeitos que são notícia ao primeiro plano da investigação e da redação do texto, ao contrário das segundas, nas quais números, estatísticas e outras informações “mais abstratas” (no sentido de terem pouca vinculação com a vida concreta das pessoas) acabam por prevalecer, dificultando a inserção de pilares do jornalismo literário como humanização e imersão. Para efeito de classificação, chamaremos as primeiras de reportagens “com abertura para jornalismo literário” e as segundas de reportagens “sem abertura para jornalismo literário”. Ao visualizarmos reportagem por reportagem, em termos de conteúdo tratado e fontes ouvidas, essa diferenciação tenderá a se tornar mais clara.

### **3.2.2.1. Proporção das categorias em Brasil de Fato**

Todos os exemplares selecionados do jornal contam com 12 páginas, na dimensão 56 x 32 cm (formato standard), sendo a primeira a capa com chamadas para os textos internos e a segunda com seções fixas: editorial, debate, crônica e expediente. Outra seção fixa que pode ser verificada nas quatro edições analisadas é a coluna Fatos em Foco, composta por pequenas notas dispostas verticalmente, que tomam o espaço de uma das cinco colunas de determinada página do jornal. Quanto aos anúncios publicitários, eles não aparecem nos quatro exemplares de modo constante – apenas dois deles continham tais inserções, e mesmo assim em modalidades que não chegavam a ocupar uma página inteira, como metade ou um quarto de página, o que nos permite afirmar que a presença de publicidade não é significativa na publicação. Portanto, para efeito de mensuração aproximada do peso da reportagem na composição do jornal, desconsideraremos as duas páginas iniciais (capa + editorial, debate, crônica e expediente), levando em conta 10 páginas (12 menos 2) disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Assim, os pesos das reportagens em relação ao total de páginas disponíveis nos números 383, 388, 394 e 399 de Brasil de Fato são:

#### a) Número 383 (1º a 7 de julho de 2010)

- Há 5 reportagens, ocupando 60% das páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Destas 5, consideramos 3 sem abertura para JL e 2 com abertura para JL.

#### b) Número 388 (5 a 11 de agosto de 2010)

- Há 5 reportagens, ocupando 80% das páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Destas 5, consideramos todas sem abertura para JL.

#### c) Número 394 (16 a 22 de setembro de 2010)

- Há 6 reportagens, ocupando 60% das páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Destas 6, consideramos 5 sem abertura para JL e 1 com abertura para JL.

d) Número 399 (21 a 27 de outubro de 2010)

- Há 6 reportagens, ocupando 70% das páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Destas 6, consideramos 5 sem abertura para JL e 1 com abertura para JL.

Tomadas conjuntamente, as edições apresentam reportagens ocupando uma média de 67,5% das páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Ao todo, há 22 reportagens, sendo 18 sem abertura para JL e 4 com abertura para JL.

### **3.2.2.2. Proporção das categorias em Caros Amigos**

Todos os exemplares selecionados da revista contam com 46 páginas com a dimensão de 27 x 33 cm (maior do que o padrão das publicações convencionais), sendo a primeira a capa com chamadas para os textos internos e várias delas (número que oscilou entre 13 e 15 nas edições analisadas) ocupadas por artigos ou charges de colaboradores fixos, além de uma quantidade de páginas sempre ocupadas pela entrevista com a personalidade que tem sua foto estampada na capa (variando entre cinco e seis nas edições analisadas). Outra seção fixa é o ensaio fotográfico sobre um determinado tema, reportagem composta por imagens que toma duas páginas por edição. Quanto aos anúncios publicitários, não houve um número fixo nos exemplares considerados, oscilando entre zero e três as inserções comerciais por edição, o que representa menos de 10% das páginas de Caros Amigos e nos permite afirmar, assim como no caso do Brasil de Fato, que a presença de publicidade não é significativa na publicação. Portanto, para efeito de mensuração aproximada do peso da reportagem de texto na composição da revista, desconsideraremos 22 páginas (14 de artigos e charges + 5 da entrevista principal + 2 do ensaio fotográfico + 1 de anúncio publicitário), levando em conta 24 (46 menos 22) páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Assim, os pesos das reportagens em relação ao total de páginas disponíveis nos números 160, 161, 162 e 163 de Caros Amigos são:

a) Número 160 (Julho de 2010)

- Há 6 reportagens, ocupando 70% das páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Destas 6, consideramos 4 sem abertura para JL e 2 com abertura para JL.

b) Número 161 (Agosto de 2010)

- Há 4 reportagens, ocupando pouco mais de 40% das páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Destas 4, consideramos 2 sem abertura para JL e 2 com abertura para JL.

c) Número 162 (Setembro de 2010)

- Há 3 reportagens, ocupando pouco mais de 40% das páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Destas 3, consideramos 1 sem abertura para JL e 2 com abertura para JL.

d) Número 163 (Outubro de 2010)

- Há 6 reportagens, ocupando 75% das páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Destas 6, consideramos 5 sem abertura para JL e 1 com abertura para JL.

Tomadas conjuntamente, as edições apresentam reportagens ocupando uma média de 56,25% das páginas disponíveis para os textos jornalísticos independentes das seções fixas. Ao todo, há 19 reportagens, sendo 12 sem abertura para JL e 7 com abertura para JL.

### **3.2.3. 3ª etapa: Tratamento dos resultados e interpretação - introduzindo o JL**

Após a categorização das reportagens, oferecemos recomendações e sugestões de aplicação de recursos e técnicas típicas do arsenal de possibilidades permitidas pelo jornalismo literário, visando especialmente ao aprofundamento da apuração/investigação de dados e da humanização dos personagens retratados. A partir de cada reportagem já produzida, fizemos um exercício de especulação como se pudéssemos voltar no tempo e intervir no momento em que esses textos estavam sendo planejados e concebidos, antes de ganhar as páginas do jornal e da revista.

Evidentemente, procuramos fazer uma especulação ciente dos seus limites, propondo procedimentos exequíveis e viáveis.

Temos consciência de que muitas das proposições colocadas aqui para o aprofundamento humano dos textos de *Brasil de Fato* e *Caros Amigos* esbarrarão em limitações de recursos temporais, materiais ou mesmo humanos da parte das publicações. Outro entrave reconhecido é o fato de parte dos textos do jornal não ser produzida pela equipe do mesmo, mas reproduzidos de outros meios. Levando-se em conta que a apuração e a redação jornalísticas em veículos periódicos são condicionadas e limitadas por uma fatia de tempo quase sempre inflexível, o que sugerimos aqui pode ser útil mais como porção das escolhas que fazem parte da construção da reportagem do que como acréscimo ao que foi feito originalmente. Não é nossa intenção assumir um tom professoral, como se estivéssemos ensinando a prática jornalística, por mais que o caráter avaliativo, com elementos aprovados e desaprovados, e a repetição de construções na linha de raciocínio de "seria melhor fazer isso do que aquilo" transpareçam essa sensação.

As sugestões de aprofundamento para cada uma das 41 reportagens tomam como referências os sete traços básicos dessa vertente jornalística, considerados aqui como subcategorias: humanização, imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos e digressão. Dentre eles, o item precisão de dados e informações é o mais difícil de ser identificado, pois não há como checar todos os dados disponibilizados pelas reportagens, para sabermos em qual medida eles são verdadeiros e precisos. Neste caso, a interpretação se atém ao volume e relevância das informações publicadas para a compreensão do tema de cada matéria jornalística.

- *Brasil de Fato* (reportagens de 1 a 22):

1. **Título:** **Recuos no controle público da mídia** (sem abertura para JL)

**Subtítulo:** *O Brasil de Fato publica a terceira reportagem da série produzida pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – EPSJV/Fiocruz sobre os recuos do governo federal em pontos chave do 3º Plano Nacional de Direitos Humanos. Confira, a seguir, matéria sobre a democratização da mídia*

Resumo: O texto apresenta a versão original do Plano e reflexões sobre as modificações dele pelo decreto presidencial e a concentração midiática no Brasil. São ouvidos um membro do Coletivo Brasil de Comunicação Social, um professor de comunicação e um editor da revista Caros Amigos, todos jornalistas. Conclui que o Brasil está muito longe de medidas de democratização na comunicação, de políticas públicas de regulação do setor, e que o país precisa encampar a luta na área para que ele não manifeste a liberdade de expressão apenas para os setores empresariais, na visão dos especialistas ouvidos.

Interpretação: A reportagem se propõe a expor e analisar um documento, debatendo seus pontos e questionando conseqüências práticas deles, sobre o que foi aplicado e o que se deixa a desejar. Ela traz informações e presta esclarecimentos com dados e avaliações de especialistas (precisão de dados e informações atingida), mas pelo fato de traçar uma análise de um tema abstrato, acaba tornando os personagens acessórios e inviabilizando a aplicação dos pilares humanização e imersão do repórter na realidade. O texto poderia explorar melhor a voz autoral da repórter, em aspectos da reportagem na qual seria pertinente sua inserção, como quando aborda o ranking de programas televisivos que desrespeitam os direitos humanos, se expusesse sua experiência como telespectadora, o que daria margem também para a recuperação de fatos passados relacionados a essa experiência, exercitando a digressão.

## 2. Título: **Alagados, abandonados, removidos** (com abertura para JL)

Subtítulo: *Poder público aproveita inundações de bairros da zona leste de São Paulo ocorrida em dezembro para pressionar por saída de moradores e alimentar a especulação imobiliária na região*

Resumo: Ocupando duas páginas, a matéria se divide em três textos. O principal, que toma toda a primeira página, apresenta o drama vivido por moradores de região na zona leste por duas razões: uma enchente em função das chuvas recorrentes no final de 2009 na capital paulista e um projeto de reurbanização no local, gerando pressão para que deixem suas casas. São ouvidas três moradoras, uma delas integrante do Movimento Terra Livre, que contam o histórico de problemas enfrentados pela comunidade e relatam o sentimento de apreensão pela possibilidade de perderem suas moradias, com a demora da prefeitura em apresentar uma solução definitiva e a perspectiva de que o parque planejado no projeto de reurbanização exclua a população de classe baixa da



região. Um deputado estadual que acompanha o problema também falou, a Secretaria Municipal de Habitação (Sehab) só se manifestou por nota e o Departamento de Águas e Energia Elétrica (Dae) não atendeu ao jornal.

O segundo texto, que abre a segunda página, apresenta as pressões e ameaças sofridas pelos moradores para abandonarem a região da várzea do rio Tietê, principalmente por parte da empresa contratada pela prefeitura para cadastrar os moradores que serão removidos. Duas das moradoras ouvidas no primeiro texto voltam a falar, inclusive a integrante do Terra Livre, bem como a Defensoria Pública do Estado, que acompanha o caso e analisa a condição das famílias e os impactos da construção do parque. A empresa responsável pelo cadastro, quando procurada, informou que sua cliente, a Sehab, entraria em contato com a reportagem, mas isso não aconteceu. Por fim, o terceiro texto, finalizando a segunda página, retrata as condições precárias do Jardim Romano, bairro que passou meses inundado após as enchentes de 2009 e no qual o mau cheiro e as doenças decorrentes atingem a população. Além de descrever o que vê pelo caminhar no local, a reportagem ouviu duas moradoras, uma delas a integrante do Movimento Terra Livre.

Interpretação: Por se tratar de reportagem sobre tema que afeta diretamente um grupo de pessoas, a humanização acontece naturalmente à medida que se avança na exposição da perspectiva desses sujeitos, no caso os moradores da região da várzea do rio Tietê. Reportagens com a proposta de retratar o cotidiano de um ou mais indivíduos (no caso, como está a vida dos moradores dos bairros atingidos por enchentes e alvos de reurbanização) são propensas à humanização porque enfocam o modo como a pessoa vive, o que ela sente, situações que fazem parte do seu dia-a-dia, cenários que se repetem, dificuldades, conquistas, medos, desejos etc.

Os relatos das moradoras ouvidas trazem esses elementos e a descrição das observações da repórter no seu tráfegar pelo bairro ilustram sua imersão na realidade, que contudo poderia ser mais efetiva caso, por exemplo, tentasse adentrar em uma das casas das famílias vitimizadas ou aproveitasse as crianças identificadas com doenças de pele para buscar o contexto familiar de uma delas, explorando o modo pelo qual essa criança é tratada, se conta com os recursos necessários para se curar, etc. Descrições mais minuciosas do ambiente encontrado pela repórter no bairro, além de colaborar para uma maior compreensão do mesmo, ressaltariam o estilo de narrar da autora e forneceriam elementos para a utilização de símbolos no texto.

3. **Título: Demolições: faces da limpeza étnica** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Estado de Israel demoliu, entre 1967 e 2009, cerca de 25 mil casas de palestinos*

Resumo: Em matéria de uma página dividida em dois textos, repórter enviada a Jerusalém mostra o temor dos palestinos que vivem no bairro de Silwan, alvo de demolições e despejo por ordens do Estado de Israel, que tenta colocar colônias judias no local. É ouvido um líder comunitário, que conta o histórico do problema e o tratamento desrespeitoso do governo israelense para com os palestinos, considerados irregulares e indesejados na parte oriental da cidade, inclusive por parte de vizinhos de colônias judias. O texto de apoio descreve como vivem judeus e árabes na Cidade Velha de Jerusalém Oriental, ponto turístico no qual a importância histórica e religiosa serve de pretexto para prejudicar a manutenção dos palestinos em suas casas, conforme a busca israelense por tornar Jerusalém cada vez mais judia. A repórter se vale de pesquisa histórica e informações do mesmo líder comunitário palestino ouvido anteriormente na construção da narrativa.

Interpretação: A reportagem não peca em números de dados e informações, bem como na recorrência histórica, mas o fato de ouvir apenas um representante dos palestinos afetados pela prática de demolições de casas pelos judeus faz com que o texto se configure como uma análise de conjuntura, não avançando para a revelação do cotidiano dramático das famílias palestinas, que poderia ocorrer em caso de maior humanização e imersão na realidade. A forte carga religiosa presente em Jerusalém propiciaria uma maior presença de símbolos na reportagem, afinal a histórica convivência conturbada entre judeus e palestinos está na raiz do problema revelado na narrativa.

4. **Título: A luta no epicentro da crise capitalista** (com abertura para JL)

Subtítulo: *Doze mil pessoas se reuniram no Fórum Social Estadunidense para apresentar uma alternativa às políticas praticadas pelo governo do país*

Resumo: Enviado a Detroit assina três textos, que ocupam uma página inteira. O principal menciona o abandono da cidade, ex-potência econômica que viu muitos empregos e habitantes irem embora, deixando lugares vazios e moradores nas ruas e parques. O tema dominou a agenda do evento, apesar de ser um encontro nacional, pois

os índices de desemprego e pobreza aumentaram na cidade. Falam no texto, que destaca a iniciativa dos movimentos sociais de criar uma cidade alternativa, uma sindicalista que discursou na abertura do Fórum, uma representante do movimento estudantil, uma de entidade que defende a comunidade negra e um membro do Partido dos Trabalhadores do Mundo.

O segundo texto aborda a onda de despejos e processos de expulsão que afeta milhares de pessoas em Detroit, citada no II Fórum Social Estadunidense (FSE), em decorrência da especulação imobiliária e dos empréstimos detonadores do endividamento das classes populares. São ouvidos uma assistente social que perdeu sua casa e aderiu a Coalizão pela Moratória Imediata, uma afroestadunidense que se acostumou aos despejos, dois advogados filiados a movimentos contra despejos e um funcionário da Corte Distrital de Michigan. Por fim, o terceiro texto, mais curto, salienta a ausência do nome do presidente Barack Obama e da discussão da política federal estadunidense no Fórum, ao contrário do ocorrido na sua primeira edição, em 2007.

Interpretação: A reportagem se vale de muitos dados numéricos e estatísticos, oferecendo amplo leque de informações. Percebe-se também o deslocamento do repórter por Detroit, nas descrições de espaços da cidade e nos cenários descritos no segundo texto. O que parece faltar é um pouco mais de “clima”, descrevendo o ambiente e as sensações percebidas usualmente em eventos de grande magnitude, como foi o II FSE, que reuniu cerca de 12 mil pessoas – um pouco mais de imersão do repórter daria conta dessa tarefa e contribuiria para a humanização do relato, em situações como a breve descrição da emoção sentida por uma despejada quando revê sua antiga moradia (descrição essa que enriqueceria a reportagem de forma geral se fosse expandida, podendo aproveitar o espaço destinado ao terceiro texto, uma dispensável nota sobre Obama).

**5. Título: Resistência hondurenha clama por constituinte e Manuel Zelaya** (com abertura para JL)

Subtítulo: *1 ano de golpe: Heterogênea, frente contra o golpe tornou-se a maior força social do país e denuncia abusos praticados pelo regime*

Resumo: Três textos que tomam uma página. No primeiro, o enviado a Tegucigalpa relata a luta dos movimentos sociais que combatem o regime golpista no país (responsável pela deposição do presidente Manuel Zelaya em junho de 2009),

ameaçados de forma violenta e criminosa por grupos que se supõe serem paramilitares ou estatais, por mais que Honduras passe a imagem de tranquilidade para o resto do mundo. A Frente Nacional de Resistência Popular (FNRP), que abriga os segmentos sociais combatentes ao regime, discute internamente a possibilidade de se institucionalizar para futuramente participar do processo eleitoral. Há depoimentos de dois membros da FNRP, um deles sem identificação, além de um dirigente da Frente e um do Partido Liberal.

A segunda matéria expõe a ligação da estrutura do futebol hondurenho, presente na Copa do Mundo de 2010, com pessoas que apoiaram ou são sustentadas pelo golpe político. Não há depoimentos de fontes. Já a terceira descreve a marcha transcorrida em clima pacífico que marcou a comemoração da FNRP de um ano da resistência ao regime imposto com a deposição de Manuel Zelaya. Falam um sindicalista e um trabalhador do comércio local que presenciou o desenvolvimento da marcha.

Parecer e contribuições: Assim como na reportagem anterior, apurada em Detroit (Estados Unidos), o texto está repleto de descrições do que o enviado viu na capital hondurenha, reforçadas pelo acompanhamento da manifestação da FNRP pelo aniversário da resistência ao golpe. Aliás, provavelmente um repórter acostumado a aplicar recursos de jornalismo literário em seus textos daria mais espaço à marcha, alçando-a como matéria principal, do que à explicação do cenário político e da composição da resistência hondurenha, que poderia ser uma das “retrancas” (textos de apoio). Afinal, a marcha é um evento que agrupou uma multidão de pessoas e movimentou uma porção da cidade, propício para a imersão na realidade, a exposição de episódios cena a cena, conforme a caminhada fosse avançando, e demonstrações mais claras da voz autoral do repórter, misturado aos manifestantes. Outro ganho em humanização seria um acompanhamento mais detido do cotidiano de algum militante da Frente Nacional de Resistência Popular, a fim de exemplificar o sentimento de apreensão com possíveis represálias da parte do governo.

**6. Título: Limite da propriedade de terra é tema de plebiscito popular** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Entre os dias 1º e 7 de setembro, plebiscito popular busca discutir com a sociedade a concentração de terras no Brasil*

Resumo: Uma página, três textos e um quadro em formato de *box* é a forma como a reportagem se apresenta. O texto principal apresenta a proposta do Fórum Nacional pela Reforma Agrária (FNRA) de limitar a propriedade da terra no Brasil, que seria levada a plebiscito aberto ao voto da população. Foram ouvidos três representantes de entidades que compõem o Fórum, falando das questões ligadas à reforma agrária. O segundo texto analisa a porcentagem dos diferentes tamanhos de propriedades rurais no país, fazendo uso de uma tabela, sem depoimentos, enquanto que o terceiro traz duas falas de representantes de entidades do FNRA ressaltando a importância pedagógica do plebiscito. Finalmente, o *box* informa como pessoas e entidades podem organizar espaços de votação, com urnas do plebiscito, para multiplicar os votos país afora.

Interpretação: Reportagem que esclarece um tema, discute-o e divulga-o, defendendo sua relevância. Pródiga em dados e informações. É natural que o estilo e a voz autoral fiquem em segundo plano, mas alguma imersão (seguida de humanização) seria possível caso o repórter, por exemplo, se propusesse a vivenciar parte da rotina de agricultores aos quais a reforma agrária beneficiaria, como um pequeno produtor e um acampado sem-terra, por exemplo, fornecendo mais vida a uma narrativa demasiadamente argumentativa, presa ao campo das idéias.

#### 7. Título: **TV Digital ainda é para poucos** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Dois anos após a primeira transmissão, sinal está disponível para 70 milhões de pessoas; porém somente 8 milhões de aparelhos terão sido vendidos até o final deste ano, quase todos para as classes A e B*

Resumo: Reportagem extensa, com cinco textos ocupando duas páginas. O texto que serve de abertura (o “abre”, no jargão jornalístico) afirma que a expansão da digitalização não abrange toda a população, pois acontece de forma segmentada, por quem já tem televisão por assinatura, ou seja, as classes mais favorecidas. Com TVs e conversores caros para a maioria da população, esta por ora opta por não aderir ainda ao sistema digital. Há depoimentos do ministro das Comunicações e do presidente da Associação Brasileira de TV por Assinatura. O segundo texto da primeira página aborda os preços altos e a desinformação de possíveis consumidores sobre as potencialidades da TV digital como fatores explicativos do desestímulo ao consumo da novidade. Falam duas frequentadoras de um shopping center em Brasília e uma gerente de loja do mesmo shopping. O terceiro texto da página revela as divergências entre governo federal e

indústria quanto à popularização da TV digital, com uma fala do ministro das Comunicações e outra do assessor especial da Casa Civil.

Abrindo a segunda página, o texto no topo elenca mais motivos pelos quais a população se encontra afastada do sistema digital, como os poucos atrativos em termos de interatividade e diversidade de conteúdo. São ouvidos um integrante do Coletivo Brasil de Comunicação Social (Intervozes) e um professor de Comunicação. Por fim, a última retranca trata da demora com que a tecnologia digital móvel deve levar para se tornar popular, pois as empresas de telefonia celular se protegem das perdas financeiras e não barateiam os preços, dificultando a aquisição pelo consumidor. Há depoimentos do diretor da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica, de um secretário do Ministério da Ciência e Tecnologia, de um consultor de mercado do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologia e do integrante do Intervozes outrora ouvido.

Interpretação: Reportagem que debate e questiona um modelo que vem sendo aplicado, em suas regras e medidas, de modo diferente, na prática, do que o discurso de sua democratização e popularização prega. Como texto argumentativo, é rico em dados, informações e explicações, mas passa ao largo de vozes autorais, imersões e humanizações, pois o protagonista e centro de todas as narrativas é um objeto desprovido de vida, a TV digital. O único momento em que pessoas aparecem para falar de si mesmas é quando os consumidores opinam sobre seus interesses nos tipos de televisores disponíveis no mercado. Para a reportagem ficar menos analítica, a “rápida conversa” com os frequentadores de um shopping center de Brasília deveria avançar. Uma opção seria colocar uma pessoa ou família em contato com um conversor ou aparelho de TV digital e observar como se dá a interação, quais as dúvidas, curiosidades, interesses e reações dessa(s) pessoa(s) diante dessa novidade tecnológica.

#### **8. Título: Polêmicas do ponto eletrônico** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *No dia 26, entra em vigor a Portaria nº 1510, que promete evitar fraudes na jornada de trabalho*

Resumo: Em um único texto, que ocupa quase uma página inteira, a reportagem apresenta a determinação da portaria do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) quanto ao ponto eletrônico (registrador de horas de trabalho), a reação dos sindicatos patronais e de trabalhadores a respeito (considerações, elogios e ressalvas, em

comparação com o ponto manual) e o perigo de fraudes por parte de empresários que não pagam o total de horas cumpridas por seus trabalhadores, possível se não há emissão de comprovantes que fiquem em poder dos funcionários. Há falas de um representante da Força Sindical, de um representante da Central Única dos Trabalhadores, de um procurador do Trabalho e do editor do site Repórter Brasil, além de citações de uma nota do MTE e de um artigo de um cientista político.

Interpretação: Mais uma reportagem que discute e debate um tema, mostrando vantagens, desvantagens e implicações de uma medida. Assim como no exemplo anterior, sobre a TV digital, trata-se de um texto rico em dados, informações e explicações, porém desprovido de vozes autorais, imersões e humanizações, pois o personagem principal da narrativa é uma decisão (portaria) de um órgão governamental (Ministério do Trabalho e Emprego). Dificultando a introdução do jornalismo literário, neste caso não há, segundo o texto, qualquer contato do repórter com pessoas afetadas pelo tema da reportagem (trabalhadores). Portanto, uma forma de implementar algum colorido de experiências concretas de vida nesta exposição analítica seria, por exemplo, uma reunião com um pequeno grupo de trabalhadores de empresas de diferentes portes e/ou segmentos para que o repórter pudesse coletar relatos, impressões, opiniões e sugestões quanto às possibilidades de registro e controle de horas trabalhadas por quem lida com a situação no dia-a-dia, o que poderia enriquecer o debate proposto pela reportagem.

#### 9. Título: **O que há por trás do debate do petróleo** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Reivindicação constante do movimento social, o monopólio da exploração do petróleo ganha sustentação concreta em dados recentes*

Resumo: Reportagem distribuída em dois textos e duas tabelas, ocupando uma página. O texto principal discute o papel socioeconômico do petróleo no Brasil, onde o monopólio estatal abriu espaço para a concessão a empresas, na contramão do que aconteceu na Europa e nos Estados Unidos, o que gera um modelo predatório para o meio ambiente e os interesses dos trabalhadores do setor. É defendida a tese de que, se o petróleo não é uma mercadoria, mas um bem social, deve ficar na mão do Estado, como defendem as fontes ouvidas, que são um economista do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) e o coordenador da Federação Única dos Petroleiros (FUP). O texto de apoio é uma retranscrição abordando o interesse de uma

empresa petrolífera francesa em participar das licitações e leilões para a exploração no Brasil, se juntando a outras multinacionais que já “invadiram” o país, conforme o verbo utilizado no título desse texto. Complementam a reportagem uma tabela maior, apresentando dados dos 21 países que mais consomem petróleo *per capita* no mundo, e uma menor, mostrando o processo de estatização das reservas mundiais de petróleo entre 1970 e 2006.

Interpretação: A reportagem segue um caminho claro de defender uma tese, apresentando informações e análises que a corroboram. Novamente se trata de uma matéria analítica, com voz autoral e estilo “sufocados” e sem espaço para qualquer humanização ou imersão. Esses procedimentos de jornalismo literário poderiam aparecer se o foco da apuração se voltasse um pouco mais para os trabalhadores do petróleo, um dos elos da cadeia da exploração afetados pela privatização nesta atividade econômica. Quais são as condições de trabalho dos petrolíferos? Há diferenças nesse quesito entre quem trabalha para uma empresa nacional (Petrobrás) e quem trabalha para uma transnacional (a reportagem cita pelo menos cinco delas atuando no Brasil)? A partir de perguntas como essas, o texto poderia evoluir no sentido de adquirir contornos mais humanos.

#### **10. Título: A era da militarização: Uribe de saída** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Após oito anos de mandato, presidente colombiano deixa como legado uma política de segurança altamente repressiva e uma corrida armamentista no continente*

Resumo: Definitivamente uma grande-reportagem, com nove textos que tomam três páginas (a única a ocupar tamanha extensão nas quatro edições do Brasil de Fato selecionadas). O abre da série, no topo da primeira página, traça uma análise da gestão de Álvaro Uribe na Colômbia, destacando suas medidas controversas na implementação de planos e programas políticos, como a segurança de forma repressiva. Da redação do jornal, o repórter relata e ouve o analista político Mauricio Romero, o jornalista italiano radicado no país Simone Bruno e um intelectual membro de entidade de defesa dos direitos humanos na Colômbia, Pietro Alarcón. Completa a primeira página uma retranca abordando o reforço dos laços do Estado colombiano com forças paramilitares na gestão Uribe, com depoimentos dos mesmos Bruno e Alarcón, além do de um jornalista especialista em América Latina, Raúl Zibechi.



A segunda página foi preenchida com quatro textos. O primeiro expõe os efeitos da política neoliberal na Colômbia, muito benéfica para investidores internacionais mas ineficaz para o combate à pobreza no país. O segundo explica rapidamente o Plano Colômbia, nome dado à intervenção dos Estados Unidos no combate ao narcotráfico colombiano. O terceiro comenta as relações do governo Uribe com os países vizinhos na América do Sul, marcadas por conflitos, especialmente com a Venezuela por conta das ações das Farc (Forças Revolucionárias da Colômbia). E o quarto tenta explicar a alta popularidade do presidente, amparada na queda da violência urbana e no descrédito com a política da parte dos colombianos. Falam nas matérias os analistas Mauricio Romero, Pietro Alarcón, Raúl Zibechi e Simone Bruno.

Na terceira e última página, três retrancas são desenvolvidas em torno de Juan Manuel Santos, o novo presidente colombiano. A principal recupera dados biográficos do político e de sua família, traçando suas trajetórias e ascensão política até a candidatura à Presidência. A segunda aborda o papel de Santos como artífice de uma forte campanha midiática para legitimar as políticas de Álvaro Uribe, na condição de ministro da Defesa. E a terceira traz a avaliação dos especialistas ouvidos sobre a condução da política externa colombiana, que deve tomar um rumo diferente em relação ao governo Uribe, pelo novo presidente. As fontes citadas são Mauricio Romero e Simone Bruno.

Interpretação: A grande-reportagem é rica em análises, reconstituições e informações. Da redação do jornal, o repórter foi capaz de fazer uma apuração extensa sobre a Colômbia, com pesquisas e entrevistas, como os textos evidenciam. Porém, sem ter estado *in loco* no cenário que serve de tema de suas matérias e tido um contato presencial com os personagens de sua investigação – ou seja, sem imersão que não seja em documentos e outros registros -, o repórter se vê desprovido de condições de fornecer um retrato concreto dos elementos que compõem sua reportagem, carente de humanização. Como a reportagem se desenvolve em torno de dois importantes personagens, Álvaro Uribe e Juan Manuel Santos, os recursos para humanizar ambos deles aparecem como primeiras possibilidades para torná-la menos árida.

#### 11. Título: **Subdesenvolvimento** (com abertura para JL)

Subtítulo: *PNAD: Brasileiro adquire mais bens de consumo, apesar da estagnação de investimentos públicos em setores essenciais*

Resumo: Reportagem em três textos, ocupando uma página. O abre apresenta uma análise da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrando que o país cresce economicamente de forma desigual, ainda negando direitos à boa parte da população, sem escapar da sua “tragédia social”. Apesar de ter mais bens, o brasileiro convive com problemas crônicos em educação e saneamento, setores que dependem de políticas públicas. A primeira retranca aborda o descompasso entre o crescimento do número de empregos e salários e a redistribuição da renda, que avança muito lentamente, enquanto que a segunda apresenta os índices da educação brasileira que refletem o atraso no setor, com a convivência de problemas que se arrastam desde o século XIX. Três especialistas são ouvidos pela reportagem: o presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), um sociólogo e uma historiadora.

Interpretação: Os procedimentos que conduziram a produção da reportagem transformaram uma matéria potencialmente humanística em analítica, pois o repórter, da redação, basicamente reuniu dados de uma pesquisa (que revela condições de vida de um conjunto de pessoas) e os colocou para a apreciação e avaliação dos analistas procurados, redigindo três textos a partir dessa coleta de dados. Exemplos de personagens afetados pelo subdesenvolvimento brasileiro, tema sobre o qual a reportagem se desenvolve, aparecem apenas na imagem que ilustra a matéria, produzida por uma agência, mostrando crianças caminhando ao lado de esgoto a céu aberto em Belo Horizonte (MG). Somente um contato do repórter (e, conseqüentemente, do jornal) com personagens e cenários como esses (prática da imersão na realidade investigada), superando os limites da apuração na redação da matéria, seria capaz de trazer a humanização inerente à temática em torno da qual a reportagem se desenrola. Bastaria talvez uma visita a algum bairro da periferia de São Paulo (SP), cidade onde o jornal se situa, para identificar, de forma concreta, as informações reveladas pela PNAD e, assim, fazer com que a reportagem tivesse uma feição menos de relatório analítico e mais de narrativa pulsante.

## 12. Título: **Dívida, a raiz do atraso brasileiro** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *CPI aponta para série de irregularidades na disparada da dívida pública brasileira*

Resumo: Desdobramento da reportagem anterior sobre a PNAD, pois enfoca uma das principais justificativas dos traços de subdesenvolvimento expostos na pesquisa, que é a forma como é repartido o Orçamento Geral da União, desigual no que tange à divisão entre recursos para políticas sociais e recursos para o pagamento de juros e amortizações da dívida pública. Em três textos, a reportagem discute os resultados da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que tramitou na Câmara dos Deputados sobre a dívida pública brasileira e questiona a atual política econômica do governo. O texto de abertura conta com um gráfico mostrando a distribuição do Orçamento Geral da União em 2009. Uma das retransmissões versa sobre as irregularidades na formação do passivo brasileiro, desde a década de 1970, e a outra mostra as discordâncias quanto aos encaminhamentos apontados pela CPI da Dívida Pública para a sequência da investigação do assunto. A reportagem citou dados da PNAD e do relatório da CPI, além de apresentar depoimentos do deputado federal proponente da Comissão (e que cobra auditoria da dívida), do deputado federal relator da CPI e da economista que coordena o Movimento pela Auditoria Cidadã da Dívida.

Interpretação: Reportagem essencialmente analítica, discutindo uma situação que envolve conhecimentos técnicos (economia), revelando seus problemas e apresentando uma cobrança em torno da questão. Nesse formato, não abre espaço para a incorporação de técnicas de jornalismo literário.

### **13. Título: Por 2º turno, mídia age de forma articulada** (reportagem analítica)

Subtítulo: *Órgãos de imprensa e campanha de José Serra fazem 'dueto' para tentar evitar fracasso eleitoral*

Resumo: Em dois textos, reportagem aponta articulação entre denúncias contra petistas ou governo federal divulgadas na mídia e aproveitadas pela campanha de José Serra, candidato do PSDB à Presidência da República. Os escândalos políticos midiáticos acabam dominando quase que inteiramente a pauta do noticiário sobre eleições. A retransmissão menciona a negação, pela Justiça Eleitoral, do pedido de impugnação da candidatura de Dilma Rousseff (PT) feito pelo PSDB, com base em violações de sigilos fiscais que, segundo o texto, se enquadram como exemplos do uso de escândalos para fins eleitorais pelos tucanos. Com a colaboração de uma repórter da Radioagência NP, o repórter ouviu um professor de Comunicação, especialista em mídia e política, e um jurista e professor de Direito Constitucional.

Interpretação: Mais uma reportagem analítica, rica em dados e contextualizações, mas carente de abertura para o jornalismo literário, “prejudicado” pela aproximação das eleições presidenciais de outubro de 2010, que levaram o Brasil de Fato a intensificar a publicação de reportagens analíticas, entrevistas e artigos sobre o tema, posicionando-se a respeito do assunto e, com isso, reduzindo o espaço para reportagens humanísticas em suas páginas.

**14. Título: Palestinos rejeitam negociações com Israel** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Oriente Médio: Principais partidos da resistência rechaçam iniciativa; para eles, não passa de um jogo de cena de EUA e Israel*

Resumo: Reportagem com dois textos e um quadro tomando uma página. Da redação, repórter que já cobriu a questão israelo-palestina *in loco* anteriormente (ver reportagem número 3) apresenta declarações de autoridades e representantes locais dizendo que a nova rodada de negociações não traz novidades e se trata de jogo de cena de EUA e Israel, indisposto a ceder a reivindicações palestinas. A retranca revela que a interrupção da construção de colônias judias no território palestino da Cisjordânia, como alegada por Israel, não acontece na prática. O *box* recupera as quatro últimas tentativas frustradas de negociação pela paz no Oriente Médio. A reportagem mostra declarações de representante palestino do Centro Alternativo de Informação, de membro de movimento que reúne judeus e palestinos dos territórios ocupados em 1948, do ministro de Assuntos Exteriores israelense e do primeiro-ministro israelense.

Interpretação: Por mais que a reportagem consiga traçar um panorama repleto de informações pontuais e contextuais da complexa questão israelo-palestina, reconstituindo eventos e apresentando análises de personagens envolvidos, através de um texto redigido por quem está por dentro do assunto, as ausências de imersão e humanização fazem com que o leitor se mantenha sempre a certa distância do tema, olhando-o e apreciando-o de fora. Caso houvesse relatos de vidas afetadas pelas questões que a reportagem aborda, ou descrições mais precisas do ambiente que se encontra em um território palestino, o leitor poderia ser trazido “mais para dentro” da narrativa, convidado a participar do mergulho do repórter na realidade, demasiadamente raso no exemplo analisado.

**15. Título: Um chamado à unidade** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Central de Trabalhadores de Cuba afirma que a entidade deve manter 'o controle sistemático' sobre o processo de corte de meio milhão de empregos estatais*

Resumo: Reportagem em um texto apenas, ocupando 50% da página – na metade abaixo consta um anúncio publicitário. Repórter enviada a Havana pela agência de notícias IPS aborda a reorganização trabalhista na ilha, com o corte de vagas de empregos acompanhado da atualização econômica, dentro da expectativa de melhorar a produtividade e o aproveitamento dos recursos. A matéria menciona trechos de declaração da Central de Trabalhadores de Cuba (CTC), cita um estudo sobre a atualização do modelo econômico cubano e ouve um empregado do comércio local, além de reproduzir fala do presidente Raúl Castro.

Interpretação: Para quem esteve ao local dos fatos narrados, a reportagem se atém demais a documentos e citações e de menos a depoimentos de personagens afetados pela reorganização trabalhista em Cuba. Conseqüentemente, falta vida, cor e sabor a um texto que teria totais condições para apresentar algo nesse sentido, se alterasse esse desequilíbrio entre documentos e depoimentos e apostasse um pouco mais em imersão, humanização, voz autoral e estilo, não restringindo, por exemplo, a participação do empregado do comércio local a uma mera declaração.

**16. Título: Muito além do narcotráfico** (com abertura para JL)

Subtítulo: *Violência no México: Dos policiais aos cidadãos comuns, todos tentam se aproveitar da situação de vulnerabilidade dos milhares de jovens que cruzam o país para tentar chegar aos Estados Unidos*

Resumo: Reportagem de apenas um texto, porém extenso, ocupando uma página. Não é possível saber se foi produzida por um ou mais repórteres, pois a narrativa é precedida apenas pelo nome de duas cidades mexicanas (Tapachula e Cuatitlán Izcali), indicando a origem da reportagem, que após seu final tem a assinatura da revista mensal Desinformémonos, parceira de conteúdo do Brasil de Fato. Imigrantes ilegais latinos que tentam alcançar os Estados Unidos por meio do México contam, com nomes fictícios no texto, os dramas que passam em função da violência que sofrem de autoridades, bandidos e aproveitadores. Mesmo com os perigos que enfrentam, os centro-americanos não desistem de tentar melhores condições de vida na América do Norte. A reportagem apresenta depoimentos de nove imigrantes, além de um voluntário

de centro de imigração no México e de uma representante de entidade em prol dos direitos humanos no país, confirmando o desrespeito aos imigrantes, explorados, desprezados e vítimas da própria falta de sorte ao trafegarem clandestinamente.

Interpretação: Finalmente uma reportagem que não ignora os recursos e potencialidades da imersão e humanização, a fim de fornecer ao leitor um painel mais vivo e rico do drama passado pelos imigrantes ilegais. Os vários personagens vão narrando suas histórias, perigos e riscos (extorsões, assaltos, seqüestros e torturas) que os acompanham na travessia pelo México até a fronteira com os EUA, viajando pendurados em trens, cruzando rios ou pulando de aldeia em aldeia pelas montanhas. O que poderia ser melhorado seria a inserção do repórter no texto, por meio de um estilo de narrar e uma voz autoral que acompanhasse essa situação tensa que ronda os protagonistas, em vez de apenas deixá-los falar no texto. Um acompanhamento um pouco mais detido das travessias e viagens dos imigrantes redundaria em uma narrativa propícia a ser construída cena a cena, com técnicas literárias que fatalmente torná-las iam ainda mais atrativa do que já é.

#### **17. Título: De onde vieram os R\$ 4 milhões? (sem abertura para JL)**

Subtítulo: *Política – Dilma Rousseff retoma denúncias de corrupção e coloca tucanos contra a parede*

Resumo: Em três textos, a reportagem questiona origem de valor identificado na campanha presidencial de José Serra (PSDB), por intermédio de Paulo Preto, ex-diretor da Dersa com ligação com o candidato do PSDB ao Senado, Aloysio Nunes Ferreira. Repórter da redação, com informações de agências de notícias, ouve representantes dos partidos frontalmente opostos ao PSDB (PT e PSOL), levantando a trajetória de Preto, incluindo as denúncias e pedidos de investigação que recaem sobre ele e Ferreira. A primeira retranca aborda o pacto entre os sucessivos governos paulistas (formados por membros do PSDB e PMDB) para não haver investigações sobre irregularidades em obras e contratos ligados a transportes no Estado e a segunda traz um caso que exemplifica a agressividade de Preto, ambos relatados por políticos do PT.

Interpretação: Mais uma reportagem analítica com enfoque eleitoral, que dominou a agenda do Brasil de Fato, no que diz respeito à disputa presidencial, conforme o pleito se aproximava. Nesses casos, é praticamente inviável a presença de técnicas de jornalismo literário, em função da posição aberta do jornal a favor de um dos dois

postulantes à Presidência, o que reduz drasticamente a apuração, redação e edição à apresentação de dados e versões que “interessem” à publicação, informações formatadas sempre favoravelmente a um lado e contrariamente a outro. Portanto, a sugestão de procedimentos que explorassem o potencial literário do jornalismo praticado nessas reportagens de nada valeria caso se confrontasse com o discurso fechado do periódico em torno de um dos candidatos.

No caso da edição de número 399, três das seis reportagens encontradas tratam de assuntos vinculados às eleições (as de número 17, 18 e 19 desta contagem). Não por acaso, nas três, como em exemplos de outras edições, as matérias tratam de aspectos negativos da candidatura de José Serra, tornando explícita a inclinação da publicação de forma contrária ao representante do PSDB, que se comprova no caderno especial sobre as eleições que acompanha a edição. A manchete do caderno, onde se lê “Serra governa só para os ricos”, bem como o editorial, intitulado “Precisamos eleger Dilma”, já bastam para se compreender que o Brasil de Fato fez campanha declarada pela candidata do PT, reforçada pelas informações, no editorial do caderno regular, de que foram impressos 2 milhões de exemplares do caderno especial e de que o jornal oferece número de telefone e endereço eletrônico a “quem estiver interessado em participar deste mutirão” (MILITÂNCIA..., 2010, p. 2).

**18. Título: A pedido de Serra, TSE censura imprensa popular** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Mídia: Processo movido por PSDB proíbe circulação de Jornal da CUT e Revista do Brasil*

Resumo: Em dois textos, reportagem revela pedidos sigilosos de censura, por parte da candidatura de José Serra, a manifestações favoráveis à candidatura adversária, de Dilma Rousseff, em veículos de comunicação. No principal, o repórter relata a cronologia dos fatos, antecedentes e contextos, além de oferecer a versão dos representantes do jornal e da revista censurados pelo Tribunal Superior Eleitoral. No secundário, a informação de que uma gráfica ligada ao PSDB produzia panfletos contra Rousseff, além das ações da campanha de Serra tocando nos temas do aborto e da religiosidade para atacar a concorrente, reforçam a contradição da candidatura tucana.

Interpretação: Reportagem eleitoral que se enquadra no mesmo contexto da anterior, a de número 17 (“De onde vieram os R\$ 4 milhões?”). Portanto, para ela vale o mesmo parecer.

**19. Título: Sobre petróleo, eleições e o que está em disputa** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Um eventual governo Dilma não atenderia, por completo, as principais reivindicações dos movimentos; porém, Serra seria uma catástrofe para o setor*

Resumo: Reportagem que analisa, em dois textos, a política do PSDB (vista nos dois governos de Fernando Henrique Cardoso e projetada na candidatura de José Serra) para o petróleo nacional, comparando com a política do governo de Luiz Inácio Lula da Silva no setor, por meio da apresentação de dados, medidas e propostas de ambos os lados. Representantes do Sindicato dos Petroleiros e da Federação Única dos Petroleiros, além de economista autor de ensaios sobre o tema, avaliam as duas políticas, deixando clara a preferência pela do PT, pelas semelhantes considerações de que ela é menos nociva para o setor. A matéria, assinada por repórter no Rio de Janeiro, é finalizada com a informação de um ato intitulado “Acorda Brasil!” que ocorrerá na cidade “contra o eventual retrocesso que representa a vitória de José Serra” (UCHOAS, 2010).

O texto de apoio recupera dois mega-acidentes causados pela Petrobrás durante a gestão FHC, para dizer que o discurso de Serra em prol do meio ambiente, a fim de herdar votos da candidata Marina Silva, do PV (terceira colocada no primeiro turno das eleições presidenciais de outubro de 2010), vai na contramão do governo de Fernando Henrique, e que o PT tende a continuar investindo mais na Petrobrás do que o PSDB. Portanto, a retranca reforça a tese de que a opção por Dilma Rousseff é menos prejudicial ao petróleo brasileiro do que a escolha por José Serra.

Interpretação: Reportagem eleitoral que se enquadra no mesmo contexto e compartilha da mesma interpretação feita para a de número 17 (“De onde vieram os R\$ 4 milhões?”).

**20. Título: Em Nova Iguaçu, os projetos param em problemas estruturais** (com abertura para JL)

Subtítulo: *Educação: O Brasil de Fato fecha, nesta edição, a publicação das matérias produzidas pela Revista Poli, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fiocruz, sobre as escolas rurais*

Resumo: Ampla reportagem com dois textos em duas páginas completas, assinados por duas repórteres. No primeiro, elas visitaram a escola do acampamento de trabalhadores rurais de Campo Alegre, dentro do município de Nova Iguaçu (RJ), para



mostrar avanços, limites, projetos e demandas da educação que se oferece às crianças da comunidade. O texto apresenta dados de leis da cidade e da Secretaria Municipal de Educação para mapear a situação da educação na área rural de Nova Iguaçu, onde a falta de reconhecimento legal prejudica os serviços básicos em comunidades como a Campo Alegre. Há depoimentos da coordenadora político-pedagógica da Escola Municipal Campo Alegre, de duas professoras do estabelecimento e de uma especialista em educação. No segundo texto, intitulado “Longe da escola”, as repórteres foram a dois assentamentos de trabalhadores sem-terra em fazendas na área rural do município de Piraí (RJ), que convivem com um problema ainda mais grave: não existem escolas que os atenda, obrigando as crianças a freqüentarem estabelecimentos rurais e urbanos mais distantes, distribuídos na cidade, em condições desgastantes e precárias de transporte. A matéria reconstitui os processos de ocupação, crescimento e legalização dos assentamentos, enfatizando principalmente os problemas estruturais que afetam a vida escolar das crianças. Há depoimentos de três moradores (frutos de uma conversa com trabalhadores de um dos assentamentos) e duas crianças das comunidades.

Interpretação: Como reportagem que se propõe, desde o princípio, a ir a campo, ela pressupõe certa imersão na realidade investigada e humanização no contato com as pessoas que vivem nessa realidade. Entretanto, o “mergulho” nos ambientes dos acampamentos, assentamentos e escolas visitados poderia ser mais intenso e explorado na narrativa, como sugerem as fotos publicadas nas duas páginas. No caso de Nova Iguaçu, se a estrutura para as atividades escolares é precária, isso poderia ser mostrado não apenas por meio de depoimentos das professoras envolvidas, mas, como a reportagem está no local, ela poderia acompanhar uma dessas atividades para registrar o que lhes falta por meio da observação direta. Em Piraí, se a locomoção das crianças até as escolas é difícil, cheia de obstáculos, por que não fazer o caminho de ida e volta com um grupo de alunos em determinado dia? Certamente um dos problemas levantados para a não-realização desses procedimentos será a disponibilidade das repórteres, mas certos esforços de apuração e captação de informações são necessários para o aprofundamento do trabalho jornalístico, principalmente quando se trata de praticar o jornalismo literário.

**21. Título: Choque de ordem contra a cultura popular** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Arte de Rua: Prefeitura do Rio de Janeiro fortalece o controle sobre as manifestações populares*

Resumo: Reportagem de dois textos em uma página, que começa expondo normas do governo municipal do Rio que dificultam e restringem manifestações culturais no espaço público. Com a informação de que o cenário é semelhante em capitais como São Paulo e Belo Horizonte, onde artistas são taxados para trabalhar em ruas, praças e parques, a narrativa denuncia a privatização do espaço público e da contradição entre os avanços da política cultural federal e a prática local nas cidades, privilegiando grandes espetáculos e produções em detrimento da cultura popular. Membros de grupos culturais falam no texto, que traz informações de regras e normas adotadas nas capitais mencionadas. A retranca questiona a “mercantilização” do carnaval no Rio de Janeiro, onde representantes de blocos de rua questionam medidas da Prefeitura e de alguns blocos que organizam a festa popular tendo como principal parâmetro o potencial econômico.

Interpretação: Reportagem em tom de denúncia, apresentando uma situação que se mostra adversa e exageradamente rígida em relação aos artistas que praticam a cultura popular, prejudicada pelos interesses mercantilistas dos governos municipais em relação ao setor. Com o propósito de estimular a discussão de uma situação em âmbito generalizado, lançando um debate a respeito de um tema amplo (no caso, a política cultural de uma cidade), sem se prender a exemplos específicos, a matéria jornalística usa da humanização apenas como fonte de relatos e informações para abastecer a análise que desenvolve, afastando-se do perfil de uma narrativa alicerçada nos recursos do jornalismo literário.

**22. Título: Congresso da Cloc/Via Campesina reforça a união latinoamericana** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Equador: Encontro realizado em Quito reuniu cerca de mil delegados entre 8 e 16 de outubro*

Resumo: Reportagem em dois textos, ocupando 75% de uma página (os 25% restantes contam com um anúncio publicitário), assinada por repórter da agência latino-americana de notícias Prensa Latina, enviada a Quito. A cobertura do evento da Coordenadora Latinoamericana de Organizações do Campo (Cloc/Via Campesina)

destacou a Declaração de Quito, que resumiu os debates travados. O texto principal reproduz e comenta trechos do documento, expondo alguns de seus tópicos. O secundário trata do painel apresentado por João Pedro Stedile, dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), no Congresso, a respeito da ofensiva do capital sobre a agricultura na América Latina.

Interpretação: Embora se trate de uma cobertura de um evento de grande porte, do qual participaram centenas de pessoas, o foco da reportagem incide sobre os pontos abordados pela Declaração de Quito, tomando mais a feição de análise de temas lembrados pelo congresso do que de acompanhamento dos seus participantes, procedimento que o jornalismo literário enfatizaria caso fosse aplicado, buscando conhecer melhor as pessoas que fizeram o evento acontecer, em suas trajetórias, lutas, anseios, reivindicações, preocupações etc.

- Caros Amigos (reportagens de 23 a 41):

**23. Título: Lixo radioativo ameaça região de Poços de Caldas** (com abertura para JL)

Subtítulo: *Vereadores querem que os materiais radioativos mesotório e torta II, estocados nas instalações do Complexo Urânio de Caldas (MG), sejam retirados de lá*

Resumo: Reportagem de três páginas que, a partir da detecção de um problema vinculado ao depósito de material radioativo em uma região de Minas Gerais, levanta a discussão sobre a energia nuclear brasileira, problematizando a capacidade do país em desenvolver essa modalidade energética e estocar o material que dela deriva. Além de manter lixo radioativo produzido nas instalações locais, Poços de Caldas (MG) virou depósito de dejetos nucleares de uma usina de São Paulo, o que revoltou a população e provocou reação no governo estadual. Repórter foi ao local e ouviu moradora e vereadores, preocupados com a contaminação ambiental e a incidência de doenças entre os moradores da região. O texto questiona se o material depositado no complexo é rejeito ou estoque estratégico de urânio, citando documentos vinculados à Indústrias Nucleares do Brasil (INB), responsável pela mina de urânio de Poços.

Em seguida, a reportagem aborda o único depósito definitivo para rejeitos radioativos no país, em Goiás, palco de acidente de vazamento nuclear nos anos 1980. Uma das vítimas desse acidente, líder de associação que congrega pessoas na mesma condição, fala do preconceito e das perdas decorrentes desse fato. O texto lamenta a

falta de fiscalização das áreas de radioproteção e segurança nuclear por um órgão independente, ouvindo especialista no assunto. Depois menciona problemas de vazamento de lixo radioativo em outros países, destacando, na voz de uma médica, o risco à saúde de quem tem contato com a radiação. Por fim, é abordada a questão ética, com depoimento de trabalhador que transportou dejetos de São Paulo para Poços de Caldas sem saber do risco que oferecia a si próprio (passou por problemas de saúde) e às pessoas da região, e parecer de um estudioso que questiona a delegação dos problemas radioativos de hoje para as gerações futuras resolverem.

Interpretação: A reportagem mescla humanismo com análise, pois parte da exposição de problemas localizados, enfrentados por pessoas que são identificadas e falam no texto, para discutir questões de fundo, em âmbito nacional, como matriz energética, segurança nuclear e outras que fazem parte do “debate aberto e democrático para decidir qual energia queremos e que sociedade queremos construir” (COUTO, 2010). Portanto, para “crescer” em termos de jornalismo literário, a reportagem poderia explorar mais intensamente o lado humano que aparece, de forma breve, quando a moradora de Caldas, o “vitimizado” de Goiânia e o trabalhador da usina paulista aparecem na narrativa relatando situações pessoais. A descrição de paisagens sob risco na região mineira poderia ganhar espaço no texto, uma vez que a contaminação ambiental foi citada e a repórter esteve defronte uma cachoeira em Poços de Caldas, conforme é possível deduzir da fotografia da queda d’água que ilustra a matéria, com crédito para a jornalista.

**24. Título: Agronegócio escraviza milhares de trabalhadores no campo** (com abertura para JL)

Subtítulo: *As culturas de cana, soja e algodão, a pecuária, as carvoarias e o desmatamento da Floresta Amazônica são as atividades preferidas dos exploradores do trabalho escravo*

Resumo: Reportagem de quatro páginas que se desdobra em um texto principal (três páginas, sendo a primeira ocupada por título, subtítulo e uma fotografia) e um secundário (uma página). Ela começa expondo a situação do trabalho escravo pelo mundo e explicando as razões pelos quais ele ainda existe no Brasil. Senador, sindicalista e bispo membro da Comissão Pastoral da Terra falam a respeito, dizendo que o governo depende de alianças eleitorais com parlamentares conservadores e

ruralistas, para os quais o trabalho escravo é conveniente economicamente, e portanto a erradicação fica só plano do discurso. A propaganda governamental em favor do agronegócio legitima a concentração fundiária e o latifúndio, cenário típico para a escravização dos trabalhadores. A situação se agrava, segundo o texto continua, por causa da repressão que os fiscais do trabalho sofrem dos latifundiários escravistas, algumas vezes vinculados ao crime organizado, cuja influência na esfera da política e da segurança pública impede punições e mudanças deste cenário no país, de acordo com depoimentos de sindicalista da área, delegado da Polícia Federal e membro de comissão para erradicação do trabalho escravo – este vincula pobreza extrema e falta de qualificação para que haja demanda de trabalhadores sujeitos a atuar em áreas de semi-escravidão.

A retranca aborda a prática criminosa da escravidão em São Paulo, com utilização de mão de obra de imigrantes sul-americanos na indústria de confecção, que abastece grandes marcas têxteis, magazines e outros ramos da economia e comércio. Defensora pública, chefe de fiscalização do trabalho e membro de organização não governamental (ONG) em prol dos direitos humanos mostram como a cadeia produtiva de alguns segmentos da economia depende de e, principalmente, lucra com o trabalho escravo na sua origem. A matéria descreve as precárias condições de trabalho e vida de operários e seus filhos, nas oficinas de confecção na capital paulista, além de expor as falhas na legislação e punição às empresas “sujas” (que se valem de trabalho escravo ou semi-escravo). Encerra pedindo ação coordenada de autoridades, serviços públicos e sociedade civil (como a mudança de hábitos de consumo) para acabar com essa violação dos direitos humanos.

Interpretação: Mais uma reportagem potencialmente humanística mas cujo resultado final desemboca no perfil de análise, pois traça um panorama do assunto, tratado em seu contexto, com informações e relatos de conhecedores do tema, entretanto deixa a desejar em termos de humanização e imersão, já que os personagens que vivem o problema relatado não aparecem no texto, restritos a duas fotografias de trabalhadores resgatados em fazendas paraenses após fiscalizações. Assim como na matéria jornalística sobre a ameaça radioativa em Minas Gerais (número 23), os sujeitos afetados pelo tema da reportagem ficam em segundo plano e é nesse aspecto que o jornalismo literário poderia contribuir para o aprofundamento dos textos. Um obstáculo, nesse sentido, seria a dificuldade de se chegar a uma fazenda ou oficina que abrigue

trabalhadores escravos, pois a tendência, nesses espaços que funcionam de maneira irregular, é não permitir a aproximação de jornalistas nem a identificação dos lugares e pessoas envolvidos. Uma alternativa para encontrar esses trabalhadores seria buscá-los fora desses espaços ilegais, o que demandaria mais tempo de apuração à reportagem mas, em caso de sucesso, traria um lado da história que o leitor não obteve por meio do conteúdo que foi publicado.

**25. Título: Fechando o fosso entre a pobreza e a universidade** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Cursinhos populares proporcionam o acesso à educação superior no Brasil para estudantes de baixa renda*

Resumo: Reportagem de três páginas, com um texto e um quadro, apresentando os cursos pré-vestibular para alunos de baixa renda – quem e o que oferecem, como é o acesso, como se estruturam - , com ênfase maior nos da Uneafro, UFSC e Poli em suas peculiaridades e semelhanças. Dois alunos e um ex-aluno destes cursos prestam depoimentos, bem como quatro coordenadores de cursinhos, destacando seu papel social (formação política e cidadã) no que se distancia da tendência de mercantilização da educação e da seletividade social dos vestibulares. O quadro oferece uma informação de serviço, com dados de sete cursos pré-vestibulares espalhados pelo país.

Interpretação: Com o intuito de apresentar os cursos, a reportagem explora pouco os alunos-personagens (que não aparecem nem mesmo em fotografias), razão maior da existência dessas escolas segmentadas e direcionadas, privilegiando as falas dos coordenadores e, conseqüentemente, o debate no plano dos argumentos em favor dos cursos. Para conseguir captar evidências concretas e observáveis desses pontos positivos (e negativos, se houver), a repórter poderia tentar acompanhar algumas aulas e atividades extracurriculares em determinado(s) curso(s), percebendo por conta própria (e não apenas por meio do discurso dos envolvidos) e na prática as especificidades das escolas, por meio do comportamento de alunos, professores e funcionários da(s) instituição(ões). Se esse procedimento fosse repetido em um cursinho convencional, considerado “comercial” por oferecer preços mais condizentes com a condição financeira de famílias de estudantes das classes média e alta, seria possível comparar os dois tipos de cursos de forma mais precisa e por conseguinte ressaltar os diferenciais das escolas populares, conforme a intenção exposta pela reportagem.

**26. Título: Mulheres defendem parto sob controle** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *É cada vez maior o número de mulheres que optam pelo parto humanizado, que devolve autonomia à elas e possibilita uma postura ativa no momento de dar a luz* (sic)

Resumo: Em duas páginas, reportagem traz tendência na área da obstetria de se diminuir as cirurgias (cesáreas) e se optar por um procedimento de parto que valoriza o bem-estar da mulher, respeitando o tempo natural de nascimento do bebê (ao contrário da rotina hospitalar, que acelera o processo se necessário) e algumas vontades da parturiente. Profissionais, estudiosos da área e mulher que passou pelo procedimento falam sobre características, possibilidades e vantagens do parto humanizado, que pode ser realizado fora do hospital, em espaços específicos ou mesmo no domicílio da parturiente, em havendo uma preparação necessária.

Interpretação: Outra reportagem que reflete a tendência analítica das matérias jornalísticas encontradas na revista. A participação de personagens para ilustrar o tema se restringe a uma fotografia e ao depoimento de uma mulher que optou pelo parto humanizado, nas últimas linhas do último parágrafo, depois de mais de 90% do texto ocupado por explicações, informações e relatos da repórter e dos especialistas ouvidos. Sobra fundamentação, mas falta humanização. Para se aprofundar nesse sentido, uma reportagem sobre parto humanizado não pode abrir mão de acompanhar pelo menos um parto humanizado, ou talvez até assistir tanto a um parto humanizado quanto a um parto hospitalar, para ter, por meio da comparação, a possibilidade de verificar na prática e de forma menos enviesada (porque todo discurso a respeito de um fenômeno tende a distorcê-lo mais do que a observação do fenômeno em si) os diferenciais dessa modalidade de concepção da vida humana.

**27. Título: Teatro da Maré mostra a força da favela** (com abertura para JL)

Subtítulo: *A Companhia Marginal de Teatro, grupo formado por atores-moradores da Maré, maior bairro popular do Rio de Janeiro, realiza ações para democratizar o seu método de trabalho*

Resumo: Duas páginas de reportagem que mostra o teatro social praticado por companhia formada por atores e moradores do conjunto de favelas da Maré, no Rio. Repórter acompanha peça do grupo e descreve cenas dela, além de conversar sobre o espetáculo com atores e diretora, que explicam os temas vinculados ao universo da

favela de Nova Holanda abordados pelo espetáculo e as intenções pretendidas por ele. Tabus, preconceitos e denúncias de problemas vividos pela comunidade são explorados, questionando as atuações do poder público e das ONGs na região. Atriz comenta a importância da companhia na sua vida e o papel político da arte. O texto traça um histórico do grupo teatral, mencionando suas atividades, projetos, conquistas, objetivos e elenco para finalizar voltando à peça que abre a narrativa, com a exposição da reação do público ao fim do espetáculo (também foi colhido o depoimento de uma moradora a respeito) de forma bastante elogiosa à companhia: “Esse espetáculo, esse grupo, poderia estar em qualquer teatro do mundo” (SALLES, 2010a).

Interpretação: A presença do repórter no local onde acontecem os fatos abordados pelo texto possibilita que ele transmita ao leitor informações de uma riqueza que a melhor apuração indireta (por exemplo, ao ouvir uma pessoa falando a ele sobre fatos presenciados no passado) não é capaz de alcançar. A reportagem sobre a Companhia Marginal de Teatro evidencia essa diferença, principalmente porque o recurso da descrição minuciosa, possibilitada pela imersão do repórter no cenário investigado, é oportunamente utilizado na narrativa. Os relatos dos detalhes e encaminhamentos das cenas dão margem ainda para o narrador lançar mão de seu estilo. A voz autoral também aparece nos julgamentos e opiniões embutidos em adjetivos e expressões que fogem da neutralidade e revelam o envolvimento sem receio do jornalista com o tema de sua reportagem – envolvimento que, praticado com bom senso e sem exagero, mais colabora do que prejudica o papel esclarecedor da matéria jornalística. Em termos de humanização, a reportagem poderia avançar um pouco mais se explorasse o cotidiano da favela de Nova Holanda e da vida de seus moradores na figura de um dos atores do grupo teatral, por exemplo.

**28. Título: Direitos autorais, a luta pelo acesso ao conhecimento** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *A reforma da lei atual de direitos autorais, em vigor desde 1998, é uma demanda de diversos grupos que a consideram muito rígida e em alguns pontos desatualizada*

Resumo: Reportagem de duas páginas essencialmente analítica, pois versa a respeito de um tema abstrato, não diretamente vinculado a pessoas. O anteprojeto de reforma da lei de direitos autorais é explicado, em suas etapas até o encaminhamento para votação,



propostas, inovações em relação à lei de 1998 e implicações práticas. O embate entre direito autoral e acesso ao conhecimento é discutido, bem como demandas e interesses de entidades afetadas pelas possíveis mudanças na lei e pelos dados expostos, com depoimentos de fontes envolvidas no assunto.

Interpretação: Reportagem cujo perfil permite poucas possibilidades de aplicação do jornalismo literário. Uma alternativa, talvez, seria investir em alguma(s) das situações cotidianas, expostas pelo texto, que sofrerá modificações com a provável aprovação da reforma da lei de direitos autorais, como a permissão da reprodução xerográfica nas faculdades, buscando ouvir e captar o que as pessoas que lidam com esse procedimento expressam sobre ele hoje e como vêem as mudanças que são propostas. Desta forma, haveria mais espaço para personagens na narrativa e, conseqüentemente, maior humanização.

## **29. Título: ECA, 20 anos de conquistas e desafios** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Legislação trouxe novo olhar para a questão dos direitos da infância e juventude, mas sofre com a falta de implementação e tentativas de alteração de seu conteúdo*

Resumo: Em três páginas, reportagem faz um balanço das duas décadas de vida do Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Especialistas, estudiosos e profissionais que lidam com direitos da criança e do adolescente no país falam sobre avanços, lacunas e casos de desrespeito ao regulamento e aos sujeitos que são alvo desse conjunto de normas (violência, discriminações e preconceitos).

Interpretação: Mais uma reportagem com a claríssima e única proposta de traçar uma grande análise. Como já foi dito em relação a essas matérias jornalísticas com perfil de avaliação, o espaço para a introdução de técnicas de jornalismo literário fica comprometido, pois em vez de jogar luzes sobre personagens e situações concretas narradas no momento de sua ocorrência, o texto se detém a explicações, opiniões, idéias e ao relato de fatos acontecidos no passado. No caso desta reportagem que menciona, mesmo que de forma indireta, o universo das crianças e adolescentes brasileiros, uma maneira de torná-la menos analítica e mais humanística seria fornecer exemplos de crianças e/ou adolescentes que representam e personificam conquistas e desafios do ECA, revelando suas trajetórias e momentos atuais.

**30. Título: Feira nordestina, sotaque carioca (com abertura para JL)**

Subtítulo: *Música, culinária e cultura do Nordeste reúnem imigrantes, cariocas e estrangeiros na Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro*

Resumo: Reportagem de quase três páginas (cerca de 40% da última página é ocupada por anúncio publicitário) e dois textos sobre o evento que agita o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, na capital carioca. A narrativa principal começa descrevendo a entrada do espaço e depois mostra como surgiu o centro e funciona a feira. O texto revela, de forma minuciosa, como o ambiente muda com o passar das horas no mesmo dia, conforme as atrações da feira se alteram. Há depoimentos de um freqüentador, do diretor cultural do evento e de um professor na área de artes e cultura, abordando a mudança de perfil da feira com o passar dos anos e sua expansão desordenada, em tom de crítica. A matéria se encerra com uma pergunta: “o que será que essa multidão procura?” (SALLES, 2010b). A retranca fala sobre um personagem-símbolo da feira, o escritor de cordel conhecido como “Mestre Azulão”, um dos fundadores do evento. Acompanhado de dois trechos de poesias do personagem, o texto descreve-o com metáforas, relata sua história de vida destacando a participação da literatura em sua trajetória e dá espaço para que ele, insatisfeito com a perda de tradição da feira, teça suas críticas à falta de atenção das pessoas e dos meios de comunicação e o que considera como um fenômeno de “despatriação” dos brasileiros que têm sua cultura desvalorizada.

Interpretação: A reportagem explora bem as possibilidades de se fazer jornalismo literário a partir de um evento que congregue um grande número de pessoas, elementos e acontecimentos. As descrições estão bem trabalhadas, demonstrando a imersão do repórter pelo espaço da feira e a riqueza do seu repertório (marcas de estilo e voz autoral), e a humanização se faz presente de maneira interessante no perfil que retrata o Mestre Azulão, embora tivesse sido sub-explorada no texto principal - que poderia abrir espaço para mais personagens componentes da feira, ajudando a responder, de forma mais satisfatória, à pergunta do próprio repórter, quando este indaga “o que será que essa multidão procura?”

**31. Título: Cinema latino-americano conquista seu espaço (sem abertura para JL)**

Subtítulo: *Festival em São Paulo mostra nova safra de produções e reflete sobre papel político, cultural e social*

Resumo: Reportagem de duas páginas que toma o festival ocorrido na capital paulista entre 12 e 18 de julho como mote para discutir a situação do cinema latino-americano (como está, o que apresenta, quem incentiva, como desempenha seu papel político, cultural e social), aproveitando discussões ocorridas no evento (que promoveu debates entre os responsáveis pelos filmes que foram exibidos), além de falas de diretores, cineastas e estudiosos da área.

Interpretação: Com o claro objetivo de traçar um panorama do tema, a reportagem mergulha inevitavelmente na prática da análise e da discussão sobre a nova safra de produções cinematográficas, levantando questões como a manutenção do rótulo de cinema de resistência, as características em comum entre os filmes e a existência de políticas públicas que as impulsionam e democratizam. Assim, fica muito difícil imergir e humanizar, em termos de personagens, bem como praticar o estilo e a voz autoral no texto. Uma opção para tornar o texto mais "colorido" seria se a repórter escolhesse uma ou duas produções exibidas no festival para um olhar mais detido, abordando os personagens que têm suas tramas contadas nesses filmes, mesmo em caso de obras ficcionais, em descrições e diálogos com os criadores para conhecê-los e dissecá-los melhor.

**32. Título: Mexicanos se levantam, mais uma vez, contra a tirania** (com abertura para JL)

Subtítulo: *Terror imposto pelo governo de Oaxaca não intimida eleitores, que vão às urnas e votam contra partido que governou Estado com mão-de-ferro durante 80 anos. Caros Amigos acompanhou o processo eleitoral*

Resumo: Duas páginas para a reportagem sobre a votação no Estado mexicano, que historiciza os desmandos políticos na região, explica como está configurado o cenário político no local e contextualiza a sequência de fatos e eventos que tiveram influência no processo eleitoral, sobretudo na perspectiva popular ameaçada pelas violações e violências exercidas pelo PRI (Partido da Revolução Institucional). Relato dos acontecimentos no dia da eleição, que transcorreu praticamente sem incidentes, e explicação do novo cenário formado depois da vitória de Gabino Cué nas urnas. O texto informa que a reportagem conversou com Cué no dia seguinte à eleição, mas não publica declarações diretas dele, apenas citando, de forma indireta, suas promessas e bandeiras iniciais. Depois, retorna para a costura do pano de fundo político, abordando o

zapatismo no México e os atores populares que atuam em Oaxaca, para celebrar o clima pacífico que regeu o período eleitoral e a presença de uma missão internacional de comunicadores e observadores de direitos humanos, entre os quais se incluía a reportagem da revista.

Interpretação: Em termos de jornalismo literário, é possível concluir que Caros Amigos perdeu uma grande oportunidade de aprofundar sua reportagem, pois contava com uma repórter no palco da eleição em Oaxaca, que poderia fornecer ricos elementos de ambiente e personagens atuantes se colocasse em prática um pouco mais de imersão e humanização no seu trabalho. Não que as contextualizações e explicações proporcionadas pelo texto publicado não tenham tido sua importância, afinal é conveniente esclarecer o que se passa em uma região com a qual, via de regra, não estamos familiarizados. Mas destacar a participação popular em uma eleição e não dar voz a ninguém “do povo” pode ser considerado um erro (se formos mais rigorosos, quase uma incoerência) que não podemos deixar de mencionar.

**33. Título: Eleições presidenciais – O Brasil de 2011 vai ter mais do mesmo** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Intelectuais de várias correntes no campo democrático e de esquerda analisam as propostas e os desdobramentos da campanha eleitoral*

Resumo: Reportagem de quatro páginas composta em torno de entrevistas com quatro intelectuais ligados a partidos de esquerda sobre as eleições presidenciais que se aproximavam naquele momento. Quatro perguntas foram elaboradas para todos os entrevistados, cujas respostas foram publicadas na matéria, em blocos para cada uma delas, depois de uma abertura redigida pela repórter.

Interpretação: Matéria jornalística com o propósito primeiro e único de "analisar as propostas e os desdobramentos da campanha eleitoral", como o próprio subtítulo diz. Como não vai além das declarações dos analistas durante o texto, de forma direta ou indireta (nos parágrafos que antecedem a publicação das respostas), nada pode ser feito em termos de jornalismo literário nesse caso.

**34. Título: Saúde pública leiloada** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Funcionários públicos, economistas, juristas e parlamentares avaliam os problemas da privatização da saúde no Estado de São Paulo via transferência da*

*administração para as Organizações Sociais. A mercantilização gera prejuízos aos usuários sem comprovar economia aos cofres públicos*

Resumo: Em quatro páginas, reportagem levanta denúncias em hospitais, ambulatórios e laboratórios públicos paulistas mesmo após a transferência de gestão (do governo para as Organizações Sociais de Saúde), mostrando problemas de fiscalização e más condições de trabalho e atendimento. De acordo com o texto, a terceirização de serviços na saúde dribla a proibição do repasse do segmento para o setor privado, mas a lógica embutida nesse processo de mercantilização estimula a competitividade, a busca de resultados numéricos acima do bem-estar das pessoas e as metas por produtividade, para gerar uma desejada visibilidade positiva. O marketing realizado pelas OSS impede a exposição dos problemas e dá margem para a prática do assédio moral sobre os funcionários (pressionada, a pessoa se cala ou é demitida), afetados também pela alta rotatividade dentro das empresas terceirizadas. Representante de associação que administra hospital em São Paulo dá sua versão, defendendo o modelo atual. Porém, as denúncias viraram investigação na Assembléia Legislativa de SP e no Conselho Nacional de Saúde - na primeira instância, dificultada pela maioria governista, segundo declara deputado da oposição. O CNS está avaliando o modelo de administração das OSS, discutido pelos analistas no texto, bem como a eficiência dessa gestão.

Interpretação: Novamente uma reportagem com perfil avaliativo, objetivando promover uma radiografia e um balanço sobre o tema abordado. Como temos visto nas várias matérias jornalísticas encontradas em Caros Amigos com essas características, torna-se difícil escapar da predominância de vozes de especialistas e não restringir o espaço das reportagens ao debate de análises e opiniões. No entanto, mesmo nesses casos, uma abertura para o exercício do jornalismo literário pode surgir quando o repórter em questão procurar os sujeitos e situações concretas envolvidas nos elementos da análise que sua reportagem solicitar. Então, se o texto fala de condições de trabalho de funcionários da saúde, caberia ir ao encontro dessas pessoas e ouvi-las a respeito, procurando captar suas atividades rotineiras, como elas enxergam seu dia a dia, que mudanças sofreram "na pele" em decorrência da mudança de gestão no sistema e outras questões concretas, que revelem não apenas evidências de um panorama genérico mas também aspectos concernentes aos seres humanos por trás dos profissionais de um determinado setor.

**35. Título: Kuntanawa, um povo em construção** (com abertura para JL)

Subtítulo: *Povo indígena no Acre, considerado extinto, ressurgiu a partir de seus descendentes misturados com “brancos” e hoje luta pela demarcação de suas terras no estado*

Resumo: Liderança indígena e personagem da tribo falam sobre a trajetória da etnia em reportagem de duas páginas. A reconstrução dos Kuntanawa, localizados no Acre, é abordada por meio de sua história e as ações para a reunião dos índios dispersos, em contatos com etnias vizinhas do mesmo tronco indígena (os Kuntanawa pertencem aos povos Pano) como aconteceu no primeiro festival cultural das tribos, realizado no final de julho. As lutas pela posse da terra (demarcação legal) e contra o desmatamento das reservas extrativistas são destacadas, bem como o exemplo de quem recupera a mata e busca a subsistência de forma sustentável.

Interpretação: É possível encontrar traços de humanização na abordagem que a reportagem faz dos personagens, desvendados em aspectos de suas vidas, costumes, projetos, sonhos e batalhas, como a manutenção dos índios nos territórios onde se encontram suas raízes e a recuperação da floresta por meio da agricultura que promove o reflorestamento. Entretanto, a imersão foi sub-explorada, pois oportunidades como o festival cultural, repleto de atividades de confraternização entre as tribos, renderia muito mais do que um parágrafo composto por uma breve descrição. De resto, o texto revela de forma humanizada um personagem emblemático da situação da tribo (José Osmildo do Nascimento) e não peca em termos de informações que esclarecem a situação dos Kuntanawa, embora pudesse ter assumido a "ousadia" de incorporar mais elementos indígenas ao conjunto da reportagem, citando músicas, rituais, ensinamentos e valores intrínsecos de forma direta, por exemplo.

**36. Título: Militares espionaram esquerda na década de 90** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Documentos confidenciais do Exército, Marinha e Aeronáutica localizados por Caros Amigos revelam que a espionagem política das Forças Armadas se manteve no período democrático, após o fim da ditadura militar*

Resumo: No total foram cinco páginas, sendo quatro para o texto principal e uma para uma retranca. A matéria principal reconstitui informações levantadas a respeito das atividades de sindicatos, partidos políticos e demais personagens, como ativistas de esquerda cubanos, com base em informações de espões levantadas em documentos

encontrados pela revista. Ouvidos, os órgãos militares brasileiros ou se recusaram a falar ou apresentaram respostas evasivas sobre os casos de espionagem. Também há espaço para versões de representantes das entidades espionadas, endossando a crítica ao monitoramento ilegal e constante dos órgãos militares a quem contesta a ordem vigente e representa algum perigo para a manutenção do status quo. A retranca aborda a espionagem ao vereador Jamil Murad (PC do B), à época deputado estadual por São Paulo, e a atividades como assembleias estudantis e encontros de trabalhadores e correntes de esquerda, da parte de agentes infiltrados da Polícia Civil de São Paulo.

Interpretação: A reportagem é bastante rica em termos de dados, informações e descrições, sobretudo quando reconstitui a sequência de etapas reveladas nos documentos dos espiões, fornecendo um quadro cena a cena de tudo o que os espionados fizeram no intervalo de tempo em que eles foram monitorados. Porém, como a matéria visa, basicamente, apresentar os dados levantados pela investigação promovida pela revista e problematizar os procedimentos escancarados por essas revelações, ela restringe as possibilidades de avanço no que versa sobre humanização e imersão.

### 37. Título: **A guerra sem fim** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Apesar da retirada quase total das tropas estadunidenses do Iraque, o segundo maior produtor de petróleo do mundo continua sob controle dos Estados Unidos*

Resumo: A reportagem aborda, em três páginas, os desdobramentos da invasão dos Estados Unidos ao Iraque, trazendo números da ocupação e análises das intenções estadunidenses nos depoimentos dos especialistas ouvidos (dois cientistas políticos, um analista político e um jornalista palestino-estadunidense) e em citação de artigo publicado em jornal dos EUA. O debate da repórter com as fontes envolveu também pela migração do conflito conduzido pelo então presidente George W. Bush, no Iraque, para o liderado pelo atual presidente Barack Obama no Afeganistão, mencionando as perspectivas bélicas estadunidenses.

Interpretação: Tipicamente analítica, a reportagem não abre margem nem mesmo para o estilo da autora. A dificuldade de introdução de procedimentos de jornalismo literário é agravada pelo fato de a matéria jornalística tratar de um tema distante em

termos geográficos, sem a presença da repórter nos cenários dos fatos relatados, o que a impede de travar contato com personagens e situações no momento de suas ocorrências.

**38. Título: Assédio da publicidade em cima das crianças** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *Sem regulamentação adequada, agências de publicidade utilizam crianças para vender de brinquedos a poupanças bancárias, incentivando o consumismo infantil*

Resumo: Reportagem de três páginas que revela a lógica bem-sucedida do mercado publicitário direcionado para o público infantil, tratado como adulto no que diz respeito à interferência na decisão de compra de produtos de suas famílias. Especialistas relatam as estratégias da publicidade para persuadir as crianças no sentido de tornar natural e divertida a aquisição dos produtos divulgados pelos anúncios. A matéria entra na discussão do consumismo e seus fatores relacionados (obesidade, violência, vaidade, passividade, alienação). O texto expõe a regulamentação da publicidade infantil em alguns países, para mostrar a permissividade brasileira, onde o mercado impede a criação de novas leis, amparado pela “liberdade de expressão”, e a limitação do que se estipula no Código de Defesa do Consumidor e pode ser feito pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar).

Interpretação: A reportagem promove um extenso debate, abordando as várias faces do problema representado pelo assédio da publicidade sobre as crianças. Trata-se de uma perspectiva analítica que restringe e dificulta a aplicação de técnicas de jornalismo literário, limitada aos exemplos e casos citados indiretamente, em depoimentos de analistas e situações levantadas pelo texto da repórter. Como humanizar uma matéria jornalística como essa? Acompanhar crianças vendo programas de TV para registrar suas reações? Conversar com elas e os pais a respeito dos anúncios que mais chamam atenção e em que situações a exposição a eles conduz à compra dos produtos? Procedimentos possíveis, mas difíceis de serem viabilizados e que não garantem a comprovação das teses que norteiam o tema central (o estímulo ao consumismo infantil, favorável apenas ao mercado), o que poderia levar a revista a “derrubar” a pauta (termo que, no jargão jornalístico, indica a desistência do veículo em produzir ou publicar a pauta em questão) e, conseqüentemente, não estampar a reportagem em suas páginas.



**39. Título: Favelas incendiadas – Onde há fumaça, há fogo** (com abertura para JL)

Subtítulo: *Além de enchentes, desabamentos, os moradores das favelas de São Paulo enfrentam um novo problema: o aumento assustador dos casos de incêndios. Não há provas, mas existe a suspeita de que alguns tenham sido provocados por interesses imobiliários*

Resumo: A reportagem de duas páginas é aberta com relatos de moradores, cujas favelas foram atingidas por incêndios (Real Parque, Água Espraiada e Paraisópolis), complementados por informações levantadas pela repórter a respeito das ocorrências. A falta de explicação para as ocorrências, bem como a pouca vontade do poder público em investigar e apurar culpados, faz aumentar a suspeita de incêndio tramado (criminoso), pelo crescimento dos casos. A suspeita aumenta com a revelação de que a área mais atingida pelo fogo é palco antigo de disputa entre o poder público e a comunidade, com o primeiro querendo que a segunda deixe o local, segundo dizem os moradores da área. Os habitantes ouvidos reclamam dos aumentos dos gastos, da intenção da Prefeitura de remover as famílias e do descaso quanto ao futuro das pessoas em situação de vulnerabilidade, que convivem com a incerteza e a angústia - descaso iniciado desde a falta de retorno nos dias seguintes aos incêndios. Questões como a existência e a expansão das favelas e o não atendimento ao direito da cidade por parte da população carente são abordadas com falas de especialistas e representantes de entidades. O texto termina lamentando o privilégio do modelo de planejamento urbano aos interesses imobiliários e econômicos, no qual as pessoas de menor renda são mais penalizadas.

Interpretação: O tema da reportagem (favelas incendiadas) favorece a humanização, pois afeta diretamente as condições de vida de agrupamentos de indivíduos. Os depoimentos dos moradores, descrevendo os cenários observados ao seu redor, fortalecem esse procedimento, que poderia ganhar contornos mais intensos se houvesse maior imersão nas favelas, retratadas apenas em declarações, dados de fontes oficiais (como o Corpo de Bombeiros) e fotografias. Mais uma vez, a revista transporta uma matéria humanística para o plano analítico, conferindo demasiada ênfase nesse segundo aspecto e perdendo a oportunidade de explorar personagens e histórias de vida, assim como de oferecer espaço para a repórter dar vazão aos seus estilo e voz autoral.

**40. Título: Qual deve ser o limite do latifúndio?** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *O movimento social do campo quer definir o tamanho da propriedade no Brasil; existem dúvidas se o limite deve ser o único para todo o país ou se deve ter tamanhos diferenciados de acordo com cada região*

Resumo: A reportagem de três páginas propõe discutir o tema limite da propriedade rural no país, com base no plebiscito organizado pelo Fórum Nacional pela Reforma Agrária (FNRA) e dados da concentração fundiária brasileira. Especialistas opinam sobre as implicações do limite da propriedade rural, os impactos dessa medida na economia brasileira, a herança concentracionista da Lei de Terras do século 19, a omissão da grande mídia sobre o plebiscito - para não confrontar os interesses do agronegócio personificado pela bancada ruralista no Congresso Nacional - e a demanda por terra de milhões de famílias de trabalhadores rurais.

Interpretação: Como a proposta é de discussão e análise de um tema, torna-se complicado aplicar técnicas de jornalismo literário nesse contexto. Mesmo se a reportagem se debruçasse sobre os trabalhadores rurais, com pouca ou nenhuma terra para viverem, exercitando a imersão e humanização, tratar-se-ia de apenas um dos pontos do debate proposto, que não poderia abrir mão de análises, exposições de dados e opiniões de entendidos no assunto para munir o leitor de informações e argumentos suficientes à obtenção de uma resposta para a pergunta que intitula a matéria jornalística.

**41. Título: Juros: Ruína de muitos, paraíso de poucos** (sem abertura para JL)

Subtítulo: *A ausência de regulamentação sobre as taxas de juros e o mercado oligopolizado são responsáveis por um cenário de cidadãos endividados*

Resumo: Em duas páginas, a reportagem abre contando casos de dois personagens que acabaram se endividando por conta de empréstimos e parcelamentos de compras no crediário. Depois, enquadra-os no cenário de endividamento que engole a maior parte das famílias brasileiras, apresentando dados, e historiciza a "guerra surda" em torno dos juros, com cobranças e taxas, que se trava no Brasil há décadas. Economista explica a oligopolização do mercado bancário, favorecendo os lucros bilionários anuais dos bancos, e fala da influência da taxa básica de juros do Banco Central sobre os juros ao consumidor. O texto apresenta valores das taxas de juros no cheque especial e encerra

lamentando a triste sorte dos personagens que abrem a matéria jornalística, assolados pelos juros que dominam o mercado de crédito brasileiro.

Interpretação: Embora se trate de uma reportagem analítica, o esforço do repórter em torná-la mais didática, palatável (afinal, abordar assuntos econômicos para um público leigo não é tarefa fácil) e ancorada em situações do dia a dia é notável e digno de elogio, pois acaba abrindo espaço para a introdução de técnicas de jornalismo literário. Ao se colocar e participar do texto, citando situações particulares ("A minha fatura Mastercard, em setembro, avisa que...") ou esclarecendo que formulou e encaminhou perguntas ao Banco Central ("entrei em contato...", "Minha pergunta era..."), o repórter demonstra voz autoral. Seu estilo também é perceptível, em colocações alicerçadas em metáforas ("acabam se afundando no pântano de juros que virou o mercado...") e frases que escapam do discurso tradicionalmente neutro em matérias jornalísticas, como "Todo o poder à Federação Brasileira dos Bancos!". A utilização de histórias concretas dos personagens, por sua vez, configura um exemplo de humanização que, mesmo limitado pelo perfil analítico da reportagem, não deve ser desprezado, mas sim ressaltado.

Embora a amostragem tenha nos revelado que tanto Brasil de Fato quanto Caros Amigos conferem espaço constante para o formato reportagem em suas páginas, edição após edição, a exploração dos 41 textos levantados tornou evidente também que predominam as reportagens sem abertura para o jornalismo literário, o que restringiu as possibilidades de indicações de técnicas e recursos desta modalidade jornalística na maioria dos casos.

Entretanto, sempre que a perspectiva das pessoas é considerada tão ou mais importante do que estatísticas, análises e declarações de especialistas em uma reportagem, e a investigação se mostra disponível a ir atrás de qualquer aspecto que envolva os personagens das matérias jornalísticas, a começar por uma fala ou descrição, o jornalismo literário se faz aplicável. Mesmo nas reportagens sem abertura para o JL, diferentes enfoques em termos de pauta, apuração e captação de informações possibilitariam a introdução de marcas literárias e novas perspectivas de humanização e fluência, conforme as sugestões de aprofundamento realizadas nas interpretações da análise efetuada. Nesses casos, retomando colocação exposta em uma das interpretações, a abertura para o exercício do jornalismo literário pode surgir quando o

repórter buscar os sujeitos e situações concretas envolvidas nos elementos da análise que sua reportagem solicitar.

Como vimos nas interpretações de modo geral, o aprofundamento em termos de humanização dos sujeitos retratados se torna viável em condições como as seguintes:

- quando o repórter não sente receio de se manifestar na reportagem, abordando vivências, expondo opiniões que julga necessárias e interagindo com os demais personagens que compõem a trama da vida real;

- quando o autor da reportagem subverte a falsa noção jornalística de que o cotidiano não é notícia, mas apenas os fatos inéditos, surpreendentes e/ou fora do comum. Pois os comportamentos que se repetem em situações do dia a dia, quase que como regras e padrões, são indicativos valiosos para se aproximar da identificação dos personagens relatados no texto. São, portanto, notícias importantes para quem deseja compreender melhor o ser humano;

- quando a formulação e o desenvolvimento da pauta não se fecham, de modo irredutível, a angulações pré-definidas, pois a prática do jornalismo literário pode se chocar com determinados direcionamentos quando, no seu desvelar de fatos e realidades específicas, não fornece subsídios para as teses e hipóteses que o repórter considera ou nas quais quer enquadrar a reportagem por determinação editorial, podendo até se opor a elas;

- quando a captação de dados não despreza a carga simbólica presente em determinados grupos, locais e eventos, ao explorar, antes, durante e depois da ida a campo, os costumes, tradições e rituais que, assim como os hábitos cotidianos, ajudam-nos a conhecer melhor determinadas pessoas. Por exemplo: a religiosidade em uma cidade como Jerusalém, a cultura dos antepassados em uma tribo indígena e o nomadismo de um militante sem-terra;

- quando a apuração não abre mão de sentir, apreender e posteriormente descrever o "clima" e o "ambiente", no sentido figurado, dos acontecimentos ou das reações das pessoas a eventos marcantes, em vez de se limitar a perguntar aos protagonistas a respeito dos mesmos fatos certo tempo depois. Contribui, nesse sentido, uma disposição maior do repórter em se deslocar para o cenário das ocorrências em vez de realizar contatos à distância e de forma não-presencial;

- quando, de forma geral, o autor da reportagem não poupa esforços tanto na sua faceta de repórter, perseverando na busca por informações das mais gerais às mais

detalhadas, quanto na sua faceta de narrador, lapidando o texto quantas vezes forem necessárias para que, unindo eficiência e fluência, seu texto prove na prática a utilidade do jornalismo literário como meio de se fazer bom jornalismo e colaborar para o autoconhecimento humano.

## Considerações finais

Existe diálogo entre jornalismo literário e imprensa alternativa? Caso se tratasse de duas pessoas, elas teriam algo em comum para falar a respeito ou qualquer assunto que pudesse gerar um princípio de conversa? Acreditamos que sim. Não apenas porque pudemos identificar características que os aproximam, mas também pela convicção de que o jornalismo literário serve como ferramenta para que qualquer agente, vinculado a qualquer interesse, ideologia ou instituição, possa realizar um jornalismo de qualidade ao privilegiar a compreensão do ser humano. E pela ciência de que protagonismo humano e diálogo social, atingíveis pelo JL, não podem ficar de fora de qualquer projeto de comunicação alternativa, pelo menos no cenário brasileiro contemporâneo.

Ou seja, confirma-se a hipótese de que o jornalismo literário pode ajudar a imprensa alternativa a atingir suas finalidades por meio de reportagens mais aprofundadas do ponto de vista humano e, conseqüentemente, social. Essa contribuição se faz possível utilizando como âncoras os pilares da imersão do repórter na realidade e da humanização, tendo em vista que a ênfase na dimensão humana é um dos pontos fortes do bom uso do jornalismo literário e também preocupação de veículos que tentam se apresentar como alternativos no cenário midiático, no sentido de dar espaço e voz a pessoas que não encontram representatividade nos componentes da grande imprensa. Personagens com semelhanças, diferenças, particularidades e universalidades que alcançam todos nós e, por esse e outros motivos, nos atraem de maneira especial quando nos deparamos com histórias de vidas narradas com a sensibilidade com a qual deve ser tratada qualquer espécie de vida.

Fomos de encontro aos objetivos almejados de início após o percurso teórico que incluiu o jornalismo literário e a comunicação alternativa, a pesquisa documental abrangendo exemplos notáveis de JL e produções alternativas consolidadas, e a análise de conteúdo das reportagens de *Brasil de Fato* e *Caros Amigos*. Este último procedimento, desenvolvido no quarto e último capítulo, nos indica necessária cautela quando se tratar de sugerir técnicas de jornalismo literário para produções em meios alternativos. Há que se levar em conta os perfis e propósitos do veículo e da reportagem em questão, a fim de não desvirtuar os objetivos de determinadas matérias jornalísticas e afastar o leitor de sua fruição, em vez de aproximá-lo. Aliás, cabe frisar que certos

recursos literários não condizem com repertórios limitados. Ou seja, se introduzidos em publicações destinadas a segmentos com padrões baixos de leitura, que fazem parte do universo de alcance da imprensa alternativa, perderão eficiência e a razão de contribuir para uma melhor compreensão da trama relatada na narrativa da vida real. Tal restrição, contudo, não deve atrapalhar ou impedir a disseminação do JL por diferentes meios e formatos, a fim de qualificar a cobertura jornalística por conta do seu comprometimento com o protagonismo humano e com o diálogo social - valores, infelizmente, ausentes da prática de determinados veículos.

Como sugestão que este estudo deixa para futuras pesquisas que desejem investigar as conexões entre os dois campos relacionados aqui, fica, por exemplo, a introdução do jornalismo literário no cotidiano da produção de meios de caráter mais acentuadamente popular e comunitário do que os analisados por esta dissertação, *Brasil de Fato* e *Caros Amigos*. O desafio de trabalhar técnicas de captação de dados e redação de textos provindas da literatura em contextos cujos agentes talvez as desconheçam pode render investigações que inclusive se desloquem a campo para exercitar uma contribuição mais direta.

Mesmo admitindo eventuais lacunas que deixamos em aberto sobre o tema da pesquisa, proposto logo no título da dissertação, sentimo-nos satisfeitos com a constatação de que abrimos uma frente de pesquisa com potencial para ser mais bem explorada, especialmente por estudos futuros que se disponham a exercitar esse tipo de trânsito entre distintos campos jornalísticos, enriquecendo a produção acadêmica do jornalismo.

## Referências

AMIGOS, Caros. HISTÓRIA DA CAROS AMIGOS. **Caros Amigos**. Disponível em: < <http://carosamigos.terra.com.br/> >. Acesso em 9 dez. 2010.

BARBOSA, Alexandre. Fortalecimento da imprensa dos movimentos sociais como processo de contra-hegemonia à imprensa orgânica dos processos de neocolonização. **Communicare**: revista do Centro Interdisciplinar de Pesquisa. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, v.10, n.1, p.133-147, 1º sem. 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 1977.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL, Le Monde Diplomatique. QUEM SOMOS. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Disponível em: < <http://diplomatique.uol.com.br/> >. Acesso em 21 out. 2010.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CÂMARA, Marcelo Barbosa. **O jornalismo independente de Caros Amigos**: Um processo de contra-hegemonia. Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em < [http://www.pucsp.br/neamp/artigos/artigo\\_29.htm](http://www.pucsp.br/neamp/artigos/artigo_29.htm) >. Acesso em 9 dez. 2010.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

CASSOL, Daniel Barbosa. **Brasil de Fato**: A imprensa popular alternativa em tempos de crise. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.



CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa**: jornalismo de oposição e inovação. São Paulo: Ática, 1995.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

COSTA, Cloves Reis da. **Jornal O Trecheiro**: uma comunicação alternativa para e sobre a população em situação de rua. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). - Faculdade de Comunicação Multimídia. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2010.

COUTO, Joelma. Lixo radioativo ameaça região de Poços de Caldas. **Caros Amigos**. São Paulo, p. 20-22, jul. 2010.

FARO, José Salvador. **Realidade, 1966-1968**: tempo da reportagem na imprensa brasileira. São Paulo: Ulbra, AGE, 1999.

\_\_\_\_\_. Novo jornalismo. Onde está o problema?. **História, Cultura, Comunicação**. 24. maio. 2009. Disponível em: <<http://www.jsfaro.net/>>. Acesso em 16 jun. 2009.

FATO, Brasil de. QUEM SOMOS. **Brasil de Fato**. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/>>. Acesso em 9 dez. 2010.

FESTA, Regina. **Comunicação Popular e Alternativa**: A realidade e as utopias. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1984.

\_\_\_\_\_. Movimientos sociales, comunicación popular e alternativa. In: FESTA, Regina; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Comunicación popular y alternativa**. Buenos Aires: Paulinas, 1986, p. 11-29.

FIORUCCI, Rodolfo. A revista Caros Amigos: algumas considerações sobre a sua formação. **Comunicação & Inovação**: revista do curso de Mestrado em Comunicação. São Caetano do Sul: Universidade Municipal de São Caetano do Sul, v. 8, n. 15, p. 57-64, jul-dez 2007.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FÓRUM, Revista. SOBRE A REVISTA. **Revista Fórum**. Disponível em: < <http://www.revistaforum.com.br/> >. Acesso em 21 out. 2010.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**: revista da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo: FGV, v.35, n.3, p.20-29, 1995.

GOMES, Pedro Gilberto. **O jornalismo alternativo no projeto popular**. São Paulo: Paulinas, 1990.

GRINBERG, Máximo Simpson (org.). **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.

INTERVOZES. **Vozes da democracia**: história da comunicação na redemocratização do Brasil. São Paulo: Intervozes; Imprensa Oficial, 2006.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de massa**: análise de conteúdo. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1989.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

KÜNSCH, Dimas. Compreendo ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare**: revista do Centro Interdisciplinar de Pesquisa. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, v.5, n.1, p.43-54, 1º sem. 2005.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Colômbia espelho América**: dos piratas a García Márquez, viagem pelo sonho da integração latino-americana. São Paulo: Perspectiva e Edusp, 1989.

\_\_\_\_\_. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

\_\_\_\_\_. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2.ed. São Paulo: Manole, 2004.

\_\_\_\_\_. CONCEITOS. **Academia Brasileira de Jornalismo Literário**. Disponível em: <<http://www.abjl.org.br>>. Acesso em 16 jun. 2009a.

\_\_\_\_\_. JORNALISMO LITERÁRIO NO CINEMA. **Portal do Jornalismo Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/arquivodomural8.htm>> Acesso em 16 jun. 2009b.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Jornalismo popular no Rio Grande do Norte. **Comunicação & Sociedade**: revista do Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernardo do Campo, n. 6, 1981.

MAIA, Marta Regina; RODRIGUES, Felipe. A narrativa jornalística anticonvencional de Gay Talese. **Comunicarte**: revista do Centro de Linguagem e Comunicação. Campinas: Pontifícia Universidade Católica, v.25, n.32, p. 43-59, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Imprensa e capitalismo**. São Paulo: Kairós, 1984.

MARTINS, Maura Oliveira e ARAÚJO, Paulo Roberto de Oliveira. A Casa de Todos os Santos: A criatividade no texto da reportagem impressa através da recuperação de aspectos do Novo Jornalismo. In: SILVEIRA, Ada Machado da (org.). **Jornalismo além da notícia**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

\_\_\_\_\_. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MELO, José Marques de, e ASSIS, Francisco (orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MERTON, Robert. **Sociologia**: Teoria e Estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MILITÂNCIA estoura dois aparelhos clandestinos da campanha Serra. **Brasil de Fato**. São Paulo, 21 a 27 out. 2010. Editorial, p. 2.

MODERNELL, Renato. **Em trânsito**: um estudo sobre narrativas de viagem. Tese (Doutorado em Letras). - São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

MOURA, Ana Maria Straube de Assis. **Brasil de Fato**: Trajetória, contradições e perspectivas de um jornal popular-alternativo. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). - Faculdade de Comunicação Multimídia. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

OCAS, Revista. OCAS NA MÍDIA. **Blog da Ocas**. Disponível em: < <http://blogdaocas.blogspot.com/> >. Acesso em 22 out. 2010.

OLIVEIRA, Dennis de. O jornalismo alternativo na contemporaneidade. **Alterjor**: revista do Grupo de Pesquisa de Jornalismo Popular e Alternativo da Escola de Comunicações e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 2, n. 2, Especial p. 5-9, jul-dez 2010.

PEIXOTO, Carlos. Seis propostas para o próximo jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Raimundo Rodrigues. La prensa alternativa vive. Viva la prensa alternativa. In: FESTA, Regina; LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Comunicación popular y alternativa**. Buenos Aires: Paulinas, 1986, p. 56-80.

PERUZZO, Cicília. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. **Palabra-Clave**: revista da Facultad de Comunicación. Bogotá (Colômbia): Universidad de La Sabana, v. 11, n. 2, p. 367-379, dez. 2008.

\_\_\_\_\_. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Galáxia**: revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

PINTO, Lúcio Flávio. SOBRE. **Jornal Pessoal. A agenda amazônica de Lúcio Flávio Pinto**. Disponível em: <<http://www.lucioflaviopinto.com.br/>>. Acesso em 15 out. 2010.

SALLES, Marcelo. Teatro da Maré mostra a força da favela. **Caros Amigos**. São Paulo, p. 40-41, jul. 2010a.

\_\_\_\_\_. Feira nordestina, sotaque carioca. **Caros Amigos**. São Paulo, p. 26-28, ago. 2010b.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos Santos. Abaixo o jornalismo bege. In: WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 235-245.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: Reflexões e Princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Francilene de Oliveira. **Protagonistas do cotidiano na revista piauí**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). - Faculdade de Comunicação Multimídia. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TEIXEIRA, Nayara. **A mídia alternativa Revista Viração**: Uma iniciativa que inclui adolescentes e jovens na busca pela emancipação social. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

UCHOAS, Leandro. Sobre petróleo, eleições e o que está em disputa. **Brasil de Fato**. São Paulo, p. 5, 21 a 27 out. 2010.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

VIRAÇÃO, Revista. HISTÓRIA. **Revista Viração**. Disponível em: <  
<http://www.viracao.org/>>. Acesso em 22 out. 2010.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

YAGODA, Ben; KERRANE, Kevin (eds.). **The art of fact: a historical anthology of literary journalism**. New York: Scribner, 1997.

## **ANEXOS**

- Capa e contracapa do livro-reportagem Colômbia espelho América
- 3 reportagens da revista piauí
- 5 reportagens de Eliane Brum
- 22 reportagens do jornal Brasil de Fato
- 19 reportagens da revista Caros Amigos